UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE BIOLOGIA

THAÍSSA BROGLIATO JUNQUEIRA ENGEL

MACROEVOLUTIONARY STUDIES IN MAXILLARIINAE (ORCHIDACEAE)

ESTUDOS MACROEVOLUTIVOS EM MAXILLARIINAE (ORCHIDACEAE)

CAMPINAS

2021

THAÍSSA BROGLIATO JUNQUEIRA ENGEL

MACROEVOLUTIONARY STUDIES IN MAXILLARIINAE (ORCHIDACEAE)

ESTUDOS MACROEVOLUTIVOS EM MAXILLARIINAE (ORCHIDACEAE)

Thesis presented to the Institute of Biology of the University of Campinas in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor in Plant Biology.

Tese apresentada ao Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do Título de Doutora em Biologia Vegetal.

Orientadora: Eliana Regina Forni Martins

Co-orientadora: Ana Paula de Moraes

ESTE ARQUIVO DIGITAL CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA THAÍSSA BROGLIATO JUNQUEIRA ENGEL E ORIENTADA PELA DRA ELIANA REGINA FORNI MARTINS.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Biologia
Mara Janaina de Oliveira - CRB 8/6972

En32m

Engel, Thaíssa Brogliato Junqueira, 1989-
Macroevolutionary studies in Maxillariinae (Orchidaceae) / Thaíssa Brogliato Junqueira Engel. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Eliana Regina Forni Martins.
Coorientador: Ana Paula de Moraes.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia.

1. Angiosperma - Filogenia. 2. Macroevolução. 3. Nicho (Ecologia). 4. Tamanho do genoma. 5. Poliploide. 6. Modelos de distribuição de espécies. I. Forni-Martins, Eliana Regina, 1957-. II. Moraes, Ana Paula de, 1977-. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Biologia. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Estudos macroevolutivos em Maxillariinae (Orchidaceae)
Palavras-chave em inglês:
Angiosperms - Phylogeny
Macroevolution
Niche (Ecology)
Genome size
Polyploidy
Species distribution model
Área de concentração: Biologia Vegetal
Titulação: Doutora em Biologia Vegetal
Banca examinadora:
Eliana Regina Forni Martins [Orientador]
Ingrid Koch
Bárbara Simões Santos Leal
Luiz Gustavo Rodrigues Souza
Suzana Maria dos Santos Costa
Data de defesa: 30-04-2021
Programa de Pós-Graduação: Biologia Vegetal

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0002-0421-9048
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/3339553006387885

Campinas, 30 de abril de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Drª. Eliana Regina Forni Martins

Profª. Drª. Ingrid Koch

Drª. Bárbara Simões Santos Leal

Drª. Suzana Maria dos Santos Costa

Dr. Luiz Gustavo Rodrigues Souza

Os membros da Comissão Examinadora acima assinaram a Ata de defesa, que se encontra no processo de vida acadêmica do aluno.

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal do Instituto de Biologia.

To all my fellow researchers who share
with me the unique experience of
making science.

ACKNOWLEDGES

Thanks to my supervisors, Eliana Regina Forni Martins and Ana Paula Moraes, who have continuously supported me through this work. I have profound gratitude and admiration for these amazing women.

Thanks to Juliano Sarmento Cabral, who took me in at his lab in Germany for an incredible learning experience, and to all the folks from CCTB, Würzburg University.

Thanks to all the collaborators in this project and to Vitor Miranda, Saura Rodrigues and Eric Smidt for the phylogeny lessons.

Thanks to my dear colleagues and friends from the Lab, specially to Amanda, João Paulo, Luana, Raquel and Vitória, for precious memories, for their collaborations and for their continuous emotional support and motivation.

Thanks to all the colleagues from the Plant Biology department for their help in many steps along the realization of this work, and for all the fellow researchers of the Biology Institute and Unicamp, for making and defending quality public science and education.

Thanks to all the teachers of the Plant Biology department for the precious lessons in the hallways of the BV, to the staff and directory of Unicamp Biology Institute.

Thanks to the members of my pre evaluation board for the much appreciated suggestions, comments and contributions to this work.

Thanks to the members of this evaluation board for accepting to contribute to the improvement of this thesis.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001. Also, Thanks to the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, process nº147377/2016-1, GM/GD - Cotas do Programa de Pós-Graduação), and to the Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE, process nº 88881.133540/2016- 01, edital nº 19/2016), for continuous founding of this work.

Thanks to my second family, my dear friends from Madalena Arrependida, Peter, Fellipe, Ludmila, Marcela, Bárbara, Victor, Leonardo, Gil, Ana Paula, Taynara, Matheus, Sheila, Caroline, and Carol who shared with me at our home some of the best and some of the most difficult moments of my life during the masters and the doctoral studies.

Thanks to my mother Verginia and to my brother and best friend, Matheus, for their love and care, and for being awesome.

Thanks to my partner Analie for her care, support, motivation, for all the help with figures, editions, and for making my life full of love.

RESUMO

Mudanças em número cromossômico e tamanho de genoma podem implicar alterações genômicas estruturais e culminar em efeitos imediatos na aptidão e no fenótipo dos organismos, estando frequentemente associadas a diferenciação de nicho. Uma vez que traços genômicos e morfológicos são herdáveis e taxa mais proximamente relacionados têm maiores chances de compartilhar distribuição geográfica, as possíveis associações entre mudanças genômicas, variáveis ecológicas e condições ambientais devem ser avaliadas sob uma abordagem filogenética. A subtribo Maxillariinae (Orchidaceae) constitui um excelente modelo para o estudo dessa temática, pois apresenta ampla distribuição espacial e grande diversidade morfológica e cariotípica. No entanto, as relações dentro da subtribo ainda não estão bem resolvidas, e sua diversa morfologia vegetativa, somada aos traços florais uniformes, impulsiona discussões sobre o melhor tratamento taxonômico para representar adequadamente a evolução do clado. O objetivo do presente estudo foi avaliar as correlações entre mudanças genômicas e as variáveis ecológicas e ambientais associadas à distribuição de orquídeas neotropicais, utilizando Maxillariinae como modelo. Para tal, uma hipótese filogenética utilizando os marcadores nrITS, mtak-trnk e atpB-rblc foi desenvolvida para a subtribo por Inferência Bayesiana a fim de entender relações entre gêneros da subtribo e para análises macroecológicas. Para entender como as espécies respondem ao ambiente, produzimos Modelos de Distribuição de Espécies (SDMs). Também compilamos informações sobre hábitos, número cromossômico e tamanho de genoma. Para avaliar as relações entre as variações nas características genômicas e as variáveis ecológicas e ambientais em uma abordagem filogenética, foram feitas regressões múltiplas por Mínimos Quadrados Generalizados Filogenéticos (PGLS). A hipótese filogenética obtida foi majoritariamente bem resolvida, recuperando a maioria dos gêneros como monofiléticos e com alto suporte, com exceção de *Nitidobulbon* e *Heterotaxis*. O core Maxillariinae também teve alto suporte, e as relações entre gêneros estão majoritariamente de acordo com a literatura, apoiando a divisão do antigo mega gênero *Maxillaria* em 17 gêneros menores. Em relação às respostas ambientais, observamos que temperatura, precipitação e medidas de variação de temperatura afetam a adequação ambiental para a ocorrência de espécies, sugerindo que a ocorrência de Maxillariinae pode ser favorecida em locais mais úmidos, com

temperaturas estáveis e invernos relativamente amenos. Sobre as regressões, ao excluir os poliplóides da amostra, o aumento do tamanho do genoma foi associado à deserção do epifitismo como único hábito possível e a ambientes mais secos. Essas mesmas condições foram observadas associadas ao aumento do número cromossômico, mas apenas quando os poliplóides são incluídos na amostra. Nossos resultados sugerem que a poliploidia pode estar permitindo que as espécies ocorram em ambientes mais adversos, possivelmente devido aos benefícios conferidos pela maior diversidade genômica. Por outro lado, a correlação de genomas maiores com os ambientes secos pode estar relacionada à deserção do epifitismo, uma vez que espécies com grandes genomas não podem ser epífitas, e espécies não epifíticas são capazes de acessar a umidade do solo. Mediando as relações entre hábitos e tolerâncias ambientais, as mudanças genômicas parecem ser um componente central para a distribuição das espécies, com a poliploidia permitindo que os organismos cresçam em condições mais adversas.

Palavras-chave: *Maxillaria*, Mínimos Quadrados Generalizados Filogenéticos, Modelos de Distribuição de Espécies, Poliploidia, Tamanho do Genoma, Nichos Ecológicos.

ABSTRACT

Changes in chromosome number and genome size imply structural changes to the genome and may cause effects on the fitness and the phenotype of organisms, being often associated with niche differentiation. Since genomic and morphological traits are heritable, and related taxa have greater chances of sharing spatial distribution, relationships among chromosomal changes, ecological variables and environmental conditions should be appraised under a phylogenetic background. Maxillariinae, a neotropical Orchidaceae subtribe, constitute an excellent model for studying this matter, since it presents a wide distribution and huge morphological and karyotypic diversity. However, relationships within the subtribe are not well resolved, and its diverse vegetative morphology, added to uniform floral traits, drives discussions on the best taxonomic treatment. In the present study we aimed to appraise the correlations of genomic changes to the ecological and environmental variables associated with the distribution of neotropical orchids, using Maxillariinae as a study group. To do so, we sequenced three DNA regions, nrITS, mtak-trnk and atpB-rblc, of species from genera underrepresented in previous phylogenetic studies, and adding species from databases to the matrix, we produced a new phylogenetic hypothesis through Bayesian Inference, to serve both the understanding of relationships in the subtribe, and the macroecological analyses. To understand how species respond to the environment, we produced Species Distribution Models (SDMs) using a maximum entropy algorithm. We also compiled from the literature information species habits and on chromosome numbers and genome sizes, which were added to new data produced through chromosome countings and flow cytometry. To assess the relationships between the variations in the genomic traits and the ecological and environmental variables we performed Phylogenetic Generalized Least Squares (PGLS) regressions. The phylogenetic hypothesis from our data was mostly well resolved, recovering most of the genera as monophyletic and well resolved, exceptions being *Nitidobulbon* and *Heterotaxis*. The core Maxillariinae was also strongly supported, and relationships within are in accordance to the literature, supporting the splitting of the former megagenus *Maxillaria* into 17 smaller genera. Regarding environmental responses, we found temperature and precipitation, as well as measures of temperature variation, to affect suitability for species distribution, suggesting Maxillariinae orchids occurrence might be favoured in humid and

stable sites, with relatively mild winters. When excluding polyploids from the sample, genome size increase was associated with desertion of epiphytism as only possible habit and to dryer environments, and these same conditions were observed associated with chromosome number increase, but only when polyploids were included in the sample. Our results suggested that, for chromosome number, polyploidy might be allowing species to occur at more disadvantageous environments, possibly owing to benefits from enhanced genomic diversity. Meanwhile, the correlation of bigger genome sizes with the dryes environments might be due to the desertion of epiphytism, since species with big genomes cannot be epiphytes, and non epiphytic species are able to access soil moisture. Mediating relationships among habit and environmental tolerances, genomic changes were demonstrated to be a central component to species distribution, with polyploidy allowing for organisms to grow under adverse conditions.

Keywords: *Maxillaria,* Phylogenetic Generalized Least Squares, Species Distribution Models, Polyploidy, Genome Size, ecological niches.

SUMMARY

INTRODUCTION

A century ago geneticists described polyploidy, not by observing meiotic behavior or karyotypic traits, but by perceiving outwardly distinctive phenotypic characteristics, morphologic intermediacy compared to progenitors, quantitative differences in growth and traits, differential spatial distributions and environmental tolerances, all putative indicatives of ecological divergences (Ramsey & Ramsey, 2014). At that time, a lot of that, although particularly foresighting, was circunstancial or rather speculative, but set the basis for the study of ecology of genomic changes. Up to nowadays, cytogenetics, nuclear and cytoplasmic genetic markers, flow cytometry, genomic sequencing, massive database on genome size and chromosome numbers, phylogenetic comparative methods and dozens of cutting edge technologies (Levin, 2002; Madlung, 2013; Mayrose & Lysak, 2020) have been applied in the understanding of chromosomal changes (Levin, 2002; Madlung, 2013; Mayrose & Lysak, 2020). Supported by such powerful tools, ecological studies have been assessing relationships between genetic traits such as chromosome number (Manzaneda *et al.*, 2012; Thompson *et al.*, 2014; Pimentel *et al.*, 2017) and genome size (Knight & Ackerly, 2002; Díez *et al.*, 2013; Souza *et al.*, 2019; Paule *et al.*, 2020) and ecological niches, seeking to identify potential factors underlying species distributions.

The species realized range and niche are primarily determined by species inherent abiotic requirements due to physiological constraints, by resource availability and biotic interaction partners, and by dispersal ability (Soberón, 2010). The above mentioned niche drivers are evolvable, and may hence be constrained by genomic traits, making chromosomal changes a potentially useful tool to understand species distributions. Nonetheless, these ecological investigations should be carried out with a phylogenetic background, since related taxa have a greater chance of sharing present or past spatial distribution, environmental conditions and selective pressures (Anacker & Strauss, 2014), and genomic traits. Yet, the comprehension of such entangled relationships still requires more studies, remaining an open question and a central subject in modern ecology.

LITERATURE REVIEW

1. A brief history of Maxillariinae

The family name Orchidaceae was used to group orchid species for the first time in 1737, in Linnaeus *Genera Plantarum (Linnaeus, 1737),* and became fully established as a family name when Jussieu published his own *Genera Plantarum* in 1789 (de Jussieu, 1789). At that time many orchid species were described, starting from 69 species in *Species Plantarum (Linnaeus, 1753)*. For species known today under the Maxillariinae subtribe, history officially began with the description of *Maxillaria* and *Anguloa* by Ruiz and Pavón (1794) in a comprehensive study of the Peruvian and Chilean flora. Following that, many other studies have described hundreds of neotropical species under many genera, and as species descriptions accumulated, a very diverse set of morphological traits drove botanists to attempt many classifications, creating subtribes, tribes, alliances, subfamilies and divisions, and constantly transferring species between them (Lindley, 1830-1840, 1826, 1843; e.g. Swartz, 1800; Brown, 1810; Richard, 1818; Bentham, 1881b; Bentham & Hooker, 1883; Pfitzer, 1887, 1889; Dressler & Dodson, 1960; Dressler, 1979, 1981, 1993; Senghas, 1993), wich included the description of the subtribe Maxillariinae by Bentham (Bentham, 1881a) in his *Genera Plantarum* (Bentham & Hooker, 1862-1883), a 27 years study in collaboration with George Hooker, comprising more than 92,000 species.

With the advent of molecular studies and DNA based phylogenies a progressively deeper comprehension of orchids taxonomy was allowed (Chase & Hills, 1992; Chase *et al.*, 1994; Neyland, 1995; Neyland & Urbatsch, 1996; Cameron *et al.*, 1999; Williams & Mark Whitten, 2003), shedding light on the relationships within the subtribe Maxillariinae. Reviews on orchids taxonomy supported a broadened subtribe (Whitten *et al.*, 2000; Chase *et al.*, 2003), including taxa formerly placed in the former Lycastinae Schltr., making Maxillariinae then encompass the genera *Anguloa* Ruiz & Pav., *Ida* A. Ryan & Oakeley (now accepted as *Sudamerlycaste* Archilla), *Lycaste* Lindl., *Neomoorea* Rolfe, *Xylobium* Lindl., *Bifrenaria* Lindl., *Guanchezia* G.A. Romero & Carnevali, *Horvatia* Garay, *Hylaeorchis* Carnevali & G.A. Romero, *Rudolfiella* Hoehne, *Scuticaria* Lindl., *Teuscheria* Garay, and the core Maxillariinae, *Anthosiphon* Schltr., *Brasiliorchis* R. Singer, S. Koehler & Carnevali, *Cryptocentrum* Benth.,

Chrysocycnis Linden & Rchb.f., *Cyrtidiorchis* Rauschert, *Maxillaria* Ruiz & Pavon, *Mormolyca* Fenzl, *Pityphyllum* Schltr., and *Trigonidium* Lindl.

In the early 2000's intra and intergeneric studies based on morphology and DNA were enhancing the comprehension of relationships within the subtribe and its genera, such as for *Cryptocentrum (Carnevali, 1997, 2001)*, *Anguloa* and *Lycaste* (Ryan, 2001), *Bifrenaria (Koehler et al., 2002; Koehler & do Amaral, 2004)*, *Heterotaxis (Ojeda et al., 2003, 2005)*, *Pityphyllum* (Whitten *et al.*, 2006) and *Brasiliorchis (Singer et al., 2007)*, but the relationships within the subtribe remained unclear, owing specially to the intricate *Maxillaria* (*sensu* Ruiz and Pavón). As originally circumscribed, *Maxillaria* had about 570 species (Christenson, 2013) widely distributed in the Neotropics, presenting a great diversity of vegetative morphologies, but flowers with relatively uniform structure (Szlachetko *et al.*, 2006).

A few initial attempts of classification of *Maxillaria* were made with morphological data (Carnevali, 1991; Senghas, 1993, 2000; Dressler, 1993; Christenson, 2002), but with support from DNA data, the genus *Maxillaria s.l.* was shown to be polyphyletic (Whitten *et al.*, 2000; Dathe & Dietrich, 2006). The first comprehensive phylogeny for *Maxillaria s.l.* and related genera analyzed four DNA regions of 618 specimens (354 species) looking for a molecular support that, associated with possible morphological synapomorphies, could uphold a better clade design (Whitten *et al.*, 2007). The authors observed that clades often recognized as genera, such as *Anthosiphon* Schltr. and *Chrysocycnis* Linden & Rchb.f., and even clades easily diagnosed by their distinct morphologies, such as *Cryptocentrum* and *Trigonidium*, were included in *Maxillaria s.l.* Since *Maxillaria sensu* Ruiz & Pavón would not be morphologically diagnosable (Whitten *et al.*, 2007), the new taxonomic treatment for the subtribe proposed by Blanco et al. (2007) and Pridgeon et al. (2009) recognized the division of *Maxillaria* Ruiz & Pav. into a core Maxillariinae of 17 genera, some of them segregated or resuscitated from *Maxillaria: Brasiliorchis* R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali (*Maxillaria picta* group), *Camaridium* Lindl., *Christensonella* Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek, *Cryptocentrum*, *Cyrtidiorchis*, *Heterotaxis* Lindl., *Inti* M.A.Blanco, *Mapinguari* Carnevali & R.B.Singer (*Maxillaria rufences* group), *Maxillariella* M.A.Blanco & Carnevali (*Maxillaria variabilis* group), *Mormolyca*, *Nitidobulbon* Ojeda, Carnevali & G.A.Romero, *Ornithidium* Salisb. ex R.Br., *Pityphyllum*, *Rhetinantha* M.A.Blanco, *Sauvetrea* Szlach., *Trigonidium* Lindl. and *Maxillaria* Ruiz & Pav. itself. Besides the core Maxillariinae, the authors recognize as well

the genera *Anguloa* Ruiz & Pav., *Bifrenaria* Lindl., *Guanchezia* G.A.Romero & Carnevali, *Horvatia* Garay, *Lycaste* Lindl., *Neomoorea* Rolfe, *Rudolfiella* Hoehne, *Scuticaria* Lindl., *Ida* A. Ryan & Oakeley (=*Sudamerlycaste* Archila), *Teuscheria* Garay, and *Xylobium* Lindl. as belonging to the subtribe.

Since Whitten et al. (2007) and Blanco et al. (2007) studies, orchid researchers kept enhancing comprehension of Maxillariinae relationships, specially for the genera *Nitidobulbon (Ojeda et al., 2009)*, *Christensonella (Koehler et al., 2008, 2012)*, *Mormolyca* (Arévalo & Cameron, 2013; Arévalo *et al.*, 2015) and *Brasiliorchis (Novello, 2015)*, contributing to the reevaluation of generic boundaries. Subtribe relationships have also been investigated (e.g. Szlachetko *et al.*, 2012; Whitten *et al.*, 2014; Chase *et al.*, 2015; Schuiteman & Chase, 2015), and despite the new studies confirming the taxa recovered by Whitten et al. (2007), some authors disagreed with them in the taxonomic treatment adopted following their work.

For instance, attempting to summarize relationships within Maxillariinae, Szlachetko *et al.* (2012) proposed dramatic changes to the subtribe taxonomy. Besides having created new genera from *Maxillaria* s.l., as for instance *Calawaya* Szlach. & Sitko and *Pseudocymbidium* Szlach. & Sitko, the authors payed particular attention to *Camaridium* and *Ornithidium sensu* Blanco et al. (2007), which they considered to have difficult identification due to inaccurate and broadly defined generic delimitations. These two genera were then divided into 14 genera, five of which were proposed by the authors, and added to further divisions of *Maxillaria* s.l. and other recircumscriptions. The revision of the subtribe resulted in 36 genera, easily distinguishable through the dichotomous key they presented. However, this classification is not adopted by orchid researchers because most of the proposed genera are either para- or polyphyletic even according to the authors own phylogeny, or monophyletic groups embedded within larger polyphyletic clades (Chase *et al.*, 2015; Schuiteman & Chase, 2015).

The most recent Maxillariinae reassessments (Chase *et al.*, 2015; Schuiteman & Chase, 2015) suggested to bring back together the clades proposed by Blanco et al. (2007) and Pridgeon et al. (2009) into a *Maxillaria* megagenus composed of 634 species subdivided into 17 sections. According to the authors, the splitting of *Maxillaria* in 17 genera would be

just a proliferation of taxonomic names and they defend that: a) a single large *Maxillaria* genus would be more easily identifiable; b) the identification key proposed in the *Genera Orchidacearum* (Pridgeon *et al.*, 2009) for these genera contained flaws and the diagnostic characters were not good enough; and c) the reduction in the number of clades would assist in teaching botany. Maxillariinae would hence be composed by *Anguloa* Ruiz & Pav., *Bifrenaria* Lindl., *Guanchezia* G.A.Romero & Carnevali, *Horvatia* Garay, *Lycaste* Lindl., *Neomoorea* Rolfe, *Rudolfiella* Hoehne, *Scuticaria* Lindl., *Sudamerlycaste* Archila, *Teuscheria* Garay, *Xylobium* Lindl., and a large *Maxillaria* Ruiz & Pav.

Regardless all the taxonomic efforts to enlight relationships within Maxillariinae, the subtribe is far from being well resolved, mainly due to shorten in the sampling with many genera underrepresented in Maxillariinae phylogenies (e.g. *Scuticaria*, *Xylobium*, *Rudolfiella*, *Rhetinantha*). This fact represents a serious problem, because in neotropical flora, where the subtribe constitute an important component (Williams & Mark Whitten, 2003), botanical exploration still lags far behind the biodiversity (dos Santos *et al.*, 2015; Hopkins, 2019). The advance of molecular phylogenies to support orchid and general biodiversity and ecological studies in Amazon and Atlantic Forest is urgent, due to the pressures of understanding species dynamics under climate changes and the serious deforestation in these sites, specially nowadays, when anti-environmental and pro-development policies are taking place in Brazilian government (de Area Leão Pereira *et al.*, 2019, 2020; Johnson, 2020; Stewart *et al.*, 2020). Finally, given the importance of a stable nomenclature in science (Christenhusz *et al.*, 2015; Christenhusz, 2020), genera within Maxillariinae urge for unassailable delimitation and resolution so researchers can achieve consensus in the taxonomic treatment of the subtribe.

2. Species Distribution Models (SDM)

Scientists have been observing for centuries the relationships between species distributions and environmental conditions and gradients (Murray, 1866; Schimper, 1902; Grinnell, 1904), highlighting responses of species occurrence to the environment (Cain, 1931; Whittaker, 1956; Harmon *et al.*, 1984). Despite early studies in said matter being rather qualitative (Elith & Leathwick, 2009), they set the foundation for biogeography and provided

the conceptual framework for the development of numerical, explanatory methods (Malanson & Peet, 2020). Such quantitative methods started from linear multiple regressions, discriminant function analysis over presence-absence data and Generalized Linear Models (GLMs), whose key structural features are a component of the most advanced Species Distribution Model (SDM) techniques currently used, as for instance maximum entropy models (reviewed in Elith & Leathwick, 2009).

The understanding of relationships between a species or community and its environment and the drivers of species distribution is a central goal in science and rapidly moved developments to SDM techniques, including advances in Geographic Information Systems (GIS; Huang, 2018; Bareth & Waldhoff, 2018) and in physical geography, which allowed fine resolution digital models of Earth's surfaces, climate and vegetation (*e.g.* Olson & Dinerstein, 1998; Olson *et al.*, 2001; Hijmans *et al.*, 2005; Danielson & Gesch, 2011; Karger *et al.*, 2017). With such enhancements, SDMs became a key tool for describing patterns and making predictions and is widely used in an extensive range of applications as for instance forecasting species occurrence dynamics under impending climate change scenarios (Sinclair *et al.*, 2010; Park *et al.*, 2015), informing management plans (Van Echelpoel *et al.*, 2015), conservation policies (Mateo *et al.*, 2019; Kaky *et al.*, 2020) and researching biological issues as ecology (Soberón, 2010; Guo *et al.*, 2015; Norberg *et al.*, 2019), paleobiology (Svenning *et al.*, 2011), systematics (Kharouba *et al.*, 2013), biogeography (Guisan *et al.*, 2006; Fois *et al.*, 2018), invasiveness (Srivastava *et al.*, 2019; Liu *et al.*, 2020) and many other applications (reviewed in Guisan & Thuiller, 2005; Booth *et al.*, 2014; Hao *et al.*, 2019).

Following the increasing utilization of SDMs in sciences, many algorithms were developed, including GLM and Generalised Additive Models (GAM), Maximum Entropy Modelling (MaxEnt), MaxLike, Random Forests (RF), Boosted Regression Trees (BRT), Artificial Neural Networks (ANN), Bayesian Hierarchical Modelling (BHM), Support-Vector Machine (SVM), Classification and Regression Trees (CART) and Flexible Discriminant Analysis (FDA) among others, besides Ensemble Modellig, which combines multiple SDMs from different methods into one prediction by averaging the models (Araújo & New, 2007; Marmion *et al.*, 2009). These techniques have been extensively compared and tested on their accuracy and performance (Phillips *et al.*, 2004; Elith *et al.*, 2006; Elith & Graham, 2009; Buckley *et al.*, 2010; Liu *et al.*, 2011; Li & Wang, 2013; Silva *et al.*, 2014; Merow & Silander, 2014; Duan *et*

al., 2014; Fiedler *et al.*, 2018; Hao *et al.*, 2020; Perkins-Taylor & Frey, 2020; Kaky *et al.*, 2020). The conclusion is that there is no single SDM algorithm that can outperform the others under all experiment designs (Li & Wang, 2013), leaving the choice on which technique to use in the dependance of the objectives of each study and the data available (Guillera-Arroita *et al.*, 2015). Yet, MaxEnt (Phillips *et al.*, 2006; Elith *et al.*, 2011) was shown to outperform single model based SDMs in many studies and to produce predictions of comparable accuracy to ensembling methods (Kaky *et al.*, 2020).

MaxEnt stands for maximum entropy, a machine learning algorithm which compares the environmental variables underlying species observation points against a random set of pseudo-absence points, *i.e.* the background. As a result, a distribution model is produced (Phillips & Dudík, 2008), represented by a map of probability of suitability for occurrence (Figure 1). MaxEnt is considered a stable and high performance method even under default parameters (Phillips & Dudík, 2008) or using small sample sizes (Wisz *et al.*, 2008), and estimates the distribution of a given species by finding the least biased distribution possible (*i.e.* the distribution with Maximum Entropy). Additionally, it does not require true absence data, but only presence and background (Phillips *et al.*, 2006; Elith *et al.*, 2006), is implemented through free, user-friendly and open source R packages ('ENMTools' Warren *et al.*, 2010; 'sdm' Naimi & Araújo, 2016; e.g. 'dismo' Hijmans *et al.*, 2017; Phillips *et al.*, 2017), and does not require massive computational power, all these reasons making MaxEnt the most popular choice among researchers (Kaky *et al.*, 2020).

The MaxEnt output comprises a series of statistics on the probability of suitability for occurrence in response to variables and on the importance and contribution of the imputed predictor variables to the model. Examples of such statistics are Percent contribution, Permutation importance and the Jackknifes for training gain, test gain and AUC. *Gain* is a central concept in MaxEnt and it is basically the deviance in the probability of the presence over the background. For Permutation importance and Percent contribution to the Model statistics, MaxEnt tracks how much the overall model gain is increased or decreased when a coefficient is changed in each iteration of the training algorithm. For Percent Contribution to the Model, the increase or decrease in the regularized gain is added or subtracted to the contribution of the corresponding variable. Finally, for the Permutation Importance estimate, the values of the variable in turn are randomly permuted, decreasing the possible bias

caused by the order of input of the variables in the first estimate. The Jackknife test of variable importance accounts dependencies between predictors by estimating how well a model would perform if using only one variable in contrast to the performance of a model with all variables but the given one and comparing both data with the overall model performance. The variables with higher gain when used alone are the ones that contribute the most to the model, therefore they might have the most useful information by themselves. The variables which, when omitted, cause the gain to be lower compared to the overall model would have the most information that is not present in the other variables (for further explanations, see Elith *et al.*, 2011; Phillips, 2017; Phillips *et al.*, 2017).

MaxEnt models have been criticized for having produced overfitting models (Merckx *et al.*, 2011; Halvorsen, 2013; Radosavljevic & Anderson, 2014) and for being oversimplified or incorrectly applied (Yackulic *et al.*, 2013; Morales *et al.*, 2017). A good and contemporary example of such is the recent publication stating that, according to SDM forecasts, climate would naturally be a primary regulator for the spread of the infection by the SARS-CoV-2 Coronavirus, which would make a synchronous global pandemic of the disease unlikely (Araujo & Naimi, 2020). The scientific community immediately responded to that pointing out the inadequacy of the application of SDMs to the SARS-CoV2 Coronavirus (Chipperfield *et al.*, 2020; Harbert *et al.*, 2020), but we also have seen such statement to be proven wrong given the quick spread of the virus. Nonetheless, many researches have been addressing the sources of uncertainty in predictions, as choice and adequacy of SDMs, model parameters and complexity, sample size, spatial distribution, spatial scale, variable selection and model evaluation (e.g. Wisz *et al.*, 2008; Warren & Seifert, 2011; Anderson & Gonzalez, 2011; Halvorsen *et al.*, 2016; Khosravi *et al.*, 2016; Kiedrzyński *et al.*, 2017; Shabani *et al.*, 2018; Fourcade *et al.*, 2018; Kong *et al.*, 2019; Fernández & Morales, 2019; Sanei *et al.*, 2020). Following, guidelines have been published (Merow *et al.*, 2013; Araújo *et al.*, 2019; Zurell *et al.*, 2020) in order to help researchers to fit adequate SDMs and properly report the methods and results. Such initiative should make SDM results more comparable throughout methods, space and taxa, allowing both a deeper comprehension of the performance of models and the improvement of the algorithms.

Meanwhile, well applied SDMs have already been fitting their purposes in providing valuable data to ecological studies. For instance, researchers combined data from MaxEnt

SDMs and genomic data to demonstrate that orchid bees might be susceptible to genetic disruption in the event of climatic changes, since some species presented less suitable habitat during past glaciations and currently exhibit strong population structure associated with mitochondrial genome (López-Uribe *et al.*, 2014). In another example, relationships between the richness of orchid species and ecological factors was assessed, pointing out land cover and geological substrate as strong determinants of richness patterns, besides potential occurrence in poorly known areas, thus providing data to management and conservancy policies in the Czech Republic (Štívková *et al.*, 2018).

Finally, a study conducted with orchids including two Maxillariinae species combined climatic niches from SDMs with genomic data, under a phylogenetic background, and showed diversity in genome size and GC content to have adaptive consequences, besides being associated with environmental and ecological factors (Trávníček *et al.*, 2019). However, Maxillariinae were underrepresented in their sample, which was also biased towards temperate species. Hence, relationships between genomic traits and putative responses to the environment still remain to be assessed in order to achieve a better comprehension of the association of chromosomal changes with species occurrence in the subtribe.

3. Chromosomal changes and the environment

Changes in genome structure, acknowledged as a prime stimulus for evolution in flowering plants, can impose immediate effects on the fitness and the phenotype of an individual. As such, the interdependence between the genome and the environment in which species evolve and develop have been long recognized, and the development of cutting-edge, high resolution techniques in genomic and cytogenetic studies (Levin, 2002; Madlung, 2013; Mayrose & Lysak, 2020), allied to high performance modelling algorithms applied to ecology (Guo *et al.*, 2015), have allowed a progressively deeper understanding on this matter, but also raised even more questions, making the relationships between chromosomal changes, species distribution and responses to environment a central subject in modern ecology.

Extreme environmental conditions are known to lead to failure during micro- and megasporogenesis, resulting in unreduced gametes (Ramsey & Schemske, 1998; Brownfield & Köhler, 2011), commonly involved in polyploid origin and establishment (Soltis *et al.*, 2007, 2009, 2015; Parisod *et al.*, 2010; Pelé *et al.*, 2018; Rezende *et al.*, 2020). After polyploidization, diploidization takes place: a series of genome reorganization events in order to restore the "diploid-like" state (Dodsworth *et al.*, 2016; Mandáková & Lysak, 2018; Qiao *et al.*, 2019), involving gene neo- and sub-functionalization (Rastogi & Liberles, 2005), elimination of unequal homologous and illegitimate recombination and genome downsizing, all these events being potential drivers of phenotypic novelty and key innovations which would serve as catalysts for speciation (Leitch & Bennett, 2004; Soltis *et al.*, 2015; Dodsworth *et al.*, 2016; Simonin & Roddy, 2018). That given, polyploidy drives a hearty debate among scientists: some would say it is a major force in angiosperms evolution and diversification (Soltis *et al.*, 2009; Landis *et al.*, 2018; Ren *et al.*, 2018b), owing to genetic enhanced diversity and heterogeneity (Miotto & Monacelli, 2020). Meanwhile, others would state it is an evolutionary dead end, since recent studies have shown that many angiosperm speciation events followed ploidy increases, but they were not accompanied by increased speciation rates (Wood *et al.*, 2009), and that polyploids were more likely to occur at the tips of phylogenetic trees, insinuating that they would rather be prone to extinction (Mayrose *et al.*, 2011).

Yet, the same study suggested that in those cases in which polyploids indeed succeed to establish as new species, the enhanced genetic diversity is probably the key (Mayrose *et al.*, 2011). It is also widely accepted that the duplicated gene copies after subsequent rearrangements can potentially assume new functions and allow distinct responses to environmental factors, promoting ecological niche shift (Madlung, 2013). It is suggested that, usually, the formed polyploid species tend to tolerate harsher conditions compared to diploid/parentals, and also expand to new habitats (Pandit *et al.*, 2011; Linder & Barker, 2014; Visger *et al.*, 2016; Pfennig *et al.*, 2016; Blaine Marchant *et al.*, 2016). In that sense, polyploidy, specially allopolyploidy, is believed to "*continue to be an effective speciation mechanism to sustain habitat disturbance emanating from rigors of climate change*" (Lavania, 2020).

Besides polyploidy, dysploidy (*i.e.* changes in chromosome number without significant gain or loss of genetic material) is known to be frequent across angiosperm taxa and to persist longer over evolutionary time than polyploid changes (Escudero *et al.*, 2014), owing to bring less disadvantageous changes to genome compared to polyploidy and aneuploidy (*i.e.* changes in chromosome number with gain or loss of genetic material). Dysploidy derives from chromosomal rearrangements as Robertsonian translocations, with fusions and fissions that can dramatically change the architecture of chromosomes, affecting the chromosome number, without significant loss or gain of DNA sequences, except for some sequence loss at newly telomeric distal regions and sequence gain at newly pericentromeric proximal regions (Roalson *et al.*, 2007; Ren *et al.*, 2018a). Hence, implying structural changes to the genome, dysploidy can also potentially affect the species adaptive diversification and distribution (Pandit *et al.*, 2014; Mas de Xaxars *et al.*, 2016; Mandáková & Lysak, 2018).

Regarding DNA content, when not caused by changes in chromosome number, genome size variations are caused by changes in the repetitive DNA fraction, which could represent up to 90% of the plant genome (Bennett & Leitch, 2005). The repetitive fraction of the genome is mainly composed of two categories: sequences dispersed throughout the genome - mainly retrotransposons - and sequences organized in tandem - mainly families of satellite DNA (satDNA) (Lee & Kim, 2014; Biscotti *et al.*, 2015; Garrido-Ramos, 2017; Hartley & O'Neill, 2019). The activation of retrotransposons configures the main cause of genome size gain (Bennetzen *et al.*, 2005; Michael, 2014) and was already demonstrated to cause massive increase in DNA content as a consequence of chromosome rearrangements (Winterfeld *et al.*, 2020). Additionally, transcriptional errors involving satDNA, often due to stressful environmental situations (Pezer *et al.*, 2012), constitute an alternative mechanism of genome size change (Mehrotra & Goyal, 2014). All together, these DNA content variations come with consequences to the plant.

The variation in genome size influences the plant phenotype and genotype, affecting the volume and size of chromosomes (Bennett *et al.*, 1983) and other cellular structures as the nucleus (Baetcke *et al.*, 1967), centromere (Bennett *et al.*, 1981), pollen grains (Bennett, 1972) and stomatal cells (Masterson, 1994). The genome size is also correlated with cell cycle duration (Levin, 2002), an important aspect of metabolic constraints because cell cycle duration scales up to developmental speed and generation times. Nevertheless, metabolic

rates, including demographic rates, increase with local temperature (Brown *et al.*, 2004; Savage *et al.*, 2004) and may thus compensate genome size mediated lower metabolic rates. As a consequence, the variation in GS should be associated with different abiotic preferences and life-history traits (Knight & Ackerly, 2002; Leitch & Bennett, 2007; Díez *et al.*, 2013; Pustahija *et al.*, 2013).

In fact, it has been demonstrated that species with large genome size are often perennial, slow-growing (Bennett, 1972), do not show great morphological variation and are more sensitive to radiation (Sparrow & Miksche, 1961) and to pollution, especially by heavy metals (Temsch *et al.*, 2010). The geographic distribution of species with large genome sizes is constrained to non-extreme environments (Knight & Ackerly, 2002; Knight & Beaulieu, 2008), to non-epiphytic habit (Veselý *et al.*, 2012), and the big size of their seeds hinders long-distance dispersal (LDD) (Knight *et al.*, 2005; Ogutcen & Vamosi, 2016). In contrast, polyploidy, which inherently causes the genome size to increase, facilitates the LDD, at least for seeds with good dispersal ability (Linder & Barker, 2014). A further contrast between polyploidization and genome size increase is the fact that while the first is positively associated with species diversification, the second would tend to hinder it (Vinogradov, 2003). The disadvantageous aspects of the increase in genome size are probably due to the fact that the higher volume of DNA makes cell division more expensive, causing higher demand of resources for the development and metabolism of the organism (Knight *et al.*, 2005; Gregory, 2005), without the benefits of increased recombination possibilities and heterogeneity provided by polyploidy.

There is still no consensus about the relationship between genomic changes with plant niche preferences and distributions, since researchers found contrasting results while studying this matter. For instance, there is significant positive correlation between genome size and growing elevation in wild populations of *Corchorus olitorius* L. (Malvaceae S.l.) (Benor *et al.*, 2011), while among cytotypes of *Dianthus broteri* Boiss. & Reut. (Caryophyllaceae) from diploid to dodecaploid, with great variance in genome size inclusively within some cytotypes, DNA content variations were not straightforwardly consistent with geographical distribution, regarding elevation, longitude and longitude (Balao *et al.*, 2009). A more recent study, however, conducted in the same *D. broteri* complex, analyzed ploidy instead of genome size, and using modern ecoinformatics and phylogenetic comparative

methods, found the *D. broteri* cytotypes occupying distinct niches, with distributions constrained by soil characteristics, temperature and water stress (López-Jurado *et al.*, 2019).

Another study, conducted with 14 *Eugenia* L. (Myrtaceae) species in brazilian flora, revealed different spatial distribution patterns between diploids and polyploids, with polyploid individuals associated to more adverse environments, usually at higher elevations (Silveira *et al.*, 2016). Also the increase in genome size among 23 wild *Coffea* L. (Rubiaceae) species was found to be associated with longitudinal/latitudinal gradients (Razafinarivo *et al.*, 2012). On the other hand, the authors found no correlation between genome and stomata sizes (Razafinarivo *et al.*, 2012), despite this being considered a common relationship across angiosperm trees (Hodgson *et al.*, 2010).

Overall, studies of genomic traits associations with geographical and environmental factors have been presenting both positive and negative correlations, depending on the particular taxa, environmental variables and methodologies applied (Knight *et al.*, 2005; Bennett & Leitch, 2005). Nevertheless, it has been demonstrated that factors related to species preferences and distribution are expected to be primarily associated not with the size, neither small or big, of the genome, but with size changes, either increase or decrease, and with factors underlying these genomic alterations, such as duplications, transposable elements and selective pressures (Kraaijeveld, 2010; Puttick *et al.*, 2015).

4. Tying the knots: Chromosomal changes relationships with the environmental and ecological variables associated to species distribution in Maxillariinae

Orchidaceae Juss. is the largest family among plants (Christenhusz & Byng, 2016), comprising, besides morphological and ecological, a huge karyotypic diversity: the second largest variation in genome size among plants, about 168x (Leitch *et al.*, 2009). Studies in Orchidaceae have already revealed an association between smaller genome sizes and epiphytic habit (Leitch *et al.*, 2009), which could be due to the association between smaller genome and smaller guard cells allowing to cope more efficiently with the water stress (Aasamaa *et al.*, 2001; Hetherington & Woodward, 2003). A recent study has also associated species with bigger genomes in temperate climates with the geophytic habit (Trávníček *et al.*, 2019), which the author attributed to rapid growth by expansion of preformed cells,

specifically in the early season, as an evolutive advantage in cold environments (Veselý *et al.*, 2012). As for general growing speed, analyzes for several genotypes of the subtribe Oncidiinae revealed that between sibling clades, both fast- and slow-growing plants can have small genomes, but fast-growing plants do never have large genome sizes, even within the moderate variation observed inside subtribe Oncidiinae (from 1.10 to 4.60pg, except by Rossioglossum with 7.70pg; Chase *et al.*, 2005).

Regarding chromosome number, niche preference changes are often associated to numeric changes, specially considering species-rich plant groups (Hijmans *et al.* 2007; Manzaneda *et al.* 2012; Thompson *et al.* 2014; Godfree *et al.* 2017), as Orchidaceae (Félix & Guerra, 2000; Yamagishi-Costa & Forni-Martins, 2009; Felix & Guerra, 2010). However, a first assessment comparing diploid vs. polyploid niche variation across 46 plant families showed no association of ecological and geographical gradients with chromosome number, but showed association of these gradients with shared evolutionary history (Martin & Husband, 2009). In another example, independently conducted ordinary least-squares models associated the genome size variation across Orchidaceae with nine out of 10 environmental, ecological and biological predictors, while the phylogeny-corrected PGLS model held only five predictors (Trávníček *et al.*, 2019). Whereas further studies are needed to address the ecological and karyotypic associations, the mentioned studies reinforced the importance of ecological analysis with a phylogenetic background.

Within Orchidaceae, the subtribe Maxillariinae have been the focus of discussion among researchers, regarding the best taxonomic treatment to properly represent the evolution of this clade (Blanco *et al.*, 2007; Whitten *et al.*, 2007; Szlachetko *et al.*, 2012; Schuiteman & Chase, 2015). Difficulties pose mainly in the fact that phylogenetic relationships are not yet resolved enough to achieve a consensus in that matter and morphological traits are also too diverse to allow unambiguous diagnoses (see Literature Review topic 1, “A brief history of Maxillariinae”). Nonetheless, genomic traits are as well rather diverse among Maxillariinae orchids, with chromosome numbers ranging from 2n=36 in *Christensonella uncata* (Lindl.) Szlach. to 2n=76 in *Bifrenaria tyrianthina* (Lodd. ex Loudon) Rchb.f. and genome sizes ranging from 1C=1.70pg in *Trigonidium egertonianum* Bateman ex Lindl. to 1C=5.69pg in *Scuticaria hadwenii* (Lindl.) Planch. (Koehler *et al.*, 2008; Moraes *et al.*, 2012, 2017). The karyotypic divergences in Maxillariinae are attributed to polyploidy,

dysploid numeric changes and genome content accumulation through acquisition of tandem repeats (Moraes *et al.*, 2012, 2017), but other chromosomal changes were observed in the subtribe, such as chromosome inversion, as evidenced by patterns of 5S rDNA sites in chromosomes of *Heterotaxis* species (Moraes *et al.*, 2016).

Regarding niche associations, there are indicatives that genome size increase might be related to plant size increase and desertion of epiphytism as obligatory habit in *Bifrenaria* species (Koehler & do Amaral, 2004; Moraes *et al.*, 2017), as expected in accordance to the theories of the Nucleotypic Effect (Doyle & Coate, 2019) and the Large Genome Constraints (Knight *et al.*, 2005) respectively. However, no comprehensive study has further assessed genomic and environmental relationships in Maxillariinae species.

STUDY SCOPE AND OBJECTIVES

Aiming to contribute to the knowledge of neotropical biodiversity, a team of Brazilian researchers and international collaborators in a multidisciplinary project has been brought together. This thesis, to be submitted as a fulfillment of a requirement for the degree of Doctor, directly results from such collaborations and consists in two chapters.

Chapter 1 presents a comprehensive phylogeny for Maxillariinae, including more species from the Brazillian biodiversity for some underrepresented genera, contributing to the comprehension of relationships within the clade and to discussions to the current taxonomic treatment proposals for the subtribe.

Chapter 2 presents distribution models and macroevolutionary studies for Maxillariinae species, appraising the relationships of genomic traits with the environmental and ecological variables associated with species distribution.

Our general goal is to improve the comprehension of genomic traits evolution as a putative driver of distribution patterns and species diversity in the Neotropics, and we do so

with a phylogenetic background, using the subtribe Maxillariinae, a diverse, widespread, representative and important component of our flora, as a study model. Specific objectives include:

a) Providing DNA sequences of representatives of neotropical orchids to support further phylogenetic studies;
b) Assessing relationships within Maxillaiinae to achieve a better comprehension of the evolution of the subtribe;
c) Contributing to the discussion on the best taxonomic treatment for Maxillariinae;
d) Assessing putative patterns of species distribution in response to environmental variables;
e) Determining the main environmental variables affecting species distribution among Maxillariinae species;
f) Summarizing the available data on Maxillariinae chromosome number and genome size to support and encourage the use of genomic data in further analyzes, as well as adding new information to these data;
g) Assessing putative correlations between genomic traits in Maxillariinae and environmental and ecological variables.

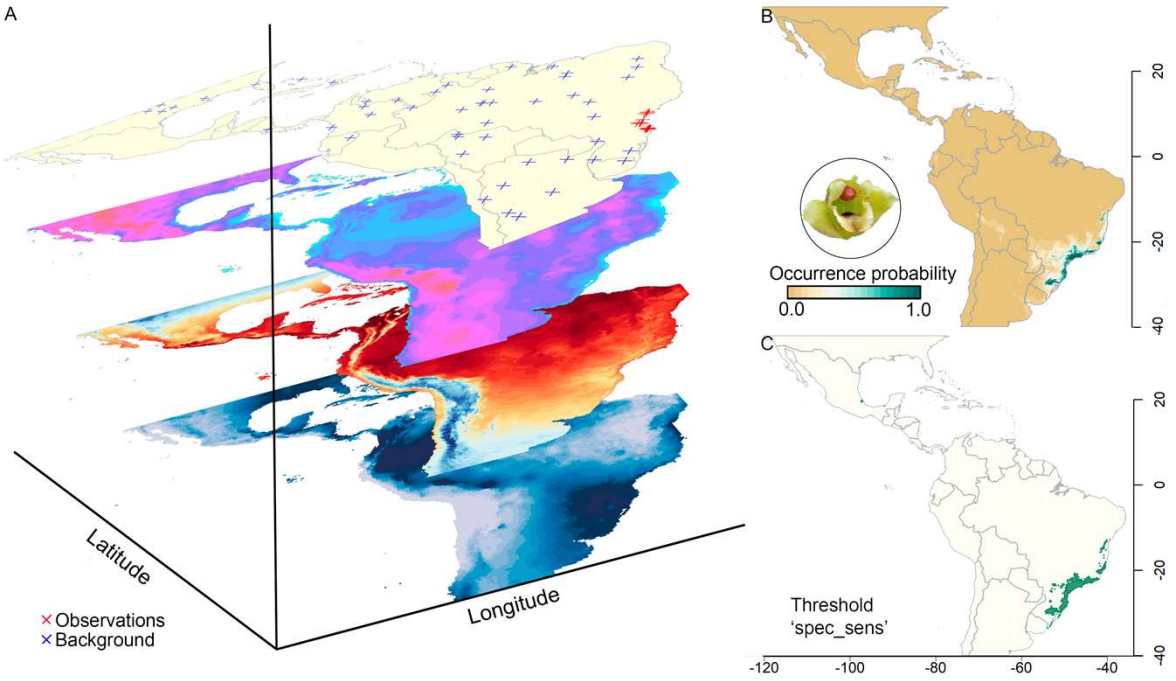


Figure 1 – SDM input and outputs. A - true presence observations (red points) and background (blue points) using *Christensonella ferdinandiana* (in detail in panel B) data as example. Observation and background points are overlaid over predictor variables (in the figure, examples of predictor variables are the climate variables: seasonality, temperature and precipitation). Data on the values of the variables in the locations of observation and background points are extracted from the variable layers. B - logistic output of SDM showing probability of species occurrence ranging from 0 (beige) to 1 (green). C - Binary representation (0 or 1) of species environmental suitability using the value at which the sum of the sensitivity (true positive rate) and specificity (true negative rate) was highest as threshold ('spec_sens'). Map areas in which the probability of environmental suitability is greater than the threshold receive the number 1, the remaining areas receive 0, and all areas with the assigned value 1 are converted to a polygon (green).

CHAPTER 1 - A NOTE ON MAXILLARIINAE (ORCHIDACEAE) RECIRCUMSCRIPTIONS: TO LUMP OR TO SPLIT?

Thaissa Brogliato Junqueira Engel[1], Eric de Camargo Smidt[2], Ana Paula Moraes[3], Eliana R. Forni-Martins[1].

[1] Universidade de Campinas – UNICAMP, Instituto de Biologia, Departamento de Biologia Vegetal, Programa de Pós Graduação em Biologia Vegetal, Campinas, 13083-970, São Paulo, Brazil

[2] Departamento de Botânica, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brazil.

[3] Universidade Federal do ABC - UFABC, Centro de Ciências Naturais e Humanas, São Bernardo do Campo, 09606-070, São Paulo, Brazil

To be submitted to the Lankesteriana

Abstract

Introduction: The morphological diversity of Maxillariinae, a species rich and widely distributed neotropical subtribe, imposes challenges for the achievement of a consensus about the best taxonomic treatment to reflect species evolution in the clade, driving discussions on whether to lump or split taxa. In the present study we aim to contribute to this matter by providing new DNA sequences and a new phylogeny to appraise relationships among and within Maxillariinae genera.

Methodology: Phylogenetic relationships were inferred using Bayesian Inference analysis of combined nrITS, the plastid matK gene and flanking trnK intron, and the plastid atpB-rbcL intergenic spacer for 223 species.

Results: A mostly well resolved and highly supported mojority rule tree was presented reinforcing the monophyly of most of the taxa segregated from *Maxillaria s.l.* as well as for basal genera (exceptions are *Nitidobulbon* and *Scuticaria* respectively).

Discussion: While both lumping and splitting are suggested for taxa recircumscriptions in the subtribe, given our results and the available literature we support a taxonomic treatment in which *Maxillaria* s.l. was splitted in 17 genera as the best representation of the evolution of Maxillariinae. We encourage further molecular and morphological monographic studies in order to appraise uncertain relationships and hopefully achieve consensus in generic delimitations.

Keywords: Maxillaria, Bifrenariinae, Lycastinae, molecular phylogeny, Bayesian Inference, orchids.

1. Introduction

Maxillariinae Bentham, circumscribed in the Cymbideae tribe, subfamily Epidendroideae (Orchidaceae), is an important subtribe in the composition of the epiphytic floras of Neotropical rainforests. It comprises about 720 species distributed from the South of the United States to the north of Argentina (Blanco *et al.*, 2007; Whitten *et al.*, 2007; Koehler *et al.*, 2008). The taxonomic treatment of Maxillariinae is rather challenging due to the difficulties in determining morphological synapomorphies in its largest genus *Maxillaria* Ruiz & Pav. (sensu Pavon & Ruiz, 1794). As originally circumscribed, *Maxillaria* had about 570 species (Christenson, 2013), which makes *Maxillaria sensu lato* one of the largest genera of Orchidaceae and Angiosperms (Cribb, 2005; Schuiteman & Chase, 2015). In addition, due to its wide distribution, adaptations to different environments contribute to a great diversity of vegetative morphologies, although its flowers have a relatively uniform structure (Szlachetko *et al.*, 2006).

In the early 2000s, following the increasing availability of DNA analyses with fine resolution, a few molecular phylogenies suggested *Maxillaria s.l.* was not monophyletic (Whitten *et al.*, 2000; Koehler *et al.*, 2002; Williams & Mark Whitten, 2003; Dathe & Dietrich, 2006; Singer *et al.*, 2007), and the first comprehensive phylogeny for the megagenus, comprising 354 species, revealed that clades often recognized as genera (i.e. *Anthosiphon* Schltr. and *Chrysocycnis* Linden & Rchb.f.), and even clades easily diagnosed by their distinct morphologies (i.e. *Cryptocentrum* and *Trigonidium)*, were embedded in *Maxillaria s.l.* Since lumping all genera to a monophyletic *Maxillaria* would make it too morphologically diverse, and hence undiagnosable (Whitten *et al.*, 2007), a new taxonomic treatment for the subtribe was proposed (Blanco *et al.*, 2007; Pridgeon *et al.*, 2009), recognizing the division of *Maxillaria* in 17 genera, some of them segregated or resuscitated from *Maxillaria: Brasiliorchis* R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali (*Maxillaria picta* group), *Camaridium* Lindl., *Christensonella* Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek, *Cryptocentrum*, *Cyrtidiorchis*, *Heterotaxis* Lindl., *Inti* M.A.Blanco, *Mapinguari* Carnevali & R.B.Singer (*Maxillaria rufences* group), *Maxillaria* Ruiz & Pav., *Maxillariella* M.A.Blanco & Carnevali (*Maxillaria variabilis* group), *Mormolyca*, *Nitidobulbon* Ojeda, Carnevali & G.A.Romero, *Ornithidium* Salisb. ex R.Br., *Pityphyllum*, *Rhetinantha* M.A.Blanco, *Sauvetrea* Szlach. and *Trigonidium* Lindl. Besides the core Maxillariinae, the authors recognize as well the genera *Anguloa* Ruiz & Pav., *Bifrenaria*

Lindl., *Guanchezia* G.A.Romero & Carnevali, *Horvatia* Garay, *Lycaste* Lindl., *Neomoorea* Rolfe, *Rudolfiella* Hoehne, *Scuticaria* Lindl., *Ida* A. Ryan & Oakeley (=*Sudamerlycaste* Archila), *Teuscheria* Garay, and *Xylobium* Lindl. as belonging to the subtribe.

A second taxonomic effort resulted in the division of *Maxillaria s.l.* into 32 genera (Szlachetko *et al.*, 2012), but it was not adopted by orchid researchers because it failed to meet basic recommendations for taxa recircumpscription, such as to designate as taxa only monophyletic and well supported groups, and to minimize as possible the nomenclatural disruption (Backlund & Bremer, 1998; Entwisle & Weston, 2005).

However, recent works are defending the lumping of the core Maxillariinae genera back together to a broad *Maxillaria s.l. (Whitten et al., 2014; Molinari-Novoa, 2015; Schuiteman & Chase, 2015)*, which would even include *Hylaeorchis (Schuiteman & Chase, 2015)*, a genus that was never considered to be *Maxillaria* before. The authors recognize that their results, as well as other molecular phylogenies for genera (Koehler *et al.*, 2008, 2012; Ojeda *et al.*, 2009; Arévalo & Cameron, 2013; Arévalo *et al.*, 2015; Novello, 2015), provide statistical support for these taxa, but in disagreement with the orchid splitters (Blanco *et al.*, 2007; Whitten *et al.*, 2007; Pridgeon *et al.*, 2009), they advocate that: a) *Maxillaria s.l.* can be easily recognized by three morphological traits: column foot with hinged lip, unifloral inflorescences and conduplicated lips; b) Some genera derived from *Maxillaria s.l.* cannot be characterised by autapomorphies, but by sets of traits, and would be difficult to identify; c) The key for identification fails to properly assign some species to the right genera; d) This classification would be disruptive nomenclature wise, much more difficult to use for non-specialists and could hinder taxonomic learning.

Lumping has also participated in the recircumscription of the basal Maxillariinae genera. A molecular phylogeny placed *Xylobium* as basal to Maxillariinae (sensu Ruiz & Pavón), and sister to the former Lycastinae genera (*Anguloa* and *Lycaste*), which in its turn was derivate to the former Bifrenariinae genera (Whitten *et al.*, 2000). Recognising Bifrenariinae, Lycastinae and Maxillariinae as separate subtribes would imply eather the creation of a subtribe for *Xylobium* alone, or keeping the genus as incertae sedis. Orchid taxonomists favoured a broader Maxillariinae to encompass the four groups. However, the

position of *Xylobium* in the subtribe remains controversial (see Whitten *et al.*, 2000, 2007, 2014; Freudenstein & Chase, 2015; Schuiteman & Chase, 2015)

The discussion on whether to lump or to split clades should be supported by objective characters such as DNA sequences, chemistry and morphological traits selected to account for trait convergence and phenotypic plasticity (Christenhusz, 2020). In this sense, since Whitten (2007) many studies were published, enlightening inter and infrageneric boundaries within Maxillariinae (Koehler *et al.*, 2008, 2012; Ojeda *et al.*, 2009; Szlachetko *et al.*, 2012; Arévalo & Cameron, 2013; Whitten *et al.*, 2014; Arévalo *et al.*, 2015; Novello, 2015; Schuiteman & Chase, 2015). Yet, regardless of all the taxonomic efforts, it is clear that Maxillariinae is far from being well resolved and lacks data for achieving consensus on a conclusive, unassailable classification. In this study we present a new phylogeny, including species of genera that are underrepresented in Maxillariinae phylogenies (e.g. *Scuticaria*, *Xylobium*, *Rudolfiella*, *Rhetinantha*). We aim to contribute to the comprehension of relationships within the core Maxillariinae, but also among the basal genera of the subtribe, which are generally overlooked in the taxonomic reviews.

2. Material and methods

2.1. Plant material

All plant material was provenient from the living collection of the Frederico Carlos Hoehne Orchidarium of the São Paulo Institute of Botany or collected during field expeditions and all vouchers were deposited in HUFABC herbarium (acronym following Thiers, 2020).

2.2. Extraction, amplification and sequencing.

Genomic DNA extraction followed the CTAB 2x protocol (Doyle & Doyle, 1987) excluding β-mercaptoethanol. We used primers 17SE and 26SE (Sun *et al.*, 1994) to amplify

the internal transcribed spacers from the nuclear ribosomal DNA (*nr*ITS) and the primers 19F (Goldman *et al.*, 2001) and trnK2R (Johnson & Soltis, 1994) to amplify the *matK-trnK* region from the plastidial genome, with a third internal primer for sequencing, the 308F. The *atpB-rbcL* intergenic spacer was amplified with the primers MaxF and MaxR , designed by Mark Whitten (Whitten *et al.*, 2007). The PCRs parameters and reagent volumes are described in Whitten et al. (2007). Purification and sequencing were performed by Macrogen (Seoul, South Korea - http://dna.macrogen.com/eng/), using the same primers mentioned above. The obtained sequences will be submitted to GenBank.

2.3. Species matrix

A total of 31 *nr*ITS, 32 *atpB-rbcL* and 35 *matK-trnK* sequences were produced for the present work (Table 1), from which 15 species are new to comprehensive Maxillariinae phylogenies (see "*" in Table 1). In addition to the specimens we have sequenced, we compiled from the GenBank database sequences for *nr*ITS, *matK-trnK* and *atpB-rbcL* of Maxillariinae (Supplementary Table1). Among the sequences compiled, we select whenever possible those that: a) were published by Whitten et al. (2007); b) had information about the species voucher; c) had sequences for the three DNA regions from the same individual; d) had greater length and better quality, and; e) have genomic traits information published in literature, to support parallel works being carried out by our group. The final matrix comprised 223 species, being 212 *nr*ITS, 221 *matK-trnK and* 204 *atpB-rbcL.*

2.4. Alignments

The homologous sequences were aligned using the MAFFT v1.3.5 plug-in (Katoh & Standley, 2013; Katoh *et al.*, 2019) and MUSCLE v3.5 (Edgar, 2004) in the Geneious software v9.1.4 (Kearse *et al.*, 2012). All alignments were verified, compared and edited manually for minor inconsistencies and ambiguities. MUSCLE showed better results for the *atpB-rbcL* spacer region, so we used the MUSCLE alignments for that region and MAFFT for the others. The matrices were concatenated into a single matrix using the Geneious 9.1.4 software (Kearse *et al.*, 2012).

2.5. Bayesian inference

For Bayesian Inference (IB), the best evolutionary models for nucleotide substitution for each marker were chosen using the Corrected Akaike Information Criterion (AICc) test (Hurvich & Tsai, 1993), implemented at jModelTest2 (Posada, 2008; Darriba *et al.*, 2012), through the online platform CIPRES Science Gateway (http://www.phylo.org/; Miller *et al.*, 2010, 2011). BI analyzes were performed using MrBayes 3.2.2 on XSED at CIPRES (Huelsenbeck & Ronquist, 2001; Ronquist *et al.*, 2012). Due to the different evolutionary models of each DNA region, data partitions were created, which were treated independently in terms of their parameters. The BI consisted of two simultaneous runs of four MCMC chains (Markov chain Monte Carlo - Monte Carlo via Markov chains) for 10,000,000 generations. We discarded the initial 2,500,000 generations, setting a 25% burn-in. The remaining trees were used for the inference of a tree by majority consensus (50% majority-rule consensus tree), with the frequency with which each clade is observed between the trees representing the posterior probability of that clade. Because PP in Bayesian analyses generally holds higher values than other estimates (e.g. bootstrap percentages in maximum parsimony; Erixon *et al.*, 2003), we use the criteria of standard statistics, considering well supported those clades with PP≥95.

3. Results

All DNA regions yielded good sequences, being *atpB-rbcl* the most difficult to amplify and align. Amplification and sequencing with the primers 19F, 308R and trnK2R yielded a *matK-trnK* intron region and a nearly complete portion of matK, and the alignment also revealed indels. The phylogenetic hypothesis from our data added to geneBank sequences can be seen in Figure 1 (species sequenced for this study are marked by filled circles in the tips) and presented well resolved clades with strong support for almost all genera (PP>95). The exceptions were a) *Lycaste* (PP=84); b) a paraphyletic *Scuticaria*, divided in two well supported clades, one formed by three specimens of *S. hadwenii* (PP=100), and the other

formed by *S. salesiana* and *S. steelei* (PP=100); c) the polyphyletic *Nitidobulbon*, with *N. cymbidioides* and *N. nasutum* as sisters to *Heterotaxis* and *N. proboscideum* sister to *Ornithidium*, despite the three genera formed a well supported clade (PP=100). The core Maxillariinae was strongly supported (PP=100), as well as some clades within. *Maxillaria s.s.* and *Trigonidium* (PP=98) were placed as sisters to *Camaridium* (PP=98), *Sauvetrea* to *Cyrtidiorchis* (PP=100), and the clade these genera formed with *Christensonella, Mapinguari*, *Maxillariella*, *Rhetinantha* and *Mormolyca* was also well supported (PP=99), despite moderate resolution within. These taxa plus *Brasiliorchis* were placed as sister to *Inti* and *Cryptocentrum* (PP=98), *Inti* and *Cryptocentrum* to *Pityphyllum* (PP=96), and *Pityphyllum* to the *Heterotaxis*, *Nitidobulbon* and *Ornithidium* clade (PP=100). The core Maxillariinae was presented with moderate support (PP=91) as sister to a clade of *Anguloa* and *Lycaste* (PP=100) plus *Xylobium* (PP=97), and all these genera were sisters to a clade formed by *S. hadwenii* as sister to the extant *Scuticaria* (PP=100), which were sisters to an unresolved clade of *Hylaeorchis*, *Rudolfiella* and *Bifrenaria*.

4. Discussion

The presence of reading frameshifts in *matk*, an evidence that it is a pseudogene (Sheetlin *et al.*, 2014), was already observed in Maxillariinae (Whitten *et al.*, 2007) and other orchid and angiosperm clades (Kores *et al.*, 2000; Whitten *et al.*, 2000; Goldman *et al.*, 2001; Cameron *et al.*, 2001; Freudenstein & Senyo, 2008), but there are indicatives that it is very common in plants and other organisms and does not necessarily imply in function loss (Sheetlin *et al.*, 2014; Goodhead & Darby, 2015; Xie *et al.*, 2019). Despite new works have been suggesting the chloroplast open reading frame 1 (*ycf1*), another plastid gene, to be more variable than *matk-trnk* in orchids (Neubig *et al.*, 2009) and to perform better in plant phylogenies (Dong *et al.*, 2015), the phylogenetic hypothesis resulting from *matK-trnK* combined with *nr*ITS and *atpB-rbcL* delivered a topology comparable to that of *nr*ITS, *nr*ITS/*matK-trnK*/*ycf1* and *matk-trnk*/*ycf1* (Engel *et al.* in prep. Whitten *et al.*, 2014; Moraes *et al.*, 2017), proving it to be useful to the comprehension of orchids relationships. The overall topology of the phylogeny we present (Figure 1) confirms the monophyly of most the

genera, and suggests some clade relationships, with poor to high support, that were unresolved in polytomies in previous works, representing a step further in the comprehension of the subtribe. Clade and genera diagnoses and morphological descriptions are not the scope of the present note, since they were already depicted (Blanco *et al.*, 2007; Whitten *et al.*, 2007; Pridgeon *et al.*, 2009), but in the next paragraphs we delve into some particularities of the main clades supported by our results.

4.1. Basal Maxillariinae

Relationships among the basal genera of Maxillariinae were never deeply accessed, and despite they still need clarification, our results provided good resolution for this group. For instance, despite being easily diagnosable by terete leaves, *Scuticaria* was actually found to be polyphyletic, in accordance with previous suggestions (Whitten *et al.*, 2014; Moraes *et al.*, 2017). That could tentatively reflect geographic structure since the clades are differentially occurying in Atlantic (*S. hadwenii* (Lindl.) Planch.) and Amazon (*S. steelei* (Hook.) Lindl.) rainforests. Additionally, relationships among *Rudolfiella*, *Hylaeorchis* and *Bifrenaria* remains uncertain here as in previous works (Koehler *et al.*, 2002; Szlachetko *et al.*, 2012; Whitten *et al.*, 2014; Moraes *et al.*, 2017), but our results confirmed these genera to be sister to the amazonian *Scuticaria,* and this group in its turn is sister to the atlantic *Scuticaria*. These four genera once composed the subtribe Bifrenariinae, known by plicate leaves and strap-like viscidia, and despite *Scuticaria* presenting terete whip-like leaves, its flowers are often similar to those of *Rudolfiella*, and the few-flowered inflorescence is a synapomorphy shared with *Bifrenaria (Whitten et al., 2000)*.

Also strongly supported, a clade of *Anguloa* and *Lycaste* (former Lycastinae) as sister to *Xylobium* was recovered here as sister to the core Maxillariinae with moderate support. These relationships were already presented in literature (Whitten *et al.*, 2014; Freudenstein & Chase, 2015), but different results suggest that *Anguloa* and *Lycaste* might be basal to a clade in which *Xylobium* is sister to the core Maxillariinae (Engel *et al.* in prep. Whitten *et al.*, 2000; Ryan, 2001; Moraes *et al.*, 2017). This topology once supported the lumping of the former subtribes Lycastinae and Bifrenariinae with Xylobium and Maxillariinae into one

broad Maxillariinae, but discrepancies among the mentioned studies in the position of the genus suggest it should be further investigated.

4.2. Core Maxillariinae

Almost all the core Maxillariinae genera were recovered as monophyletic and with strong support, with exception to *Nitidobulbon* which was found here to be polyphyletic, possibly owing to the influence of *matK-trnK* and *atpB-rbcL,* since in phylogenies with separate markers, *nr*ITS helds this genus monophyletic (Ojeda *et al.*, 2003). *Nitidobulbon* shares with *Heterotaxis* and *Ornithidium* a greatly reduced column foot, and they compose a clade which is consistently held with strong support across molecular phylogenies (Engel *et al.* in prep. Whitten *et al.*, 2000, 2007). The three genera are also consistently held as basal to *Pityphyllum,* which is basal to monophyletic *Inti* and *Cryptocentrum*, remaining to understand if they are basal to *Brasiliorchis* as or data suggest, or rather sisters to this genus (Whitten *et al.*, 2007).

A further clade consistently held is that of *Sauvetrea* and *Cyrtidiorchis*, both monophyletic and strongly supported across phylogenies, despite its position within the core Maxillariinae is not well resolved. The clade formed by *Trigonidium* and *Maxillaria* was already observed (Engel *et al.* in prep. Whitten *et al.*, 2000), but while we found this clade to be sister to *Camaridium*, in Whitten *et al.* (2007) *Trigonidium* was placed as basal to a *Camaridium* and *Maxillaria* clade when using the same DNA regions we used, and the three genera formed a polytomy with *Maxillariella* and *Rhetinantha* after the addition of the RNA polymerase beta subunit 1 (*rpoC1*) to the matrix (Whitten *et al.*, 2007). Relationships of this clade with other clades formed by *Mormolyca, Rhetinantha, Maxillariella, Sauvetrea and Cyrtidiorchis, Christensonella* and *Mapinguari* are partially resolved with poor to high support in our results and presented mostly polytomies in those of Whitten et al. (2007), meaning much more research is necessary in these taxa. Another study with comprehensive sampling of Maxillariinae is available (Whitten *et al.*, 2014), but the authors have, probably by mistake, replaced the Figure 5, where relationships within *Maxillaria s.l.* were depicted, with a

repeated Figure 3, and they did not describe these results, hence it is not possible to know the position of the above mentioned genera.

4.3. To lump or to split?

Name conservatism in taxonomy is important because name changes cause the knowledge about an organism to be associated with it under different nomenclatures, imposing challenges and losses in the use of information (Christenhusz, 2020). However, name changes are necessary when the data shows a treatment to reflect poorly the evolution of taxa. In that context, discussions on how to recircumscribe and whether to lump or to split clades were raised since the beginnings of taxonomy, having Darwin himself pondered about it (Christenhusz *et al.*, 2015; Christenhusz, 2020). A recent research conducted with plant taxonomists revealed that between lumping or splitting clades, lumping would be slightly prefered, but most taxonomists would rather decide depending on the taxa (Christenhusz *et al.*, 2015). We agree that circumscriptions should be analyzed clade by clade to better reflect the natural history and the traits (morphological, chemical, genomic) of coherent and well supported groups of species.

Regarding Maxillariinae taxa, despite the available information allowing interesting conclusions, further studies are clearly necessary. For instance, given our results, we suggest *Scuticaria* should be reviewed in order to restore monophyly, but the genus comprises 10 species and there is no phylogeny to enlighten relationships within it, thus requiring deeper investigations for putative new delimitations

About the division of the core Maxillariinae into 17 genera, splitters would say that a wide *Maxillaria s.l.* is too morphologically diverse to be diagnosable, while the smaller taxa are highly supported by molecular data (Blanco *et al.*, 2007; Whitten *et al.*, 2007; Pridgeon *et al.*, 2009; Szlachetko *et al.*, 2012). Lumpers would say that the new nomenclature is too disruptive and some of the new genera are poorly characterized (Molinari-Novoa, 2015; Chase *et al.*, 2015; Schuiteman & Chase, 2015). We believe they might both be right and we recognize that achieving consensus in such delimitations is rather challenging, especially when there is not enough data to draw unarguable boundaries. Yet, we favour the splitting of

Maxillaria, because the recognition of well supported and too morphologically diverse taxa under a single genus creates a heterogeneous assembly of species while the division better reflects the natural history, the geographic structure and the morphological cohesion of the taxa.

For example, lumping the core Maxillariinae would group genera that are considered unequivocally distinguishable, as *Trigonidium,* very distinctive florally wise, lacking a prominent column foot while a column foot with hinged lip is considered one of the diagnostic characters of a broad *Maxillaria s.l.* The genus *Cryptocentrum* is another example of unambiguous morphological diagnosis, with monopodial shoots, wiry inflorescences and star shaped flowers with a nectariferous spur (Carnevali, 1997, 2001). On the other hand, some species of *Camaridium* and *Ornithidium* were repeatedly transferred between these two genera because they share morphological similarities (i.e. abundant nectar, orange or yellow flowers), possibly reflecting homoplasious traits associated with pollination by bees or hummingbirds (Whitten *et al.*, 2007). Yet, these two genera are not closely related, and despite being morphologically diverse, they are both monophyletic, strongly supported by molecular data.

In this sense, we disagree with the lumping proposed by Chase *et al.* (2015), especially when they propose to include *Hylaeorchis* in *Maxillaria s.l.* (Chase *et al.*, 2015, p. 159). Given the position of this genus in the phylogeny, it would be necessary to lump all basal Maxillariinae into *Maxillaria* to restore monophyly, making it even more challenging to diagnose morphology wise. But we also strongly disagree with further splitting for genera within Maxillariinae as proposed by Szlachetko *et al.* (2012), since this treatment would be unnecessarily too disruptive and, mainly, because many of the new taxa are poly or paraphyletic.

5. Conclusion

Our data reinforced the monophyly of most the core Maxillariinae genera, supporting the taxonomic treatment proposed by Blanco *et al.* (2007) and Pridgeon (2009) following Whitten *et al.* (2007). We consider the splitting of *Maxillaria s.l.* in 17 cohesive, well

supported and mostly morphologically diagnosable genera the best representation of the evolution of the subtribe, while we acknowledge the need of further molecular and morphological studies to improve the circumscription of some clades. Minor inconsistencies between the phylogeny we presented here and those previously published, as well as the non monophyletic taxa we recovered, for both basal and core Maxillariinae genera, are outwardly troublesome, as they point towards the clades for which deeper investigations are critical to appraise relationships within the subtribe. In that sense, besides our contributions to the understanding of Maxillariinae and the achievement of a consensual taxonomic treatment, the new DNA sequences we provided here will be of use not only for future phylogenies, but also for any researchers addressing important representatives of our neotropical flora.

6. References

Arévalo R, Cameron KM. **2013**. Molecular phylogenetics of *Mormolyca* (Orchidaceae: Maxillariinae) based on combined molecular data sets. *Lankesteriana: la revista cientifica del Jardin Botanico Lankester, Universidad de Costa Rica*.

Arévalo R, Carnevali G, Cameron KM. **2015**. Three New Species of *Mormolyca* (Orchidaceae: Maxillariinae) with an Updated Molecular Phylogenetic Analysis. *Systematic botany* **40**: 692–705.

Backlund A, Bremer K. **1998**. To be or not to be - principles of classification and monotypic plant families. *Taxon* **47**: 391–400.

Blanco MA, Carnevali G, Whitten WM, Singer RB, Koehler S, Williams NH, Ojeda I, Neubig KM, Endara L. **2007**. Generic realignments in Maxillariinae (Orchidaceae). *Lankesteriana International Journal on Orchidology* **7**: 514–537.

Cameron KM, Chase MW, Anderson WR, Hills HG. **2001**. Molecular systematics of Malpighiaceae: evidence from plastid rbcL and matK sequences. *American journal of botany* **88**: 1847–1862.

Carnevali GFC. **1997**. Systematics, phylogeny, and twig epiphytism in *Cryptocentrum* (Orchidaceae).

Carnevali GFC. **2001**. A synoptical view of the classification of *Cryptocentrum* (Orchidaceae), new taxa, and a key to the genus. *Harvard papers in botany* **5**: 467–486.

Chase MW, Cameron KM, Freudenstein JV, Pridgeon AM, Salazar G, van den Berg C, Schuiteman A. **2015**. An updated classification of Orchidaceae. *Botanical journal of the Linnean Society. Linnean Society of London* **177**: 151–174.

Christenhusz MJM. **2020**. On species concepts, phylogenetics and the science of natural history—three current issues facing taxonomy. *Megataxa* **1**: 67–72.

Christenhusz MJM, Vorontsova MS, Fay MF, Chase MW. **2015**. Results from an online survey of family delimitation in angiosperms and ferns: recommendations to the Angiosperm

Phylogeny Group for thorny problems in plant classification. *Botanical journal of the Linnean Society. Linnean Society of London* **178**: 501–528.

Christenson EA. **2013**. *Maxillaria: an unfinished monograph*. PA Harding.

Cribb P. **2005**. Just how many orchids are there? In: Proceedings of the 18th World Orchid Conference, 2005. France Orchidees.

Darriba D, Taboada GL, Doallo R, Posada D. **2012**. jModelTest 2: more models, new heuristics and parallel computing. *Nature methods* **9**: 772.

Dathe S, Dietrich H. **2006**. Comparative molecular and morphological studies in selected Maxillariinae orchids. *Willdenowia* **36**: 89–102.

Dong W, Xu C, Li C, Sun J, Zuo Y, Shi S, Cheng T, Guo J, Zhou S. **2015**. ycf1, the most promising plastid DNA barcode of land plants. *Scientific reports* **5**: 8348.

Doyle JJ, Doyle JL. **1987**. *A rapid DNA isolation procedure for small quantities of fresh leaf tissue*. worldveg.tind.io.

Edgar RC. **2004**. MUSCLE: multiple sequence alignment with high accuracy and high throughput. *Nucleic acids research* **32**: 1792–1797.

Engel TBJ, Forni-Martins ER, Félix LP, Guerra M, Cabral JS, Moraes AP. Are chromosome number and genome size associated with habit and environmental niche variables? Insights from the Neotropical Maxillariinae (Orchidaceae).

Entwisle TJ, Weston PH. **2005**. Majority rules, when systematists disagree. *Australian systematic botany* **18**: 1–6.

Erixon P, Svennblad B, Britton T, Oxelman B. **2003**. Reliability of Bayesian posterior probabilities and bootstrap frequencies in phylogenetics. *Systematic biology* **52**: 665–673.

Freudenstein JV, Chase MW. **2015**. Phylogenetic relationships in Epidendroideae (Orchidaceae), one of the great flowering plant radiations: progressive specialization and diversification. *Annals of botany* **115**: 665–681.

Freudenstein JV, Senyo DM. **2008**. Relationships and evolution of matK in a group of leafless orchids (Corallorhiza and Corallorhizinae; Orchidaceae: Epidendroideae). *American journal of botany* **95**: 498–505.

Goldman DH, Freudenstein JV, Kores PJ, Molvray M, Jarrell DC, Mark Whitten W, Cameron KM, Jansen RK, Chase MW. **2001**. Phylogenetics of Arethuseae (Orchidaceae) Based on Plastid matK and rbcL Sequences. *Systematic Botany* **26**: 670–695.

Goodhead I, Darby AC. **2015**. Taking the pseudo out of pseudogenes. *Current opinion in microbiology* **23**: 102–109.

Huelsenbeck JP, Ronquist F. **2001**. MRBAYES: Bayesian inference of phylogenetic trees. *Bioinformatics* **17**: 754–755.

Hurvich CM, Tsai C-L. **1993**. A corrected Akaike information criterion for vector autoregressive model selection. *Journal of time series analysis / a journal sponsored by the Bernoulli Society for Mathematical Statistics and Probability* **14**: 271–279.

Johnson LA, Soltis DE. **1994**. matK DNA Sequences and Phylogenetic Reconstruction in Saxifragaceae s. str. *Systematic botany* **19**: 143–156.

Katoh K, Rozewicki J, Yamada KD. **2019**. MAFFT online service: multiple sequence alignment, interactive sequence choice and visualization. *Briefings in bioinformatics* **20**: 1160–1166.

Katoh K, Standley DM. **2013**. MAFFT multiple sequence alignment software version 7: improvements in performance and usability. *Molecular biology and evolution* **30**: 772–780.

Kearse M, Moir R, Wilson A, Stones-Havas S, Cheung M, Sturrock S, Buxton S, Cooper A, Markowitz S, Duran C, *et al.* 2012. Geneious Basic: an integrated and extendable desktop software platform for the organization and analysis of sequence data. *Bioinformatics* **28**: 1647–1649.

Koehler S, Cabral JS, Whitten WM, Williams NH, Singer RB, Neubig KM, Guerra M, Souza AP, Amaral M do CE. **2008**. Molecular phylogeny of the neotropical genus *Christensonella* (Orchidaceae, Maxillariinae): species delimitation and insights into chromosome evolution.

Annals of botany **102**: 491–507.

Koehler S, Singer RB, Amaral MCE. **2012**. Taxonomic revision of the neotropical genus *Christensonella* (Maxillariinae, Orchidaceae). *Botanical journal of the Linnean Society. Linnean Society of London* **168**: 449–472.

Koehler S, Williams NH, Whitten WM, Amaral M do CE do. **2002**. Phylogeny of the *Bifrenaria* (Orchidaceae) complex based on morphology and sequence data from nuclear rDNA internal transcribed spacers (ITS) and chloroplast trn L-trn F region. *International journal of plant sciences* **163**: 1055–1066.

Kores PJ, Weston PH, Molvray M, Chase MW. **2000**. Phylogenetic relationships within the Diurideae (Orchidaceae): inferences from plastid matK DNA sequences. *Monocots: systematics and evolution*: 449–456.

Miller MA, Pfeiffer W, Schwartz T. **2010**. Creating the CIPRES Science Gateway for inference of large phylogenetic trees. In: 2010 Gateway Computing Environments Workshop (GCE). ieeexplore.ieee.org, 1–8.

Miller MA, Pfeiffer W, Schwartz T. **2011**. The CIPRES science gateway: a community resource for phylogenetic analyses. In: TG ’11. Proceedings of the 2011 TeraGrid Conference: Extreme Digital Discovery. New York, NY, USA: Association for Computing Machinery, 1–8.

Molinari-Novoa EA. **2015**. Homage to Christenson: combinations under *Maxillaria*. *Richardiana* **15**: 291–305.

Moraes AP, Koehler S, Cabral JS, Gomes SSL, Viccini LF, Barros F, Felix LP, Guerra M, Forni-Martins ER. **2017**. Karyotype diversity and genome size variation in Neotropical Maxillariinae orchids. *Plant biology* **19**: 298–308.

Neubig KM, Whitten WM, Carlsward BS, Blanco MA, Endara L, Williams NH, Moore M. **2009**. Phylogenetic utility of ycf1 in orchids: a plastid gene more variable than matK. *Osterreichische botanische Zeitschrift* **277**: 75–84.

Novello M. **2015**. Filogenia molecular e delimitação de espécies no gênero *Brasiliorchis*

(Maxillariinae, Orchidacecae).

Ojeda I, Carnevali G, Williams NH, Whitten WM. **2003**. Phylogeny of the *Heterotaxis* Lindley complex (Maxillariinae): evolution of the vegetative architecture and pollination syndromes. *Lankesteriana* **7**: 45–47.

Ojeda I, Fernández-Concha GC, Romero-González GA. **2009**. *Nitidobulbon*, a New Genus of Maxillariinae (orchidaceae). *Novon: A Journal for Botanical Nomenclature* **19**: 96–101.

Pavon JA, Ruiz H. **1794**. *Prodromus et Flora Pernviana et Chilensis. Reprint 1965*. Cramer.

Posada D. **2008**. jModelTest: phylogenetic model averaging. *Molecular biology and evolution* **25**: 1253–1256.

Pridgeon AM, Cribb PJ, Chase MW, Rasmussen FN (Eds.). **2009**. *Genera Orchidacearum, vol. 5: Epidendroideae, part 2*. Oxford University Press.

Ronquist F, Teslenko M, van der Mark P, Ayres DL, Darling A, Höhna S, Larget B, Liu L, Suchard MA, Huelsenbeck JP. **2012**. MrBayes 3.2: efficient Bayesian phylogenetic inference and model choice across a large model space. *Systematic biology* **61**: 539–542.

Ryan A. **2001**. A phylogenetic assessment of *Lycaste* and *Anguloa* (Orchidaceae).

Schuiteman A, Chase M. **2015**. A reappraisal of *Maxillaria* (Orchidaceae). *Phytotaxa* **225**: 1–78.

Sheetlin SL, Park Y, Frith MC, Spouge JL. **2014**. Frameshift alignment: statistics and post-genomic applications. *Bioinformatics* **30**: 3575–3582.

Singer RB, Koehler S, Carnevali G. **2007**. *Brasiliorchis* A New Genus for the *Maxillaria picta* Alliance (Orchidaceae, Maxillariinae). *Novon: A Journal for Botanical Nomenclature* **17**: 91–99.

Sun Y, Skinner DZ, Liang GH, Hulbert SH. **1994**. Phylogenetic analysis of Sorghum and related taxa using internal transcribed spacers of nuclear ribosomal DNA. *TAG. Theoretical and applied genetics. Theoretische und angewandte Genetik* **89**: 26–32.

Szlachetko DL, Mytnik-Ejsmont J, Górniak M, Smiszek M. **2006**. Genera et species orchidalium. 15. Maxillarieae. *Polish botanical journal* **51**: 57–59.

Szlachetko DL, Sitko M, Tukałło P, Mytnik-Ejsmont J. **2012**. Taxonomy of the subtribe Maxillariinae (Orchidaceae, Vandoideae) revised. *Biodiversity research and conservation* **25**: 13–38.

Thiers BM. **2020**. Index Herbariorum. *NYBG STEERE HERBARIUM*.

Whitten WM, Blanco MA, Williams NH, Koehler S, Carnevali G, Singer RB, Endara L, Neubig KM. **2007**. Molecular phylogenetics of *Maxillaria* and related genera (Orchidaceae: Cymbidieae) based on combined molecular data sets. *American journal of botany* **94**: 1860–1889.

Whitten WM, Neubig KM, Williams NH. **2014**. Generic and subtribal relationships in Neotropical Cymbidieae (Orchidaceae) based on matK/ycf1 plastid data. *Lankesteriana International Journal on Orchidology* **13**: 375–392.

Whitten WM, Williams NH, Chase MW. **2000**. Subtribal and generic relationships of Maxillarieae (Orchidaceae) with emphasis on Stanhopeinae: combined molecular evidence. *American journal of botany* **87**: 1842–1856.

Williams NH, Mark Whitten W. **2003**. Molecular phylogenetics and generic concepts in the Maxillarieae (Orchidaceae). *Lankesteriana*.

Xie J, Chen S, Xu W, Zhao Y, Zhang D. **2019**. Origination and Function of Plant Pseudogenes. *Plant signaling & behavior* **14**: 1625698.

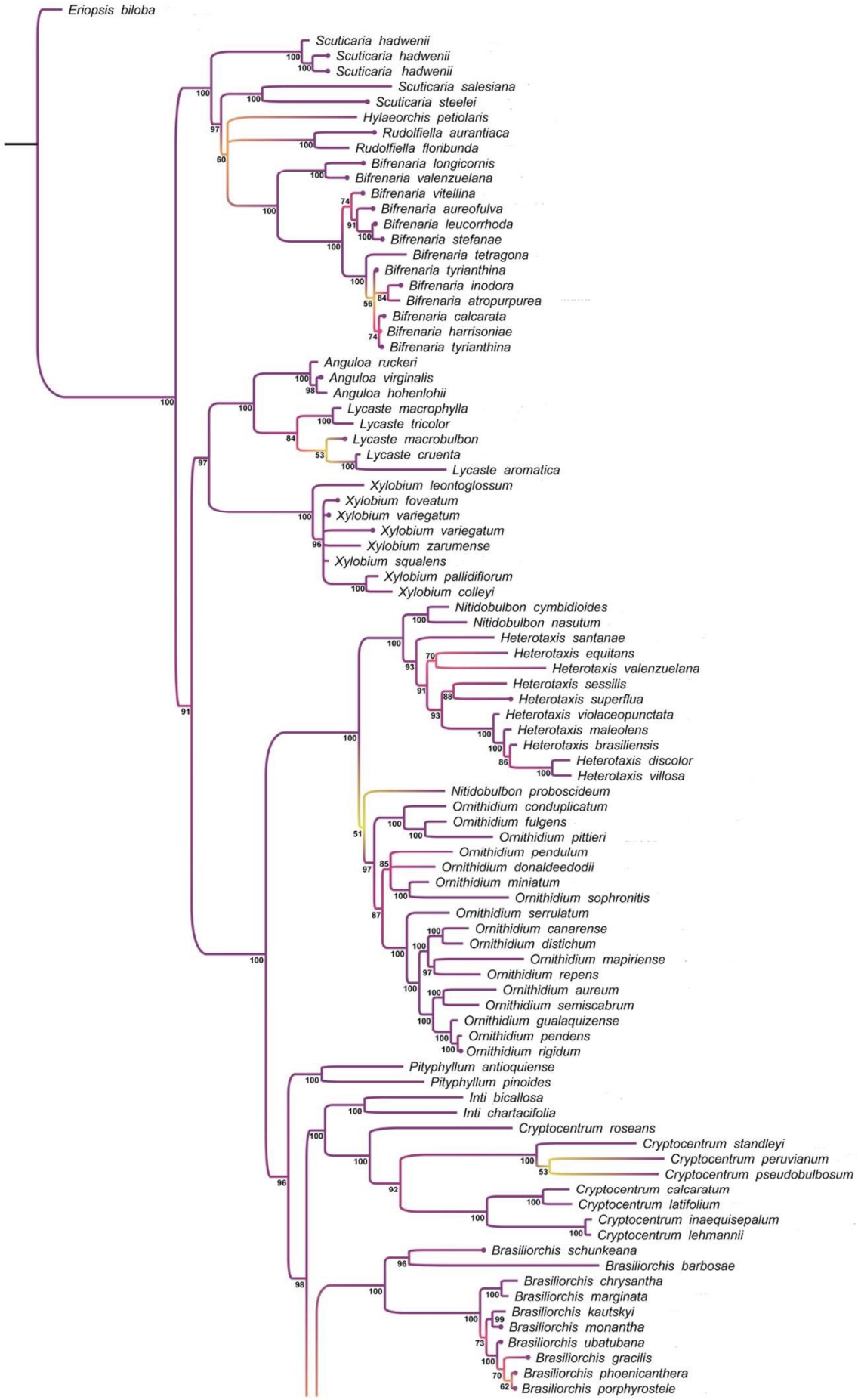
Table 1. Maxillariinae DNA sequences used in the phylogenetic analysis. For each species, one sequence from nuclear genome, *nr*ITS, and two sequences from the chloroplast genome, *matK-trnK* and *atpB-rbcl*, were used allways that available. For each species and each sequence, the species voucher is provided.

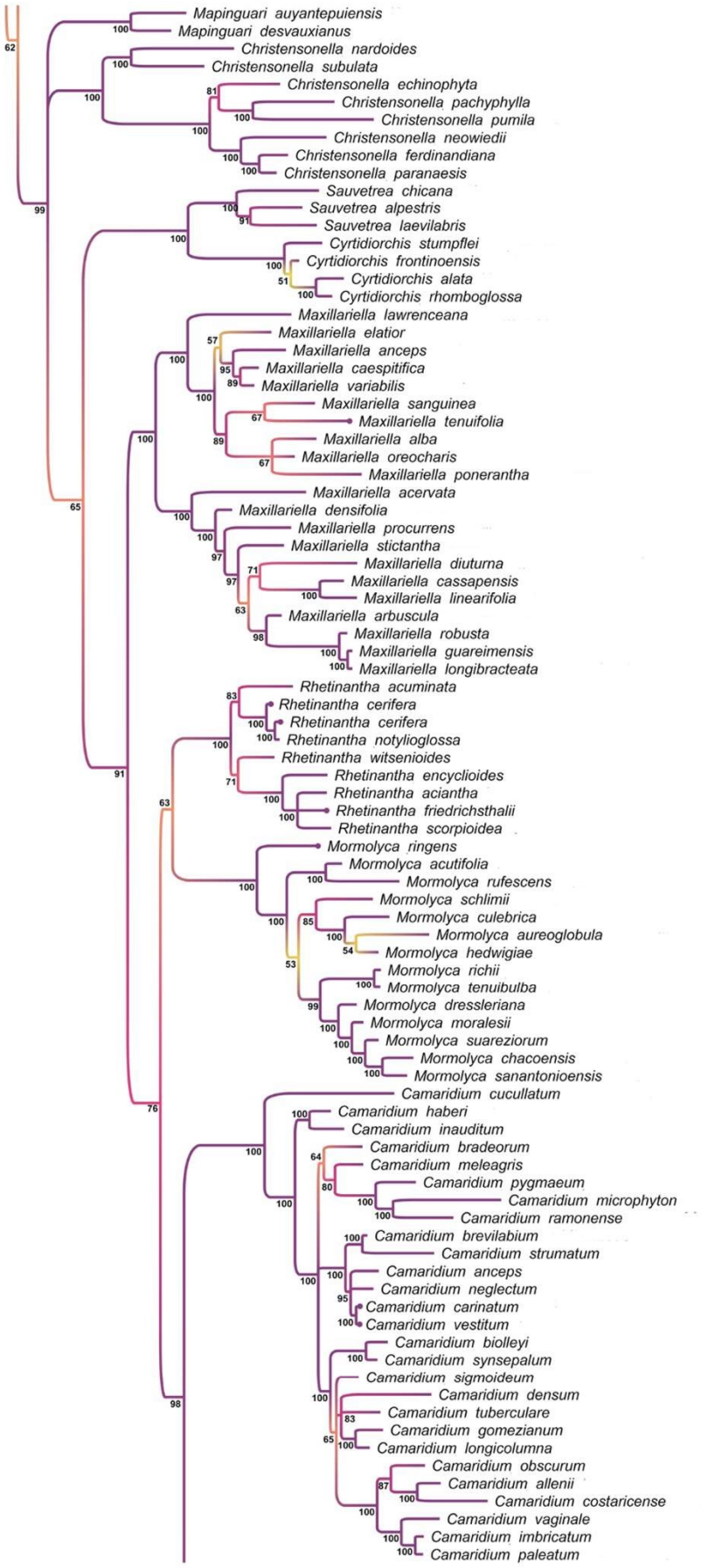
Species	**Authority**	***nr*ITS**	***matK-trnK***	***atpB-rbcl***
Anguloa virginalis	Linden ex B.S.Williams	A.P.Moraes 121	A.P.Moraes 121	A.P.Moraes 121
*Bifrenaria aureofulva**	Lindl.	IB10468	IB10468	IB10468
*Bifrenaria calcarata**	Barb.Rodr.		A.P.Moraes 31	A.P.Moraes 31
*Bifrenaria harrisoniae**	(Hook.) Rchb.f.	A.P.Moraes 45	A.P.Moraes 45	A.P.Moraes 45
Bifrenaria inodora	Lindl.	IB16946	IB16946	IB16946
*Bifrenaria leucorrhoda**	Rchb. f.	A.P.Moraes 17	A.P.Moraes 17	A.P.Moraes 17
Bifrenaria longicornis	Lindl.	IB P6285	IB P6285	IB P6285
*Bifrenaria stefanae**	V.P.Castro	A.P.Moraes 16	A.P.Moraes 16	A.P.Moraes 16
Bifrenaria tyrianthina	(Lodd. ex Loudon) Rchb.f.	IB11261	IB11261	IB11261
Bifrenaria tyrianthina	(Lodd. ex Loudon) Rchb.f.	IB5298	IB5298	IB5298
Bifrenaria venezuelana	C.Schweinf.	IB P6289	IB P6289	IB P6289
*Bifrenaria vitelina**	Lindl.	to confirm	to confirm	
Brasiliorchis barbosae	(Loefgr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	IB11717		
Brasiliorchis gracilis	(Lodd., G.Lodd. & W.Lodd.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali		IB654	IB654
Brasiliorchis phoenicanthera	(Barb.Rodr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	IB2732	IB2732	IB2732
*Brasiliorchis monantha**	(Barb.Rodr.) Campacci	IB5442	IB5442	IB5442
Brasiliorchis porphyrostele	(Rchb.f.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	IB4735	IBt SP 4735	IB4735
Brasiliorchis schunkeana	(Campacci & Kautsky) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	A.P.Moraes 131	A.P.Moraes 131	A.P.Moraes 131
Brasiliorchis ubatubana	(Hoehne) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	IB618	IB618	IB618
Camaridium carinatum	(Barb.Rodr.) Hoehne	IB16781	IB16781	IB16781
Camaridium vestitum	(Sw.) Lindl.		to confirm	to confirm
Heterotaxis superflua	(Rchb.f.) F.Barros	IB P3935	IB P3935	IB P3935
*Lycaste macrobulbon**	(Hook.) Lindl.	IB11785	IB11785	
*Maxillaria kegelii**	Rchb.f.	A.P.Moraes 77	A.P.Moraes 77	A.P.Moraes 77
Maxillaria leucaimata	Barb.Rodr.		IB15044	IB15044
Maxillariella robusta	(Barb.Rodr.) M.A.Blanco & Carnevali	IB8510	IB8510	IB8510

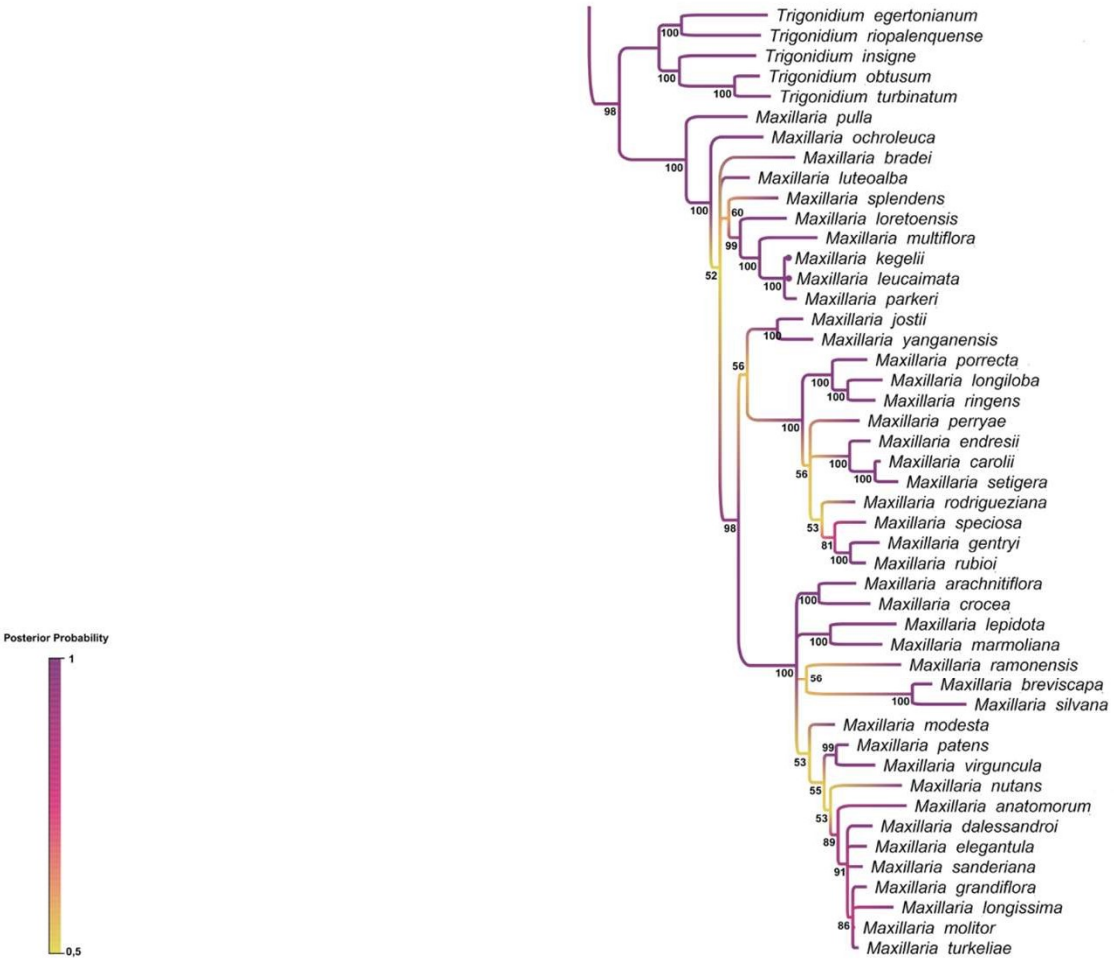
Maxillariella tenuifolia	(Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali		A.P.Moraes 09	A.P.Moraes 09
Mormolyca ringens	(Lindl.) Gentil	IB16981	IB16981	IB16981
Ornithidium rigidum	(Barb.Rodr.) M.A.Blanco & Ojeda	IB7103	IB7103	IB7103
*Rhetinantha cerifera**	(Barb.Rodr.) M.A.Blanco	IB6103	IB6103	IB6103
*Rhetinantha cerifera**	(Barb.Rodr.) M.A.Blanco	IB7078	IB7078	IB7078
*Rhetinantha friedrichsthalii**	(Rchb.f.) M.A.Blanco		IB15196	IB15196
*Rudolfiella aurantiaca**	(Lindl.) Hoehne	IB10110	IB10110	IB10110
Scuticaria hadwenii	(Lindl.) Planch.	IB18323	IB18323	IB18323
Scuticaria hadwenii	(Lindl.) Planch.	IB11996	IB 11996	IB11996
Scuticaria steelei	(Hook.) Lindl.	A.P.Moraes 75	A.P.Moraes 75	A.P.Moraes 75
*Xylobium foveatum**	(Lindl.) G.Nicholson		IB P3929	IB P3929
*Xylobium variegatum**	(Ruiz & Pav.) Garay & Dunst.	A.P.Moraes 03	A.P.Moraes 03	A.P.Moraes 03

* Species that are not present in comprehensive Maxillariinae phylogenies (Whitten et al. 2007, 2014)

Figure 1: Maxillariinae phylogenetic tree from Bayesian Inference (BI), based on *nr*ITS, *matK-trnK* and *atpB-rbcl* markers. Branches support, Posterior Probability, is indicated by numbers in the phylogeny nodes and by the branch color according to a color scale ranging from yellow (low support) to purple (high support). Circles in the branch tips indicate species sequenced in the present study, while the extant species sequences were obtained in the GeneBank database.


Eriopsis biloba
Scuticaria hadwenii
Scuticaria hadwenii
Scuticaria hadwenii
Scuticaria salesiana
Scuticaria steelei
Hylaeorchis petiolaris
Rudolfiella aurantiaca
Rudolfiella floribunda
Bifrenaria longicornis
Bifrenaria valenzuelana
Bifrenaria vitellina
Bifrenaria aureofulva
Bifrenaria leucorrhoda
Bifrenaria stefanae
Bifrenaria tetragona
Bifrenaria tyrianthina
Bifrenaria inodora
Bifrenaria atropurpurea
Bifrenaria calcarata
Bifrenaria harrisoniae
Bifrenaria tyrianthina
Anguloa ruckeri
Anguloa virginalis
Anguloa hohenlohii
Lycaste macrophylla
Lycaste tricolor
Lycaste macrobulbon
Lycaste cruenta
Lycaste aromatica
Xylobium leontoglossum
Xylobium foveatum
Xylobium variegatum
Xylobium variegatum
Xylobium zarumense
Xylobium squalens
Xylobium pallidiflorum
Xylobium colleyi
Nitidobulbon cymbidioides
Nitidobulbon nasutum
Heterotaxis santanae
Heterotaxis equitans
Heterotaxis valenzuelana
Heterotaxis sessilis
Heterotaxis superflua
Heterotaxis violaceopunctata
Heterotaxis maleolens
Heterotaxis brasiliensis
Heterotaxis discolor
Heterotaxis villosa
Nitidobulbon proboscideum
Ornithidium conduplicatum
Ornithidium fulgens
Ornithidium pittieri
Ornithidium pendulum
Ornithidium donaldeedodii
Ornithidium miniatum
Ornithidium sophronitis
Ornithidium serrulatum
Ornithidium canarense
Ornithidium distichum
Ornithidium mapiriense
Ornithidium repens
Ornithidium aureum
Ornithidium semiscabrum
Ornithidium gualaquizense
Ornithidium pendens
Ornithidium rigidum
Pityphyllum antioquiense
Pityphyllum pinoides
Inti bicallosa
Inti chartacifolia
Cryptocentrum roseans
Cryptocentrum standleyi
Cryptocentrum peruvianum
Cryptocentrum pseudobulbosum
Cryptocentrum calcaratum
Cryptocentrum latifolium
Cryptocentrum inaequisepalum
Cryptocentrum lehmannii
Brasiliorchis schunkeana
Brasiliorchis barbosae
Brasiliorchis chrysantha
Brasiliorchis marginata
Brasiliorchis kautskyi
Brasiliorchis monantha
Brasiliorchis ubatubana
Brasiliorchis gracilis
Brasiliorchis phoenicanthera
Brasiliorchis porphyrostele


Mapinguari auyantepuiensis
Mapinguari desvauxianus
Christensonella nardoides
Christensonella subulata
Christensonella echinophyta
Christensonella pachyphylla
Christensonella pumila
Christensonella neowiedii
Christensonella ferdinandiana
Christensonella paranaesis
Sauvetrea chicana
Sauvetrea alpestris
Sauvetrea laevilabris
Cyrtidiorchis stumpflei
Cyrtidiorchis frontinoensis
Cyrtidiorchis alata
Cyrtidiorchis rhomboglossa
Maxillariella lawrenceana
Maxillariella elatior
Maxillariella anceps
Maxillariella caespitifica
Maxillariella variabilis
Maxillariella sanguinea
Maxillariella tenuifolia
Maxillariella alba
Maxillariella oreocharis
Maxillariella ponerantha
Maxillariella acervata
Maxillariella densifolia
Maxillariella procurrens
Maxillariella stictantha
Maxillariella diuturna
Maxillariella cassapensis
Maxillariella linearifolia
Maxillariella arbuscula
Maxillariella robusta
Maxillariella guareimensis
Maxillariella longibracteata
Rhetinantha acuminata
Rhetinantha cerifera
Rhetinantha cerifera
Rhetinantha notylioglossa
Rhetinantha witsenioides
Rhetinantha encyclioides
Rhetinantha aciantha
Rhetinantha friedrichsthalii
Rhetinantha scorpioidea
Mormolyca ringens
Mormolyca acutifolia
Mormolyca rufescens
Mormolyca schlimii
Mormolyca culebrica
Mormolyca aureoglobula
Mormolyca hedwigiae
Mormolyca richii
Mormolyca tenuibulba
Mormolyca dressleriana
Mormolyca moralesii
Mormolyca suareziorum
Mormolyca chacoensis
Mormolyca sanantonioensis
Camaridium cucullatum
Camaridium haberi
Camaridium inauditum
Camaridium bradeorum
Camaridium meleagris
Camaridium pygmaeum
Camaridium microphyton
Camaridium ramonense
Camaridium brevilabium
Camaridium strumatum
Camaridium anceps
Camaridium neglectum
Camaridium carinatum
Camaridium vestitum
Camaridium biolleyi
Camaridium synsepalum
Camaridium sigmoideum
Camaridium densum
Camaridium tuberculare
Camaridium gomezianum
Camaridium longicolumna
Camaridium obscurum
Camaridium allenii
Camaridium costaricense
Camaridium vaginale
Camaridium imbricatum
Camaridium paleatum


Trigonidium egertonianum
Trigonidium riopalenquense
Trigonidium insigne
Trigonidium obtusum
Trigonidium turbinatum
Maxillaria pulla
Maxillaria ochroleuca
Maxillaria bradei
Maxillaria luteoalba
Maxillaria splendens
Maxillaria loretoensis
Maxillaria multiflora
Maxillaria kegelii
Maxillaria leucaimata
Maxillaria parkeri
Maxillaria jostii
Maxillaria yanganensis
Maxillaria porrecta
Maxillaria longiloba
Maxillaria ringens
Maxillaria perryae
Maxillaria endresii
Maxillaria carolii
Maxillaria setigera
Maxillaria rodrigueziana
Maxillaria speciosa
Maxillaria gentryi
Maxillaria rubioi
Maxillaria arachnitiflora
Maxillaria crocea
Maxillaria lepidota
Maxillaria marmoliana
Maxillaria ramonensis
Maxillaria breviscapa
Maxillaria silvana
Maxillaria modesta
Maxillaria patens
Maxillaria virguncula
Maxillaria nutans
Maxillaria anatomorum
Maxillaria dalessandroi
Maxillaria elegantula
Maxillaria sanderiana
Maxillaria grandiflora
Maxillaria longissima
Maxillaria molitor
Maxillaria turkeliae
Posterior Probability
1
0,5

Suplementar Information 1. Maxillariinae DNA sequences compiled from geneBank for the phylogenetic analysis. For each species, one sequence from nuclear genome, *nr*ITS, and two sequences from the chloroplast genome, *matK-trnK* and *atpB-rbcl*, were used allways that available. For each species and each sequence, the GenBank assession number is provided.

Species	**Authorship**	**ITS**	**matK**	**atpB**
Anguloa hohenlohii	C.Morren	AF239333	AF239429	-
Anguloa ruckeri	Lindl.	EF079426	EF065565	-
Bifrenaria atropurpurea	Lindl.	AF239336	AF239432	-
Bifrenaria tetragona	(Lindl.) Schltr.	AF239335	DQ210751	-
Brasiliorchis chrysantha	(Barb.Rodr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	DQ210113	DQ210644	DQ209424
Brasiliorchis kautskyi	(Pabst) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	DQ210115	DQ210646	DQ209426
Brasiliorchis marginata	(Lindl.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	-	DQ210718	DQ209495
Camaridium allenii	(L.O.Williams) M.A.Blanco	DQ210068	DQ210611	DQ209382
Camaridium anceps	(Rchb.f.) M.A.Blanco	DQ210007	DQ209874	DQ209322
Camaridium biolleyi	(Schltr.) Schltr.	DQ210050	DQ209897	DQ209365
Camaridium bradeorum	Schltr.	DQ210481	DQ210963	DQ209764
Camaridium brevilabium	(Ames & Correll) M.A.Blanco	DQ210456	DQ210940	DQ209740
Camaridium costaricense	Schltr.	DQ210028	DQ210600	DQ209342
Camaridium cucullatum	(Lindl.) M.A.Blanco	DQ210178	DQ210708	DQ209485
Camaridium densum	(Lindl.) M.A.Blanco	DQ210091	DQ210629	DQ209403
Camaridium gomezianum	(J.T.Atwood) M.A.Blanco	DQ210297	DQ210796	DQ209586
Camaridium haberi	(J.T.Atwood) M.A.Blanco	DQ210032	DQ209881	DQ209346
Camaridium imbricatum	Schltr.	DQ210043	DQ209890	DQ209358
Camaridium inauditum	(Rchb.f.) M.A.Blanco	DQ210524	DQ211004	DQ209806
Camaridium longicolumna	(J.T.Atwood) M.A.Blanco	DQ210495	DQ210978	DQ209779
Camaridium meleagris	(Lindl.) M.A.Blanco	DQ210539	DQ211014	DQ209821
Camaridium microphyton	(Schltr.) M.A.Blanco	DQ210539	DQ210976	DQ209777
Camaridium neglectum	(Schltr.) M.A.Blanco	DQ210383	DQ210874	DQ209669
Camaridium obscurum	(Linden & Rchb.f.) M.A.Blanco	DQ210048	DQ209895	DQ209363
Camaridium paleatum	(Rchb.f.) M.A.Blanco	DQ210420	DQ210907	DQ209705

Camaridium pygmaeum	M.A.Blanco	DQ210477	DQ210959	DQ209760
Camaridium ramonense	(Schltr.) M.A.Blanco	DQ210460	DQ210944	DQ209744
Camaridium sigmoideum	(C.Schweinf.) M.A.Blanco	DQ210018	DQ210590	DQ209332
Camaridium strumatum	(Endres & Rchb.f.) M.A.Blanco	DQ210179	DQ210709	DQ209486
Camaridium synsepalum	(J.T.Atwood) M.A.Blanco	DQ210076	DQ210619	DQ209389
Camaridium tuberculare	(J.T.Atwood) M.A.Blanco	DQ210446	DQ210931	DQ209730
Camaridium vaginale	(Rchb.f.) M.A.Blanco	DQ210306	DQ210805	DQ209594
Christensonella echinophyta	(Barb.Rodr.) Szlach., Mytnik, GÃ³rniak & Smiszek	DQ210197	DQ210727	DQ209504
Christensonella ferdinandiana	(Barb.Rodr.) Szlach., Mytnik, GÃ³rniak & Smiszek	DQ210129	DQ210660	DQ209440
Christensonella nardoides	(Kraenzl.) Szlach., Mytnik, GÃ³rniak & Smiszek	DQ210403	DQ210890	DQ209688
Christensonella neowiedii	(Rchb.f.) S.Koehler	DQ210130	DQ210661	DQ209441
Christensonella pachyphylla	(Schltr. ex Hoehne) Szlach., Mytnik, GÃ³rniak & Smiszek	DQ210203	DQ210733	DQ209510
Christensonella paranaesis	NA	DQ210120	DQ210651	DQ209431
Christensonella pumila	(Hook.) Szlach., Mytnik, GÃ³rniak & Smiszek	DQ210166	DQ210696	DQ209474
Christensonella subulata	(Lindl.) Szlach., Mytnik, GÃ³rniak & Smiszek	DQ210161	DQ210693	DQ209469
Cryptocentrum calcaratum	(Schltr.) Schltr.	DQ210487	DQ210970	DQ209771
Cryptocentrum inaequisepalum	C.Schweinf.	DQ210501	DQ210982	DQ209784
Cryptocentrum latifolium	Schltr.	DQ209999	DQ210578	DQ209315
Cryptocentrum lehmannii	(Rchb.f.) Garay	DQ210365	DQ210859	DQ209652
Cryptocentrum peruvianum	(Cogn.) C.Schweinf.	DQ210279	DQ210786	DQ209572
Cryptocentrum pseudobulbosum	C.Schweinf.	DQ210280	DQ210861	DQ209654
Cryptocentrum roseans	(Schltr.) A.D.Hawkes	DQ210416	DQ210903	DQ209701
Cryptocentrum standleyi	Ames	DQ210309	DQ210808	DQ209597
Cyrtidiorchis alata	(Ruiz & Pav.) Rauschert	DQ210569	DQ211044	DQ209849
Cyrtidiorchis frontinoensis	(Garay) Rauschert	DQ210248	-	DQ209542
Cyrtidiorchis rhomboglossa	(F.Lehm. & Kraenzl.) Rauschert	KP323286	KP278316	KM879258
Cyrtidiorchis stumpflei	(Garay) Rauschert	FJ565229	FJ564741	-
Eriopsis biloba	Lindl.	DQ461788	DQ461806	DQ461770
Eriopsis biloba	Lindl.	DQ210374	DQ210866	DQ209661

Heterotaxis brasiliensis	(Brieger & Illg) F.Barros	DQ210155	DQ210687	DQ209465
Heterotaxis discolor	(Lodd. ex Lindl.) Ojeda & Carnevali	DQ210181	DQ210711	DQ209488
Heterotaxis equitans	(Schltr.) Ojeda & Carnevali	DQ210151	DQ210683	DQ209461
Heterotaxis maleolens	(Schltr.) Ojeda & Carnevali	DQ210525	DQ209972	DQ209807
Heterotaxis santanae	(Carnevali & I.RamÃrez) Ojeda & Carnevali	DQ210526	DQ209973	DQ209808
Heterotaxis sessilis	(Sw.) F.Barros	DQ210897	DQ210897	DQ209695
Heterotaxis valenzuelana	(A.Rich.) Ojeda & Carnevali	DQ210170	DQ210700	DQ209477
Heterotaxis villosa	(Barb.Rodr.) F.Barros	DQ210202	DQ210732	DQ209509
Heterotaxis violaceopunctata	(Rchb.f.) F.Barros	DQ210202	DQ210678	DQ209457
Hylaeorchis petiolaris	(Schltr.) Carnevali & G.A.Romero	DQ210545	DQ211020	DQ209827
Inti bicallosa	(Rchb.f.) M.A.Blanco	DQ210202	DQ210998	DQ209800
Inti chartacifolia	(Ames & C.Schweinf.) M.A.Blanco	DQ210265	DQ209942	DQ209559
Lycaste aromatica	(Graham) Lindl.	-	-	-
Lycaste cruenta	(Lindl.) Lindl.	AF239342	AF239438	-
Lycaste macrophylla	(Poepp. & Endl.) Lindl.	-	EU214178	-
Lycaste tricolor	Rchb.f.	-	EU214513	-
Mapinguari auyantepuiensis	(Foldats) Carnevali & R.B.Singer	DQ210336	DQ210834	DQ209622
Mapinguari desvauxianus	(Rchb.f.) Carnevali & R.B.Singer	DQ210736	DQ210736	DQ209513
Maxillaria anatomorum	Rchb.f.	DQ210202	DQ210966	DQ209767
Maxillaria arachnitiflora	Ames & C.Schweinf.	DQ210202	DQ209909	DQ209378
Maxillaria bradei	Schltr. ex Hoehne	DQ210202	DQ210681	DQ209459
Maxillaria breviscapa	Poepp. & Endl.	DQ210544	DQ211019	DQ209826
Maxillaria carolii	Christenson	DQ210573	DQ211048	DQ209853
Maxillaria crocea	Lindl.	DQ210573	DQ210634	DQ209415
Maxillaria dalessandroi	Dodson	DQ210366	DQ210860	DQ209653
Maxillaria elegantula	Rolfe	DQ210024	DQ210596	DQ209338
Maxillaria endresii	Rchb.f.	DQ210024	DQ210586	DQ209325
Maxillaria gentryi	Dodson	DQ210492	DQ210975	DQ209776
Maxillaria grandiflora	(Kunth) Lindl.	DQ210454	DQ210938	DQ209738
Maxillaria jostii	Dodson	DQ210092	DQ210630	DQ209404

Maxillaria lepidota	Lindl.	DQ210454	DQ210857	DQ209650
Maxillaria longiloba	(Ames & C.Schweinf.) J.T.Atwood	DQ210454	DQ210919	DQ209716
Maxillaria longissima	Lindl.	DQ210515	DQ210996	DQ210996
Maxillaria loretoensis	C.Schweinf.	DQ210361	DQ210856	DQ209648
Maxillaria luteoalba	Lindl.	DQ210240	-	DQ209538
Maxillaria marmoliana	Dodson	DQ210351	DQ210848	DQ209638
Maxillaria modesta	Schltr.	DQ210195	DQ210726	DQ209503
Maxillaria molitor	Rchb.f.	DQ210369	DQ210863	DQ209656
Maxillaria multiflora	Barb.Rodr.	DQ210186	DQ210716	DQ209493
Maxillaria nutans	Lindl.	DQ210561	DQ211036	DQ209841
Maxillaria ochroleuca	Lodd. ex Lindl.	DQ210105	DQ210636	DQ209417
Maxillaria parkeri	Hook.	DQ210144	DQ210675	DQ209454
Maxillaria patens	Schltr.	DQ210528	DQ211006	DQ209810
Maxillaria perryae	Dodson	DQ461801	DQ461819	DQ461783
Maxillaria porrecta	Lindl.	DQ209985	DQ210576	DQ209302
Maxillaria pulla	Linden & Rchb.f.	DQ210381	DQ210872	DQ209667
Maxillaria ramonensis	Schltr.	DQ210099	DQ209918	DQ209411
Maxillaria ringens	Rchb.f.	DQ210005	DQ210583	DQ209321
Maxillaria rodrigueziana	J.T.Atwood & Mora-Ret.	DQ210061	DQ210606	DQ209376
Maxillaria rubioi	Dodson	DQ210327	DQ210826	DQ209615
Maxillaria sanderiana	Rchb.f. ex Sander	DQ210271	DQ210781	DQ209564
Maxillaria setigera	Lindl.	DQ210143	DQ210674	DQ209453
Maxillaria silvana	Campacci	DQ210391	DQ210878	DQ209676
Maxillaria speciosa	Rchb.f.	DQ210075	DQ210618	DQ209388
Maxillaria splendens	Poepp. & Endl.	DQ210152	DQ210684	DQ209462
Maxillaria turkeliae	Christenson	DQ210276	DQ209945	DQ209569
Maxillaria virguncula	Rchb.f.	DQ210504	DQ210985	DQ209787
Maxillaria yanganensis	Dodson	DQ461790	DQ461808	DQ461772
Maxillariella acervata	(Rchb.f.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210064	DQ210607	DQ209379
Maxillariella alba	(Hook.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210315	DQ210814	DQ209603

Maxillariella anceps	(Ames & C.Schweinf.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210518	DQ209971	DQ209801
Maxillariella arbuscula	(Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210555	DQ211030	DQ209836
Maxillariella caespitifica	(Rchb.f.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210035	DQ209883	DQ209349
Maxillariella cassapensis	(Rchb.f.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210256	DQ210768	DQ209550
Maxillariella densifolia	(Poepp. & Endl.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210253	DQ210767	DQ209547
Maxillariella diuturna	(Ames & C.Schweinf.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210022	DQ210594	DQ209336
Maxillariella elatior	(Rchb.f.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210298	DQ210797	DQ209587
Maxillariella guareimensis	(Rchb.f.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210565	DQ211040	DQ209845
Maxillariella lawrenceana	(Rolfe) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210451	DQ210936	DQ210451
Maxillariella linearifolia	(Ames & C.Schweinf.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210096	DQ209915	DQ209408
Maxillariella longibracteata	(Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210353	DQ210850	DQ209640
Maxillariella oreocharis	(Schltr.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210488	DQ210971	DQ209772
Maxillariella ponerantha	(Rchb.f.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210418	DQ210905	DQ209703
Maxillariella procurrens	(Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210380	DQ210871	DQ210380
Maxillariella sanguinea	(Rolfe) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210081	DQ209910	DQ209394
Maxillariella stictantha	(Schltr.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210538	DQ211013	DQ210538
Maxillariella variabilis	(Bateman ex Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210187	DQ210717	DQ210717
Mormolyca acutifolia	(Lindl.) M.A.Blanco	DQ210168	DQ210698	DQ209475
Mormolyca aureoglobula	(Christenson) M.A.Blanco	KP323358	KP278241	KM879311
Mormolyca chacoensis	(Dodson) M.A.Blanco	DQ210278	DQ210785	DQ209571
Mormolyca culebrica	BogarÃn & Pupulin	KP323354	KP278281	KM879255
Mormolyca dressleriana	(Carnevali & J.T.Atwood) M.A.Blanco	DQ209980	DQ209858	DQ209297
Mormolyca hedwigiae	(Hamer & Dodson) M.A.Blanco	DQ210182	DQ210712	DQ209489
Mormolyca moralesii	(Carnevali & J.T.Atwood) M.A.Blanco	DQ210295	DQ210794	-
Mormolyca richii	(Dodson) M.A.Blanco	DQ461784	DQ461802	DQ461766
Mormolyca rufescens	(Lindl.) M.A.Blanco	DQ210191	DQ210721	DQ209498
Mormolyca sanantonioensis	(Christenson) M.A.Blanco	DQ210415	DQ210902	-
Mormolyca schlimii	(Linden & Rchb.f.) M.A.Blanco	DQ210350	DQ210847	DQ209637
Mormolyca suareziorum	(Dodson) M.A.Blanco	DQ210523	DQ211003	DQ209805
Mormolyca tenuibulba	(Christenson) M.A.Blanco	DQ210552	DQ211027	DQ209833

Nitidobulbon cymbidioides	(Dodson, J.T.Atwood & Carnevali) Ojeda & G.A.Romero	DQ209987	DQ209863	DQ209304
Nitidobulbon nasutum	(Rchb.f.) Ojeda & Carnevali	DQ210169	DQ210699	DQ209476
Nitidobulbon proboscideum	(Rchb.f.) Ojeda & Carnevali	DQ209979	DQ209857	DQ209296
Ornithidium aureum	Poepp. & Endl.	DQ210318	DQ210817	DQ209606
Ornithidium canarense	(J.T.Atwood) M.A.Blanco & Ojeda	DQ210372	DQ209959	DQ209659
Ornithidium conduplicatum	Ames & C.Schweinf.	DQ210041	DQ209889	DQ209356
Ornithidium distichum	Lindl.	DQ461791	DQ461809	DQ461773
Ornithidium donaldeedodii	Ackerman & Whitten	GU177875	KF660302	-
Ornithidium fulgens	Rchb.f.	DQ210225	DQ209930	DQ209525
Ornithidium gualaquizense	(Dodson) M.A.Blanco & Ojeda	DQ461796	DQ461814	DQ461778
Ornithidium mapiriense	Kraenzl.	DQ210571	DQ211046	DQ209851
Ornithidium miniatum	Lindl.	DQ210062	DQ209908	DQ209377
Ornithidium pendens	(Pabst) Senghas	DQ210104	DQ210635	DQ209416
Ornithidium pendulum	(Poepp. & Endl.) Cogn.	DQ210194	DQ210725	DQ209502
Ornithidium pittieri	Ames	DQ210060	DQ209907	DQ209375
Ornithidium repens	(L.O.Williams) M.A.Blanco & Ojeda	DQ210070	DQ210613	DQ209384
Ornithidium semiscabrum	Lindl.	KP323339	KP278300	KM879230
Ornithidium serrulatum	Lindl.	DQ210535	DQ211010	DQ209817
Ornithidium sophronitis	Rchb.f.	DQ210310	DQ210809	DQ210310
Pityphyllum antioquiense	Schltr.	DQ210371	DQ209958	DQ210371
Pityphyllum pinoides	H.R.Sweet	DQ210089	DQ209913	DQ209401
Rhetinantha aciantha	(Rchb.f.) M.A.Blanco	DQ210296	DQ210795	DQ209585
Rhetinantha acuminata	(Lindl.) M.A.Blanco	DQ210500	DQ210981	DQ209783
Rhetinantha encyclioides	(J.T.Atwood & Dodson) M.A.Blanco	DQ209983	DQ209861	DQ209861
Rhetinantha notylioglossa	(Rchb.f.) M.A.Blanco	DQ210114	DQ210645	DQ210114
Rhetinantha scorpioidea	(Kraenzl.) M.A.Blanco	DQ210058	DQ209905	DQ209373
Rhetinantha witsenioides	(Schltr.) M.A.Blanco	DQ210247	DQ209937	DQ209541
Rudolfiella floribunda	(Schltr.) Hoehne	DQ210394	DQ210881	DQ209679
Sauvetrea alpestris	(Lindl.) Szlach.	DQ210414	DQ210901	DQ209699

Sauvetrea chicana	(Dodson) M.A.Blanco	DQ461795	DQ461813	-
Sauvetrea laevilabris	(Lindl.) M.A.Blanco	DQ210334	DQ210832	DQ209621
Scuticaria hadwenii	(Lindl.) Planch.	AF239328	AF239424	-
Scuticaria salesiana	Dressler	DQ210385	DQ210875	DQ209671
Trigonidium egertonianum	Bateman ex Lindl.	DQ210184	DQ210714	DQ209491
Trigonidium insigne	Rchb.f. ex Benth. & Hook.f.	DQ210494	DQ210977	DQ209778
Trigonidium obtusum	Lindl.	DQ210110	DQ210641	DQ209421
Trigonidium riopalenquense	Dodson	DQ210252	DQ210766	DQ209546
Trigonidium turbinatum	Rchb.f.	DQ210183	DQ210713	DQ209490
Xylobium colleyi	(Bateman ex Lindl.) Rolfe	-	DQ210745	-
Xylobium leontoglossum	(Rchb.f.) Benth. ex Rolfe	DQ210254	DQ209939	DQ209548
Xylobium pallidiflorum	(Hook.) G.Nicholson	AF239338	AF239434	-
Xylobium squalens	(Lindl.) Lindl.	-	EF079255	-
Xylobium zarumense	Dodson	AF239339	AF239435	-

CHAPTER 2 - ARE CHROMOSOME NUMBER AND GENOME SIZE ASSOCIATED WITH HABIT AND ENVIRONMENTAL NICHE VARIABLES? INSIGHTS FROM THE NEOTROPICAL MAXILLARIINAE (ORCHIDACEAE).

Thaissa Brogliato Junqueira Engel[1], Eliana R. Forni-Martins[1], Leonardo P. Felix[2], Juliano Sarmento Cabral[3], Ana Paula Moraes[4]

[1] Universidade de Campinas – UNICAMP, Instituto de Biologia, Departamento de Biologia Vegetal, Programa de Pós Graduação em Biologia Vegetal, Campinas, 13083-970, São Paulo, Brazil

[2] Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campus II, Departamento de Ciências Biológicas, Areia, 58.397-000, Paraíba, Brazil

[3] University of Würzburg, Ecosystem Modeling, Center for Computational and Theoretical Biology (CCTB), Klara-Oppenheimer-Weg 32, 97074, Würzburg, Germany

[4] Universidade Federal do ABC - UFABC, Centro de Ciências Naturais e Humanas, São Bernardo do Campo, 09606-070, São Paulo, Brazil

Corresponding author: Ana Paula Moraes, ana.moraes@ufabc.edu.br, +55 11 2320-6263

ORCID:

Thaíssa Brogliato Junqueira Engel 0000-0002-0421-9048,

Eliana R. Forni-Martins 0000-0002-8889-4955,

Juliano Sarmento Cabral 0000-0002-0116-220X,

Ana Paula Moraes 0000-0002-9878-3925.

Running title: Are genomic and ecological traits associated in Maxilariinae?

To be submitted to the New Phytologist

Summary

- The entangled relationship between chromosome number and genome size with species distribution has been the subject of study for almost a century and remainsstill an open question. Aiming to contribute to this discussion, here we used a widely distributed and karyotypically well-known orchid subtribe as a model to infer such relationships in a robust methodological scenario.
- We extracted the most important environmental variables, habits, and tested the best evolutive model for genomic traits. We also fitted null models to evaluate the putative role of polyploidy. Finally, we perform multivariate phylogenetic models to test the associations between ecological and genomic traits.
- The small genome size was related to epiphytism and possibly was adaptive in the diversification of Neotropical orchids. Polyploidy seems to be associated with reducing the number of habits, exerting epiphytism, and colonising new habitats outside humid Forests.
- The genomic traits explored here seem to be shaped by both neutral and adaptive evolution. Despite the important role of polyploidy on the ecological niche, the genome size proved to be central to Maxillariinae evolution by its association with plant physiology, environmental variables, and the epiphytic habit, a fundamental trait in Neotropical orchid diversification.

Keywords: C-value, dysploidy, epiphytic, karyotype, ecological niche, orchid, polyploidy, SDM

Introduction

Species distribution is a central subject in niche theory, and the role of chromosome numbers in this subject has been the focus of debate for almost a century (e.g. see initial works of Müntzing, 1936; Clausen *et al.*, 1940, 1945; Löve & Löve, 1943, 1949; Stebbins, 1950, 1971; Ehrendorfer, 1979). The species' realised niches are primarily determined by species inherent abiotic requirements, like environmental conditions, and associated physiological constraints, as well as by biotic requirements, often associated with resource availability and biotic interactions, and by dispersal ability (Soberón, 2010). Since the abiotic and biotic niche drivers are evolvable, they may be constrained by genomic traits, as chromosome number (Leitch & Leitch, 2008; Ramsey & Ramsey, 2014; Rice *et al.*, 2019; Baniaga *et al.*, 2020) and genome size (Knight & Ackerly, 2002; Knight *et al.*, 2005; Knight & Beaulieu, 2008; Beaulieu *et al.*, 2008; Leitch *et al.*, 2010; Pellicer *et al.*, 2018; Roddy *et al.*, 2020). Such entangled relationships between plant species' niche and genomic traits is an effervescent research topic (as reviewed in Spoelhof *et al.*, 2017; Baduel *et al.*, 2018; Lavania, 2020; Van de Peer *et al.*, 2020) but more needs to be uncovered about the impact of such genomic traits, associated or not with polyploidy, in plant species niche.

Studies on polyploid ecology have suggested the association of high ploidy levels with putative differential responses to different stress (reviewed in te Beest *et al.*, 2012), favouring the occupancy of new, extreme, or adverse environments (Ramsey & Ramsey, 2014; Dar & Rehman, 2017; Doyle & Coate, 2019). Accordingly, it is accepted that polyploidy could promote shifts in community assembly and dynamics and changes in the ecological niche (McIntyre, 2012; Segraves & Anneberg, 2016; Soltis *et al.*, 2016; Blaine Marchant *et al.*, 2016; Segraves, 2017; Baduel *et al.*, 2018; Karunarathne *et al.*, 2018; Rice *et al.*, 2019; Rezende *et al.*, 2020). Nevertheless, the phylogenetic relationships may mask the genomic effects since a higher polyploid frequency could be a consequence of the differential distribution of a polyploid-rich taxonomic group (Martin & Husband, 2009; Rice *et al.*, 2019). In this sense, phylogenetic correction is mandatory in polyploid ecology studies.

By doubling the genome, the polyploidy directly affects the genome size, a second genomic trait that could affect the ecological niche. However, changes in the repetitive DNA fraction

can promote genome size variation even without any changes in the chromosome number (Moraes *et al.*, 2012; Lee & Kim, 2014; Biscotti *et al.*, 2015; Garrido-Ramos, 2017; Hartley & O'Neill, 2019). The nucleotypic effects (i.e., phenotypic traits influenced by bulk DNA amount) could be observed both in micro- and macro morphological scale (Knight & Ackerly, 2002; Knight *et al.*, 2005; Beaulieu *et al.*, 2007b, 2008; Knight & Beaulieu, 2008; Šímová & Herben, 2012; Greilhuber & Leitch, 2013; Snodgrass *et al.*, 2017; Doyle & Coate, 2019), along with constraints to functional traits, as photosynthetic rate (Beaulieu *et al.*, 2007a; Roddy *et al.*, 2020). The mechanism by which the genome size could interfere with morphology and physiology is that once the genome size increases, it tends to scale up the cell size, affecting the cell cycle speed (higher the genome size, lower the speed; Francis *et al.*, 2008) and generation time (higher the genome size, higher the minimal time generation; Bennett, 1972; Levin, 2002; Ryan Gregory, 2004). By interfering in such essential traits, the genome size is considered to potentially affect adaptive diversification (Leitch *et al.*, 2005; Kraaijeveld, 2010; Kang *et al.*, 2014; Simonin & Roddy, 2018; Pellicer *et al.*, 2018; Carta *et al.*, 2020), habit (Chase *et al.*, 2005; Leitch *et al.*, 2009; Veselý *et al.*, 2013, 2020; Carta & Peruzzi, 2016; Hidalgo *et al.*, 2017; Trávníček *et al.*, 2019) and present associations with environmental traits (Sparrow & Miksche, 1961; Knight & Ackerly, 2002; Leitch & Bennett, 2007; Díez *et al.*, 2013; Pustahija *et al.*, 2013; Carta & Peruzzi, 2016).

Considering the above-mentioned association of genomic and ecological niche traits, a dichotomy seems to apply to plant ecology. While it is traditionally assumed that polyploidy promotes a wider plant geographic distribution and ecological niches diversity than their diploid counterparts (Stebbins, 1985), the genome size increase may limit both the distribution and the niche expansion (Blaine Marchant *et al.*, 2016; Simonin & Roddy, 2018). Such a polyploid broader niche seems to be a consequence of the polyploids heterosis, favouring the niche expansion counterbalanced by the nucleotypic effects of genome size increase (Doyle & Coate, 2019). Nevertheless, such positive correlation between polyploidy and genome size increase assumed in this dichotomy is restricted to genera and families clades (Doyle & Coate, 2019), making it mandatory to evaluate the polyploidy and genome size effects in the plant ecology at the correct taxonomic level, by choosing a group that should embrace an extensive distribution and niche variability, along with significant genomic variability.

Orchidaceae, the largest plant family (Christenhusz & Byng, 2016; Ulloa Ulloa *et al.*, 2017), meets the requirements presenting wide distribution and high genomic variability. It was suggested that the epiphytic habit presents association with genome size (Leitch *et al.*, 2009; Trávníček *et al.*, 2019); however, both studies used temperate biased samples. Nevertheless, the Neotropical clades, which represent an important component of epiphytic flora, should bring more informative results on the chromosome number and genome size mode of evolution and association between genomic and ecological traits considering the epiphytic habit. Accordingly, we choose the subtribe Maxillariinae Benth. as a study system since it is a species-rich component in humid Neotropical forests, encompassing terrestrial, lithophytic and epiphytic habits and covering a wide geographical distribution (Whitten *et al.*, 2007). Moreover, Maxillariinae orchids present chromosome number and genome size variations, along with robust ecological data availability, making the subtribe the perfect candidate study group to understand the relationships between chromosome number and genome size and ecological niche.

Based on our system, we address the following questions: (1) Are genomic traits associated with environmental variables that influence the Maxillariinae distribution? (2) Are genomic traits associated with epiphytic habit in Maxillariinae? These questions are evaluated taking the polyploidy effect and phylogenetic correction into account. To answer these questions, we follow four steps: i) gathered and generated new data for genomic traits; ii) generated a phylogenetic hypothesis ensuring that all species with genomic and/or ecological data are represented and check that the phylogenetic hypothesis is congruent with previously published studies; iii) evaluated potentially relevant environmental variables and the occurrence data used to predict species ranges; and, iv) since both genomic traits are known to frequently exhibit strong phylogenetic dependence (i.e. shared evolutionary history) we tested evolution models to fit further analyses under adequate phylogenetic constraints and then performed macroecological analyses to address the study questions listed above. We perform multivariate phylogenetic models including environmental variables and habit preferences as explanatory variables and chromosome number and genome size as response variables. To evaluate the role of polyploidy, we reconduct the analyses with and without polyploids.

Material and Methods

Plant material

All plant material was obtained from the living collection of the Frederico Carlos Hoehne Orchidarium of the São Paulo Institute of Botany or collected during field expeditions, with vouchers deposited in HUFABC and SP (acronym following Thiers, 2020; Supporting Information Tables S1 and S2). We sampled species to ensure that all Maxillariinae species with available chromosome number and genome size (Table 1), habit (Table S3), and geographic distribution data are represented in the phylogenetic tree. Here we follow the taxonomic nomenclature defined by Blanco et al. (2007).

Methodology

1. **Genomic traits - Chromosome number and Genome size data**

Chromosome count. We collected young roots from 24 species (Table S1). Pre-treatments and fixation followed Moraes *et al. (2017)* and squash technique followed Guerra & Souza (2002) using enzymatic solution of 2% (w/v) cellulase (Onozuka)/20% (v/v) pectinase (Sigma)/1% macerozyme (Sigma) at 37°C for 30 min. The chromosome preparations were stained with DAPI (1 ug ml^{-1}) for 30 min and mounted with McIlvaine: glycerol pH 7.0 buffer (Guerra & Souza, 2002). The slides were examined under an Olympus BX 53 epifluorescence microscope (Olympus Life Science), photographed with a coupled XM10 camera, and analysed using Olympus CellSens software. The images were colour inverted and processed uniformly for colour balance, contrast, and brightness using Adobe Photoshop CS5 (Adobe Systems, Inc.).

Genome size estimation by Flow cytometry. Preferably, three individuals from each species were analysed in triplicate (Table S1). For each sample, one silica-dried pollinium or 50 mg of fresh young leaf tissue was macerated with approximately 25 mg of a fresh leaf of *Pisum sativum* var. Ctirad (2C=9.09pg; Doležel *et al.*, 1998) as an internal reference standard. Both materials were macerated in 0.5 ml of cold Ebihara buffer (Ebihara *et al.*, 2005) supplied with 0.025 µg mL^{-1} RNAse using a scalpel blade. Nuclei suspensions were stained by adding 12.5 µL of a 1 mg mL^{-1} solution of propidium iodide (PI, Sigma). The analysis was performed using

the FACSCanto II cytometer (Becton Dickinson, San Jose, CA, USA) kindly made available by the Microbiology and Immunology Department of IBB-UNESP (Botucatu, Brazil). The histograms were obtained with FACSDiva software based on 5,000 events, and the statistical evaluation was performed using Flowing Software 2.5.1 (http://www.flowingsoftware.com/). The quality control of the samples was based on the coefficient of variation (CV) of each measurement, which should be below 5%, and the standard deviation (SD) among genome size measurements, which should be below 3%. Such limits ensure that the variations observed inside and among measurements are due to technical factors and should not represent intraspecific variation among individuals (Pellicer & Leitch, 2014).

Literature survey. Besides the data obtained here, we also survey chromosome number and genome size data from the scientific literature (Table 1) and, for the outgroup species, from the Chromosome counts database (http://ccdb.tau.ac.il; Rice *et al.*, 2015) and Plant C-value (https://cvalues.science.kew.org; Pellicer & Leitch, 2020).

2. Phylogenetic hypotheses

We sampled 100 individuals representing 97 species from 26 genera for phylogenetic reconstruction: 87 species distributed in 19 genera from the subtribe Maxillariinae and ten species (seven genera) as outgroup (Table S2). Besides sequences obtained from Genbank, we produced new matK-trnK sequences for 19 species and ITS sequences for 16 species (Table S2).

Extraction, amplification and sequencing. Genomic DNA extraction followed the CTAB protocol (Doyle & Doyle, 1987), excluding β-mercaptoethanol. We used primers 17SE and 26SE (Sun *et al.*, 1994) to amplify the internal transcribed spacers from the nuclear ribosomal DNA (nrITS) from 19 species and the primers 19F (Goldman *et al.*, 2001) and trnK2R (Johnson & Soltis, 1994) to amplify the matK-trnK flanking region from the plastidial genome, with a third internal primer for sequencing, the 308F (TATCAGAAGGTTTTGSA), from 12 species. The PCRs parameters and reagent volumes are described in Whitten *et al.* (2007). Purification and sequencing were performed by Macrogen (Seoul, South Korea - http://dna.macrogen.com/eng/), using the same primers mentioned above. The obtained sequences were submitted to GenBank (Table S2).

Phylogenetic reconstruction. To build the phylogenetic framework for this study, we assembled a data matrix with three markers: two plastid genome regions (*mat*K-*trn*K and ycf1) and one nuclear region (ITS) (Table S2). The multiple sequence alignments were conducted by MAFFT v. 7.453 software using its progressive alignment and iterative refinement methods (Katoh & Standley, 2014; Katoh *et al.*, 2019). The matrix was analysed under Maximum Likelihood (ML) and Bayesian Inference (BI).

The ML analysis was performed using IQ-TREE2 (Minh *et al.*, 2020) using the following nucleotide substitution models: TIM3e+G4 to nrITS, TVM+F+R3 to matK-trnK, and TVM+F+R2 to ycf1 partition, all chosen by ModelFinder applying the Bayesian Information Criterion (BIC; Kalyaanamoorthy *et al.*, 2017). We used 100 bootstrapping to assess branch supports. The BI was performed using MrBayes v. 3.2.7a (Ronquist *et al.*, 2012) with GTR+I+G as the selected evolutive model for the three partitions. Four independent runs, one hot and three cold chains, were started from different random trees to ensure that individual runs had converged to the same result. We used 20 million generations per chain with a sampling frequency of 2,000. Split frequencies below 0.01 were used to check for convergence, and the effective sample size (ESS) for each run was checked in Tracer v. 1.7.1 (Rambaut *et al.*, 2018). Twenty-five per cent of trees were excluded as burn-in. Saved trees were summarised in a majority rule consensus tree created with nodal confidence assessed by posterior probabilities (PP), which were considered strongly supported when equal to or higher than 0.95. The ML and BI trees were edited with FigTree v.1.4.4 (http://tree.bio.ed.ac.uk/software/figtree/) and Adobe Photoshop CS5 (Adobe Systems, Inc.). Alignments and trees are available from TreeBase (http://treebase.org, submission number 28311).

3. The ecological data

Habit data. For all 97 species, we compiled information on habit (terrestrial, epiphytic, or lithophytic) from two datasets: World Flora Online (http://www.worldfloraonline.org/) and Flora do Brasil 2020 (http://floradobrasil.jbrj.gov.br/) (Table S3). We defined two ecological variables based on habit information: “number of possible alternative habits” and “exclusively or not exclusively epiphytic”.

Environmental data - elevation and bioclimatic variables. We compiled occurrence information from three online databases: Species link (http://splink.cria.org.br), GBIF

(Holstein, 2001; https://www.gbif.org) and BIEN (Enquist *et al.*, 2016; Maitner *et al.*, 2018; http://bien.nceas.ucsb.edu), besides specific literature sources (Koehler *et al.*, 2008, 2012; Pridgeon *et al.*, 2009; Gomes *et al.*, 2018), expert knowledge and our collection records. We excluded duplicate occurrence entries, flawed geographic coordinates, and dubious entries, retaining a total of 5,839 occurrence points (Table S4).

From each occurrence point, we extracted information on a) elevation, obtained from the Global Multi-resolution Terrain Elevation Data 2010 (Danielson & Gesch, 2011) (Table S3), and b) 19 bioclimatic variables provided by WorldClim 2.0 (https://www.worldclim.org; Fick & Hijmans, 2017) with a spatial resolution of 30 arc seconds (~1 km^2). As elevation and bioclimatic variables are often correlated, we used the package 'virtualspecies' (Leroy *et al.*, 2016) in R (R Core Team, 2020) and the Variance Inflation Factor (Fox & Monette, 1992; Mundry, 2014) to identify and reduce multicollinearity among these variables (Methods S1). As a result, we kept elevation and six bioclimatic variables: (1) Temperature Seasonality, (2) Mean Temperature during the Coldest Quarter, (3) Mean Diurnal Temperature Range, Precipitation during the (4) Coldest Quarter, (5) Warmest Quarter, and (6) Driest Quarter.

4. Maxillariinae occurrence and its environmental drivers.

To further assess whether the sevensix environmental variables would be indeed useful for the macroevolutionary and macroecological analyses, we addressed whether these environmental features are drivers of the occurrence of Maxillariinae species by estimating the MaxEnt species distribution models (SDMs) (R package 'dismo'; Hijmans & Elith, 2013; Hijmans *et al.*, 2020; see Methods S2). As predictor variables, we used the six non-collinear bioclimatic variables described before (see also Methods S1), plus Elevation and Ecoregions (ecoregions2017.appspot.com; Olson *et al.*, 2001). We then evaluated their importances using jackknife tests (see Evaluation of the variables on Methods S2). We also analysed the response curves, a MaxEnt output, to understand how the estimated probability of environmental suitability for species presence changes in response to variation in the environmental variables.

5. Macroevolutionary and macroecological analyses

Since both genomic traits are known to frequently exhibit strong phylogenetic dependence, we tested macroevolutionary models to fit further analyses under adequate phylogenetic constraints and then performed macroecological analyses.

Relation between chromosome number and genome size. We assessed the relationship between the two genomic traits by regressing them against each other in a phylogenetic generalised least squares (PGLS), using the R package 'caper' (Orme *et al.*, 2013), with chromosome number as the response variable.

Phylogeny-based regressions approach. For regressions, we again apply the PGLS using the R package 'caper' (Revell, 2010). First, using the 'geiger' package (Pennell *et al.*, 2014), we tested three evolution models to confirm the best macroevolutionary model to our genomic traits: Brownian Motion (Felsenstein, 1973), Ornstein–Uhlenbeck (Butler & King, 2004; Cressler *et al.*, 2015), and Early Burst (Felsenstein, 1973; Harmon *et al.*, 2010). Comparing the models via an AICc, Brownian Motion was selected as the best model (Table S5). Given the overall effect of phylogeny on variation in chromosome number and genome size, we estimated the phylogenetic signal using Pagel's (λ; Pagel, 1999) under Maximum likelihood, while the scaling parameters delta (Δ) and kappa (K) were fixed to one (Table S6).

Correlations between genomic and ecological traits. To test whether the chromosome number and genome size (treated here as dependent variables) are correlated to habit and to the environmental variables, we regressed the dependent variables separately against the set of environmental variables previously selected: two habit-associated variables, the six environmental variables (see the topic "3. Ecological data") and elevation, to obtain the Maximum Models (MM), one for each genomic trait. We used the package 'MuMIn' (Bartón, 2020) for model selection, fitting every possible combination of variables within each MM and evaluating their performances. All models (i.e., all possible combinations of variables in each set), including the intercept-only model, were ranked according to their AICc weights to identify the Best Models (BM), considering that ΔAICc<2 are putative most parsimonious models (Burnham & Anderson, 2002a,b, 2004). Hence, the determination of which model is the BM lies in the knowledge of the biological sample and the predictors. For each model, we evaluated model diagnostic plots to check if regression assumptions are met.

Effect of polyploidy on the correlations between genomic and ecological traits. Finally, to enlighten the significance of polyploidy in the relationship between the genomic traits and

the ecological data, we performed the macroevolutionary analyses twice: first without the polyploidy cytotypes and following with the polyploid cytotypes.

Results

1. Genomic traits - Chromosome number and Genome size data

The chromosome number (Fig. 1) and genome size (Fig. 2) were obtained here for 24 and 28 species, respectively (Table S1). Along with the literature survey, we ensure that 92 and 62 species present chromosome number and genome size data for the analysis (Table 1).

Chromosome number. The 2*n*=40 was the most frequent chromosome number, observed in 62.65% of the Maxillariinae species. Alternative chromosome numbers indicate dysploidy as a common event in this group, with diploid chromosome numbers varying between 2*n*=36 to 2*n*=46: 2*n*=36 (7.23%), 2*n*=38 (20.48%), 2*n*=42 (8.43%), and 4*n*=46 (1.20%). One species presented dysploid cytotypes (*Mapinguari desvauxianus* (Rchb. f.) Carnevali & R.B.Singer with 2*n*=36 and 40), and three species presented polyploidy cytotypes (*Bifrenaria tetragona* (Lindl.) Schltr., *Bif. tyrianthina* (Loudon) Rchb. f. and *Christensonella subulata* (Lindl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Åšmiszek, all with 2*n*=38 and 76) (Table 1).

Genome size. The genome size presented here (Table 1 and Table S1) indicated that the 1Cx value (i.e., C-value for the monoploid genome) varies from 1.72pg in *Trigonidium obtusum* Lindl. to 6.12pg in *Scuticaria steelei* (Hook.) Lindl., which is consistent with data obtained from the literature, which suggested that 1Cx varies from 1.70pg in *Trigonidium egertonianum* Bateman ex Lindl. to 5.69pg in *Scuticaria hadwenii* (Lindl.) Hoehne (Table 1, Fig. 2). Considering the data from the 62 species, the genome size varies 3.6x, with a modal value of 1Cx=3.41pg and an average of 1Cx= 3.38 +/- 0.96.

2. Phylogeny

The aligned *mat*K-*trn*K - ycf1 - ITS matrix comprises 2,986 sites (735 - 1541 - 710, respectively), with 33.70% of missing data, 30.14% variable sites and 16.71% parsimony informative sites. Both ML and BI analysis (Fig. S1) support the monophyly of the subtribe Maxillariinae and all sampled genera but *Trigonidium* Lindl. and *Scuticaria* Lindl. In both analyses, *Trigonidium* were placed as a polyphyletic genus close to *Maxillaria* Ruiz & Pav.,

while the two *Scuticaria* species formed a polytomy on the base of Maxillariinae subtribe in both analyses. Despite some punctual differences between ML and IB (e.g., see species relationships inside the genus *Maxillaria*, Fig. S1), both phylogenetic trees present congruent topologies with similar branch support for all genera. Based on this overall similarity, we choose to use the BI phylogenetic tree for macroecological analysis.

3. Ecological data

3.1. Habit and elevation data

The 97 species sampled here could be found in three alternative habits, with some species colonising more than one habitat (Table S3). Ninety-one Maxillariinae species (93.81%) have an epiphytic habit, 69 out of them being exclusively epiphytic (71.13%). We also observed lithophytic habit in 23 species (23.71%), none of them being exclusively lithophytic, and terrestrial habit in eight species (8.25%), four being exclusively terrestrial (4.12%). All lithophytic species are also epiphytic, except by *Mapinguari auyantepuiensis* (Foldats) Carnevali & R.B.Singer and *Eriopsis biloba* Lindl., which are lithophytic and terrestrial. Regarding the variable number of habits, 80 species (82.5%) occurred in just one habit, 23 species (23.7%) in two alternative habits and just one, *Maxillariella variabilis* Bateman ex Lindl. M.A.Blanco & Carnevali, was found in the three habits (Table S3). Species were recorded in a wide variety of elevations ranging from 0m to 5,240m (Table S3).

3.2. Maxillariinae distribution in response to environmental variables

Variables contribution. Analysing the SDMs (Methods S1) of the 87 Maxillariinae species, we identified four, out of the eight selected variables, as the most important ones to the model's performance: Ecoregion (see Note 1), Temperature seasonality, Mean Temperature of Coldest Quarter, and Precipitation of Coldest Quarter (see arrows in Fig. 3a - Permutation Importance - and for data per species, see heatmaps in Fig. S2). The three first variables were consistently among the top variables (see arrows in Fig. 3b - g), both when used alone, or when omitted. The variables Precipitation of Warmest Quarter and Mean Diurnal Temperature Range were also present in most of the jackknifes (see asterisks in Fig. 3b-g). Two variables, Temperature Seasonality and Mean Diurnal Temperature Range, showed Gaussian curves with optimum in medium values, whereas Temperature Seasonality and

Mean Diurnal Temperature Range showed decreasing sigmoid curves (Fig. 4a,b). The response curve to Mean Temperature in the Coldest Quarter was often gaussian with the optimum between 15°C and 20°C (Fig. 4c). For Precipitation in the Warmest Quarter and Precipitation in the Coldest Quarter, the response curves were sigmoidal increasing curves stabilising around 1,000mm (Fig 4d-e). Taken together, the response curves indicate that Maxillariinae species are better adapted to humid, mild, stable environments.

3.3. Macroevolution analyses

Relationship between chromosome number and genome size. Pagel's λ for the genomic traits without polyploids revealed a strong phylogenetic signal in the model residuals (λ=1.000; Table S6). A weak positive correlation was found between the genomic traits, with only 8.6% of the variance in chromosome number being explained by genome size variation (Adjusted R^2: 8.6%, *p*-value=0.0138; Table S6).

Genomic traits correlations with ecological data under a phylogeny-based approach. The Pagel's λ for the PGLS models of both the dependent variables, chromosome number and genome size, without the polyploids, against ecological variables (two habit variables, elevation and the six non-collinear bioclimatic variables) revealed a strong phylogenetic signal in the residuals for both variables (λ=0.92 and λ=1.000 respectively; Table 2). The AICc model selection based on the PGLS of the chromosome number against all nine variables (considered the Maximum Model - MM) resulted in 11 Best Model (BM) candidates (i.e., present ΔAICc<2; Fig. S3a). The BM held only the variable Elevation in positive correlation with chromosome number (R^2: 3.42%, *p*-value=0.043; Fig. 5), but the AICc did not prove the BM to perform better than the intercept-only model (i.e., the ΔAICc between Intercept-only Model and BM AICcs was not higher than 2; see Table 2).

Regarding genome size, the AICc model selection based on the MM also resulted in 11 BM candidates with ΔAICc<2 (Fig. S3b). The BM was composed by the Number of possible Habits, Elevation, and Precipitation of the Warmest Quarter variables (R^2: 12.43%, *p*-value=0.014; Table 2; Fig. S3b). While the two first variables present a positive correlation with the increase of the genome size, the last one shows a negative correlation with the increase of the genome size (Fig. 5). According to the AICc, the BM performed better than the intercept-only model (Table 2). Although the variable Habit exclusively epiphytic was not

held in the BM, it was present in many BM candidates, negatively associated with the increase in genome size (Fig. 5).

Effect of polyploidy on genomic traits correlations. Adding polyploids to the sample in the regression of chromosome number against genome size caused the model's residuals to carry no phylogenetic signal (λ=0.000; Table S6). The PGLS showed a positive relationship between these two variables, with genome size accounting for 68.42% of the variation in chromosome number (Adjusted R^2: 68.42%, *p*-value<$2.2e^{-16}$; Table S6).

Regarding chromosome numbers with polyploids, Pagel's λ showed a small phylogenetic signal in the residuals of the regression against ecological variables (λ=0.332; Table 2). The AICc model selection based on the MM indicated nine BM candidates (Fig. S3c). The variables Number of possible Habits, Habit Exclusively Epiphytic, and Precipitation of Coldest Quarter were present in all BM candidates (Fig. S3d), with a negative correlation with the increasing chromosome number, while the variable Temperature of Coldest Quarter held a positive correlation with the rising chromosome number (R^2: 32.66%, *p*-value=$3.717e^{-08}$; Table 2; Fig. 5). According to the AICc test, the BM performed better than the intercept-only model (Table 2).

Pagel's λ statistic for genome size in the sample with polyploids also showed a high phylogenetic signal in the residuals of the model (λ=0.740; Table 2), but weaker than the model without polyploids (λ=1.0; Table 2). The AICc model selection based on the MM PGLS indicated five BM candidates (Fig. S3d). The variables Temperature Seasonality and Precipitation of the Coldest Quarter were present in almost all BM candidates and composed the BM (Fig. S3d), with both variables negatively correlated to the increasing genome size (R^2: 14.56%, *p*-value=0.002; Table 2, Fig. 5).

Discussion

We used a phylogeny-based approach to seek associations between genomic (chromosome number and genome size) and ecological (habits and environmental) data, using a Neotropical orchid clade as a model. Our results suggested that, despite the solid phylogenetic signal of genomic traits, the ecological data partially explain the variation of

genomic traits. Thus, our analyses better comprehend the relationships among epiphytism, species environmental niches, and genomic traits variation.

1. Genomic traits and the phylogenetic hypothesis: correlation, mode of evolution, and phylogenetic signal

Our data concerning genomic traits and phylogeny are congruent to the literature. For those species with no previous published chromosome number and genome size, our counts agree with those reported for the genus. The chromosome number variation confirms the importance of dysploidy in orchid chromosome evolution (Cabral *et al.*, 2006; Koehler *et al.*, 2008; Felix & Guerra, 2010; Moraes *et al.*, 2012, 2016, 2017; De Oliveira *et al.*, 2015), a chromosomal process considered a critical mechanism especially following the polyploidy pulses (Escudero *et al.*, 2014; Mandáková & Lysak, 2018; Levin, 2020), while the genome sizes were deemed to be small or medium, following Leitch *et al. (1998)*. Concerning phylogeny, the subtribe and genera monophyletism was previously shown by Koehler *et al.* (2002), Whitten *et al.* (2007), Koehler *et al.* (2008), Moraes *et al.* (2016), Moraes *et al. (2017)*.

1.1. Correlation between the genomic traits

Following observations from the literature, the two genomic traits presented a weak positive correlation when considering diploid cytotypes. However, when including polyploids in the sample, a stronger positive correlation is observed between the genomic traits (e.g. Jordan *et al.*, 2015). Such a strong correlation was expected, given that polyploidy is always accompanied by genome size increase. However, such correlation is not entirely linear due to ambiguous DNA excesses purging that frequently occurs on the diploidisation process (Leitch & Bennett, 2004; Michael, 2014; Soltis *et al.*, 2015; Dodsworth *et al.*, 2016; Simonin & Roddy, 2018; Mandáková & Lysak, 2018; Qiao *et al.*, 2019).

1.2. Genomic traits mode of evolution and phylogenetic signal

Different evolution models were reported depending on taxa, sampling and

methodology (Simonin & Roddy, 2018; Burchardt *et al.*, 2018; Paule *et al.*, 2020). Here we found that Brownian Motion adequately describes chromosome number and genome size changes in Maxillariinae, contrasting with Trávníček et al. (2019), which suggested the Ornstein-Uhlenbeck model better describe the genome size variation in Orchidaceae. However, the authors' sampling biased towards temperate climates could explain the alternative result. Even more, Trávníček et al. (2019) also observed a stronger selection for genome size in temperate environments than in tropical and sub-tropical climates, where Maxillariinae preferentially occurs.

Nevertheless, it is important to note that despite the general tendency to assume that traits evolving as expected under Brownian motion are not under selection, such assumption is a simplistic interpretation of the Brownian Motion concept (Harmon, 2019). In fact, natural selection, mutation, and drift depend on many factors, and as long as properties are met, traits can evolve under Brownian Motion even under strong selection (Hansen & Martins, 1996; Harmon, 2019). Widespread taxa can have genetic changes, adaptive or not, fixed either through natural selection or genetic drift within isolated populations (Price *et al.*, 1988; Eckert *et al.*, 2008; Hooper & Price, 2015), but also, if there is extreme selective pressure on a given trait, a novelty can be fixed even in the absence of isolation (Coyne & Orr, 2004). Accordingly, although there are questions about whether genomic changes are adaptive or neutral, they can become fixed in populations and cause species diversification (Rieseberg, 2001; Whitney *et al.*, 2010; Faria & Navarro, 2010; Kang *et al.*, 2014).

The observed strong phylogenetic signals for chromosome number and genome size agrees with literature for different plant groups (Whitney *et al.*, 2010; Bainard *et al.*, 2012, 2020; Kang *et al.*, 2014; Marinho *et al.*, 2014; Jordan *et al.*, 2015; Alonso *et al.*, 2015; Du *et al.*, 2017) and implies a dependency on phylogeny for both traits. Therefore, despite the phylogenetic signal, Brownian Motion alone is not the best explanation for the variation in the chromosome number dataset with polyploids and in both genome size datasets, suggesting a combination of genetic drift and adaptive evolution should be present on both genomic traits evolution.

2. **Are genomic traits associated with environmental variables that influence the Maxillariinae distribution?**

The Maxillariinae SDMs largely agreed with the distribution known for the subtribe (Pridgeon *et al.*, 2009), with most species occurring along with the Tropical Moist Broadleaf Forests, mainly in Central America, Tropical Andes and Atlantic Forest (see Note S1). The preference for such stable environments reflects how Maxillariinae is affected by the environmental variables that define its distribution.

Among environmental variables, precipitation reveals to be a key variable. Maxillariinae species mainly occur in wet, evergreen or semi-deciduous, humid tropical forests, with little precipitation seasonality; hence they are not usually exposed to drought. Additionally, it is worth noting that most of Maxillariinae's predicted occurrence area has low Precipitation Seasonality and even the dry season is relatively humid, suggesting that precipitation in Warmest Quarter is not a limiting factor for the subtribe distribution. Therefore, the increase in genome size associated with a decrease in Precipitation in the Warmest Quarter could reflect a drift process since such a reduction in the precipitation does not exert selection pressure on genome size or species distribution.

When considering polyploids, the decrease in Precipitation in the Coldest Quarter is associated with an increase in both genomic traits, suggesting that polyploids are better adapted to dry winter, reflecting the capability to colonise unsuitable/adverse environments (Lavania, 2020; Moura *et al.*, 2021). For example, the genus *Bifrenaria* is distributed throughout Amazonia and Atlantic Rain Forest (Koehler *et al.*, 2002), humid Forests with elevated annual precipitation and low-Temperature Seasonality. The only polyploid cytotype presents an obligatory lithophytic habit, colonising exclusively open vegetation in the Cerrado biome, which shows low precipitation volumes in the Coldest Quarter (about 100-200mm during June, July and August; INPE, 2021). Similar results were observed for the close orchids *Gomesa* R. Br. and *Catasetum* Rich. ex Kunth, with polyploid species occurring in the dry Caatinga biome (Felix & Guerra, 2010; Cordeiro *et al.*, 2018), while diploid species occur in humid biomes. In this sense, the negative association between chromosome number and Precipitation in the Coldest Quarter is in accordance with the positive association between chromosome number and Temperature in the Coldest Quarter. Accordingly, such dry and hot biomes as Cerrado and Caatinga savannas could be characterized as extreme conditions, usually associated with high rates of polyploidy (Rieseberg & Willis, 2007).

Nevertheless, larger environmental tolerances are usually associated with decreasing the genome size, which influences cell size, especially the guard cells (Knight & Beaulieu, 2008; Beaulieu *et al.*, 2008; but see also for exceptions Jordan *et al.*, 2015; Roddy *et al.*, 2020). By changing the guard cells volume, genome size affects the stomata response speed (open/close movement when humidity increases/decreases). It is assumed that once the genome size increases, the guard cell gets larger, and the response gets too slow (Drake *et al.*, 2013; Veselý *et al.*, 2020). In this way, by increasing the genome size, polyploidy could favour the distribution of species with large genome size in stable climatic regions, like the ones with reduced Temperature seasonality and Precipitation seasonality.

The response to some environmental variables reflects the drift (as a response to Precipitation), while others suggest adaptive selection (as a response to temperature in warm and coldest quarters). In fact, the currently available evolutive methods have little power to disentangle the actual effect of the different evolutionary forces at work (e.g. Whitney *et al.*, 2010; Kang *et al.*, 2014). Yet, as we discuss below, our results suggest that the correlations of genomic traits with environmental variables in Maxillariinae might be mediated by the correlation of such genomic traits with a key life strategy: the habit.

3. Are genomic traits associated with epiphytic habit in Maxillariinae?

When considering only diploid species, the genome size increase is correlated with the gain of alternative habits other than epiphytic. Although the variable 'exclusively epiphytic' was not retained in the BM, it was present in other BM candidates, suggesting that species with bigger genomes might be prone to desert epiphytism. In fact, correlations between smaller genome sizes and epiphytism were already observed in Orchidaceae (Chase *et al.*, 2005; Leitch *et al.*, 2009; Trávníček *et al.*, 2019), as well as in other plant families (Veselý *et al.*, 2013; Carta & Peruzzi, 2016; Hidalgo *et al.*, 2017). However, when including polyploids in the sample, such correlations are no longer held. The association between genome size and habit might emerge from two main factors: stomata size and genome maintenance costs. By affecting the stomata response speed, the genome size correlates with species habit, possibly configuring a selective pressure since epiphytic species need an effective response to humidity variation. Additionally, larger genomes may become too

expensive in terms of nutrients, such as carbon, phosphorus, and nitrogen (Hessen *et al.*, 2010; Kang *et al.*, 2014; Guignard *et al.*, 2016) for organisms to remain epiphytic. When considering polyploids, the negative correlation between chromosome number and habit variables implies that polyploids are not adding life forms but shifting from epiphytism towards non-epiphytic habit, either terrestrial or lithophytic. Such a relationship of higher ploidy levels and the conquest of geophytic habits was traditionally assumed (e.g. Stebbins, 1971), but it was a poorly tested issue (Trávníček *et al.*, 2019), despite its importance in orchid evolution.

The epiphytic habit is a key innovation associated with Orchidaceae diversification (Gravendeel *et al.*, 2004; Freudenstein & Chase, 2015; Givnish *et al.*, 2015). It is suggested that two geographic shifts from Old World to New World have occurred, one of them on the base of tribe Cymbidieae. Such geographic shifts are associated with habit shift from terrestrial to epiphytic, suggesting that the rise of the epiphytic habit was associated with the colonisation of partially unoccupied habitats in the New World, favouring high rates of orchid diversification (Freudenstein & Chase, 2015; Givnish *et al.*, 2015). The reversion from epiphytic to non-epiphytic habit in orchid has also been associated with the acquisition of more extreme environments, as evidenced by the origin of aridity-adapted plant groups in Epidendreae (Freudenstein & Chase, 2015; Sosa *et al.*, 2016). Additionally, the differences in the orchid distribution along environmental gradients could be associated with habit and root type (Acharya *et al.*, 2011; Zhang *et al.*, 2015; Tsiftsis *et al.*, 2019; Djordjević & Tsiftsis, 2020), with terrestrial orchids richness peaking at a higher elevation (Zhang *et al.*, 2015). Accordingly, the facts of genome size in the diploid dataset increase with lower Precipitation of Warmest Quarter and higher elevations, and that chromosome number in the polyploid dataset increasing with lower Precipitation in the Coldest Quarter might be linked to the desertion of obligatory epiphytic habit. Epiphytic species possibly depend on higher humidity provided by the precipitation, while non-epiphytes can both access soil moisture and better cope with higher temperatures, commonly inherited from altitude.

The chromosome number and genome size variations, important but neglected traits in the ecological niche, are shaped in Maxillariinae by neutral (genetic drift) and adaptive evolution. Both genomic traits are correlated to bioclimatic variables and elevation at least to some degree. Polyploidy proved to be a valuable phenomenon when defining an

environmental niche, favouring colonisation of new, often stressful, regions. Moreover, by affecting the plant physiology, the genome size seems to influence the habit decisively as large genomes may require deserting epiphytism. Considering that epiphytism is a key innovation to Orchidaceae diversification, the genome size variation could have played an important role in Neotropical Orchidaceae diversification. However, leaving epiphytism could have promoted further secondary diversification events. Our findings demonstrate that the communion between cytogenetics and ecology studies provides exciting future research on plant evolution and diversification, exploring the relationships between genomic and niche traits.

Acknowledgements

Authors are grateful to funding Brazilian Agencies Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES PDSE 88881.133540/2016-001 to TBJE), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq 147377/2016-1 to TBJE and CNPq 305692/2019-4 to ERFM), and Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP 2011/22215-3 to APM).

Author Contributions

APM and JSC designed the research. TBJE, ERFM, LPF, JSC, APM performed the research. TBJE, JSC, and APM analysed and interpreted the data. TBJE and APM generated the figures. TBJE, JSC, and APM wrote the manuscript. All authors reviewed the manuscript.

Data Availability

The phylogenetic analysis files are available at TreeBase (http://treebase.org, submission number 28311). All R scripts can be made available under request.

Short titles for Supplementary material

Figure S1. Maximum Likelihood and Bayesian Inference phylogenetic trees.

Figure S2. Heatmaps of variables importance to the model's performance.

Figure S3. Best Model candidates according to PGLS of environmental and ecological explanatory variables against the genomic traits.

Table S1. Maxillariinae's new chromosome number and genome size records with origin and voucher information.

Table S2. GenBank accessions for DNA sequences used in the phylogenetic analyses

Table S3. Habit and elevation information.

Table S4: Species Distribution Models for Maxillariinae and close related species.

Table S5: Evolution model test for chromosome number and genome size.

Table S6: Regressions between the genomic traits with and without polyploids in the sample.

Methods S1. Variables selection.

Methods S2. Methods on species distribution models (SDM) performed by MaxEnt.

Notes S1. Notes on Maxillariinae SDM.

References

Aasamaa K, Sõber A, Rahi M. **2001**. Leaf anatomical characteristics associated with shoot hydraulic conductance, stomatal conductance and stomatal sensitivity to changes of leaf water status in temperate deciduous trees. *Functional Plant Biology* **28**: 765–774.

Acharya KP, Vetaas OR, Birks HJB. **2011**. Orchid species richness along Himalayan elevational gradients: Orchid richness along elevational gradients. *Journal of Biogeography* **38**: 1821–1833.

Alonso C, Pérez R, Bazaga P, Herrera CM. **2015**. Global DNA cytosine methylation as an evolving trait: phylogenetic signal and correlated evolution with genome size in angiosperms. *Frontiers in Genetics* **6**: 4.

Aoyama M, Karasawa K. **1988**. Karyomorphological studies on *Lycaste*, Orchidaceae. *Bulletin*

of the Hiroshima Botanical Garden **10**: 7–45.

Baduel P, Bray S, Vallejo-Marin M, Kolář F, Yant L. **2018**. The 'Polyploid Hop': shifting challenges and opportunities over the evolutionary lifespan of genome duplications. *Frontiers in Ecology and Evolution* **6**: 117.

Bainard JD, Bainard LD, Henry TA, Fazekas AJ, Newmaster SG. **2012**. A multivariate analysis of variation in genome size and endoreduplication in angiosperms reveals strong phylogenetic signal and association with phenotypic traits. *New Phytologist* **196**: 1240–1250.

Bainard JD, Newmaster SG, Budke JM. **2020**. Genome size and endopolyploidy evolution across the moss phylogeny. *Annals of Botany* **125**: 543–555.

Baniaga AE, Marx HE, Arrigo N, Barker MS. **2020**. Polyploid plants have faster rates of multivariate niche differentiation than their diploid relatives. *Ecology Letters* **23**: 68–78.

Bartón K. **2020**. *MuMIn: Multi-Model Inference*. CRAN. [WWW document] URL https://cran.r-project.org/web/packages/MuMIn/MuMIn.pdf [accessed 02 June 2021].

Beaulieu JM, Leitch IJ, Knight CA. **2007a**. Genome size evolution in relation to leaf strategy and metabolic rates revisited. *Annals of Botany* **99**: 495–505.

Beaulieu JM, Leitch IJ, Patel S, Pendharkar A, Knight CA. **2008**. Genome size is a strong predictor of cell size and stomatal density in angiosperms. *New Phytologist* **179**: 975–986.

Beaulieu JM, Moles AT, Leitch IJ, Bennett MD, Dickie JB, Knight CA. **2007b**. Correlated evolution of genome size and seed mass. *Australian Journal of Scientific Research Series B* **173**: 422–437.

te Beest M, Le Roux JJ, Richardson DM, Brysting AK, Suda J, Kubesová M, Pysek P. **2012**. The more the better? The role of polyploidy in facilitating plant invasions. *Annals of Botany* **109**: 19–45.

Bennett MD. **1972**. Nuclear DNA content and minimum generation time in herbaceous plants. *Proceedings of the Royal Society of London. Series B* **181**: 109–135.

Biscotti MA, Olmo E, Heslop-Harrison JSP. **2015**. Repetitive DNA in eukaryotic genomes. *Chromosome Research* **23**: 415–420.

Blaine Marchant D, Soltis DE, Soltis PS. **2016**. Patterns of abiotic niche shifts in allopolyploids relative to their progenitors. *New Phytologist* **212**: 708–718.

Blanco MA, Carnevali G, Whitten WM, Singer RB, Koehler S, Williams NH, Ojeda I, Neubig KM, Endara L. **2007**. Generic realignments in Maxillariinae (Orchidaceae). *Lankesteriana* **7**: 514–537.

Blumenschein A. **1960**. Número de chromossomas de algumas espécies de orquídeas. *Publicações Científicas da Universidade de São Paulo, Instituto de Genética* **1**: 45–50.

Blumenschein A, Flechtmann CHW. **1961**. Poliploidia e distribuição geográfica em *Bulbophyllum* e *Bifrenaria* (Orchidaceae). *Anais da Reunião Anual da Sociedade Botânica do*

Brasil: 25–27.

Blumenschein A, Paker IU. **1963**. Número de cromossomas nas Maxillariinae (Orchidaceae). *Ciência & Cultura* **15**: 225.

Burchardt P, Souza-Chies TT, Chauveau O, Callegari-Jacques SM, Brisolara-Corrêa L, Inácio CD, Eggers L, Siljak-Yakovlev S, de Campos JMS, Kaltchuk-Santos E. **2018**. Cytological and genome size data analyzed in a phylogenetic frame: Evolutionary implications concerning *Sisyrinchium* taxa (Iridaceae: Iridoideae). *Genetics and Molecular Biology* **41**: 288–307.

Burnham KP, Anderson DR. **2002a**. Information and likelihood theory: a basis for model selection and inference. In: Burnham KP, Anderson DR, eds. *Model selection and multimodel inference: a practical information-theoretic approach.* New York, NY: Springer New York, 49–97.

Burnham K, Anderson D. **2002b**. *Model selection and multimodel inference: a practical information-theoretic approach.* New York, NY: Springer-Verlag.

Burnham KP, Anderson DR. **2004**. Multimodel inference: understanding AIC and BIC in model selection. *Sociological Methods & Research* **33**: 261–304.

Butler MA, King AA. **2004**. Phylogenetic comparative analysis: A modeling approach for adaptive evolution. *The American Naturalist* **164**: 683–695.

Cabral JS, Felix LP, Guerra M. **2006**. Heterochromatin diversity and its co-localization with 5S and 45S rDNA sites in chromosomes of four *Maxillaria* species (Orchidaceae). *Genetics and Molecular Biology* **29**: 659–664.

Carta A, Bedini G, Peruzzi L. **2020**. A deep dive into the ancestral chromosome number and genome size of flowering plants. *New Phytologist* **228**: 1097–1106.

Carta A, Peruzzi L. **2016**. Testing the large genome constraint hypothesis: plant traits, habitat and climate seasonality in Liliaceae. *New Phytologist* **210**: 709–716.

Chase MW, Hanson L, Albert VA, Whitten WM, Williams NH. **2005**. Life history evolution and genome size in subtribe Oncidiinae (Orchidaceae). *Annals of Botany* **95**: 191–199.

Christenhusz MJM, Byng JW. **2016**. The number of known plant species in the world and its annual increase. *Phytotaxa* **261**: 201.

Clausen J, Keck DD, Hiesey WM. **1940**. *Experimental studies on the nature of species. I. Effect of varied environments on western North American plants*. Washington, DC, USA: Carnegie Institute Washington.

Clausen J, Keck DD, Hiesey WM. **1945**. *Experimental studies on the nature of species. II. Plant Evolution through amphidiploidy and autoploidy, with examples from the Madiinae*. Washington, DC, USA: Carnegie Institute Washington.

Cordeiro JMP, Nollet F, Buril MT, Chase MW, Felix LP. **2018**. A new species of *Gomesa* (Oncidiinae, Orchidaceae) from inselbergs in Brazilian caatinga: morphological and

karyological evidence. *Phytotaxa* **374**: 147.

Coyne JA, Orr AH. **2004**. *Speciation*. Sinauer Associates Incorporated.

Cressler CE, Butler MA, King AA. **2015**. Detecting Adaptive Evolution in Phylogenetic Comparative Analysis Using the Ornstein-Uhlenbeck Model. *Systematic Biology* **64**: 953–968.

Dar T-U-H, Rehman R-U. **2017**. *Polyploidy: Recent Trends and Future Perspectives*. Springer, New Delhi.

Danielson JJ, Gesch DB. **2011**. *Global multi-resolution terrain elevation data 2010 (GMTED2010). Earth Resources Observation and Science (EROS) Center.* [WWW document] URL https://www.usgs.gov/centers/eros/science/usgs-eros-archive-digital-elevation-global-multi-resolution-terrain-elevation [accessed 02 June 2021].

De Oliveira IG, Moraes AP, De Almeida EM, de Assis FNM, Cabral JS, De Barros F, Felix LP. **2015**. Chromosomal evolution in Pleurothallidinae (Orchidaceae: Epidendroideae) with an emphasis on the genus *Acianthera*: chromosome numbers and heterochromatin. *Botanical Journal of the Linnean Society* **178**: 102–120.

Díez CM, Gaut BS, Meca E, Scheinvar E, Montes-Hernandez S, Eguiarte LE, Tenaillon MI. **2013**. Genome size variation in wild and cultivated maize along altitudinal gradients. *New Phytologist* **199**: 264–276.

Djordjević V, Tsiftsis S. **2020**. The role of ecological factors in distribution and abundance of terrestrial orchids. In: Merillon J-M, Kodja H, eds. *Orchids phytochemistry, biology and horticulture: fundamentals and applications.* Cham: Springer International Publishing, 1–71.

Dodsworth S, Chase MW, Leitch AR. **2016**. Is post-polyploidization diploidization the key to the evolutionary success of angiosperms? *Botanical Journal of the Linnean Society* **180**: 1–5.

Doležel J, Greilhuber J, Lucretti S, Meister A, Lysák MA, Nardi L, Obermayer R. **1998**. Plant genome size estimation by flow cytometry: inter-laboratory comparison. *Annals of Botany* **82**: 17–26.

Doyle JJ, Coate JE. **2019**. Polyploidy, the nucleotype, and novelty: the impact of genome doubling on the biology of the cell. *International Journal of Plant Sciences* **180**: 1–52.

Doyle JJ, Doyle JL. **1987**. A rapid DNA isolation procedure for small quantities of fresh leaf tissue. *Phytochemical Bulletin* **19**: 11–15.

Drake PL, Froend RH, Franks PJ. **2013**. Smaller, faster stomata: scaling of stomatal size, rate of response, and stomatal conductance. *Journal of Experimental Botany* **64**: 495–505.

Du Y-P, Bi Y, Zhang M-F, Yang F-P, Jia G-X, Zhang X-H. **2017**. Genome size diversity in *Lilium* (Liliaceae) is correlated with karyotype and environmental traits. *Frontiers in Plant Science* **8**: 1303.

Ebihara A, Hiroshi Ishikawa, Sadamu Matsumoto, Lin S-J, Iwatsuki K, Takamiya M, Watano Y, Ito M. **2005**. Nuclear DNA, chloroplast DNA, and ploidy analysis clarified biological

complexity of the *Vandenboschia radicans* complex (Hymenophyllaceae) in Japan and adjacent areas. *American Journal of Botany* **92**: 1535–1547.

Eckert CG, Samis KE, Lougheed SC. **2008**. Genetic variation across species' geographical ranges: the central-marginal hypothesis and beyond. *Molecular Ecology* **17**: 1170–1188.

Ehrendorfer F. **1979**. Polyploidy and distribution. *Basic Life Sciences* **13**: 45–60.

Enquist BJ, Condit R, Peet RK, Schildhauer M, Thiers BM. **2016**. Cyberinfrastructure for an integrated botanical information network to investigate the ecological impacts of global climate change on plant biodiversity. *PeerJ Preprints* **4**: e2615v2.

Escudero M, Martín-Bravo S, Mayrose I, Fernández-Mazuecos M, Fiz-Palacios O, Hipp AL, Pimentel M, Jiménez-Mejías P, Valcárcel V, Vargas P, *et al.* 2014. Karyotypic changes through dysploidy persist longer over evolutionary time than polyploid changes. *PloS One* **9**: e85266.

Faria R, Navarro A. **2010**. Chromosomal speciation revisited: rearranging theory with pieces of evidence. *Trends in Ecology & Evolution* **25**: 660–669.

Felix LP, Guerra M. **2010**. Variation in chromosome number and the basic number of subfamily Epidendroideae (Orchidaceae). *Botanical Journal of the Linnean Society.* **163**: 234–278.

Felsenstein J. **1973**. Maximum-likelihood estimation of evolutionary trees from continuous characters. *American Journal of Human Genetics* **25**: 471–492.

Fick SE, Hijmans RJ. **2017**. WorldClim 2: new 1-km spatial resolution climate surfaces for global land areas. *International Journal of Climatology* **37**: 4302–4315.

Fox J, Monette G. **1992**. Generalized collinearity diagnostics. *Journal of the American Statistical Association* **87**: 178–183.

Francis D, Davies MS, Barlow PW. **2008**. A strong nucleotypic effect on the cell cycle regardless of ploidy level. *Annals of Botany* **101**: 747–757.

Freudenstein JV, Chase MW. **2015**. Phylogenetic relationships in Epidendroideae (Orchidaceae), one of the great flowering plant radiations: progressive specialization and diversification. *Annals of Botany* **115**: 665–681.

Garrido-Ramos MA. **2017**. Satellite DNA: an evolving topic. *Genes* **8**: 230.

Givnish TJ, Spalink D, Ames M, Lyon SP, Hunter SJ, Zuluaga A, Iles WJD, Clements MA, Arroyo MTK, Leebens-Mack J, *et al.* 2015. Orchid phylogenomics and multiple drivers of their extraordinary diversification. *Proceedings of the Royal Society B* **282**: 20151553.

Goldblatt P. **1985**. *Index to plant chromosome numbers 1982-1983*. St. Louis: Missouri Botanical Garden.

Goldblatt P, Johnson DE. **1994**. *Index to plant chromosome numbers 1990-1991*. St. Louis: Missouri Botanical Garden.

Goldman DH, Freudenstein JV, Kores PJ, Molvray M, Jarrell DC, Mark Whitten W, Cameron KM, Jansen RK, Chase MW. **2001**. Phylogenetics of Arethuseae (Orchidaceae) Based on Plastid matK and rbcL Sequences. *Systematic Botany* **26**: 670–695.

Gomes SSL, Vidal JD, Neves CS, Zorzatto C, Campacci TVS, Lima AK, Koehler S, Viccini LF. **2018**. Genome size and climate segregation suggest distinct colonization histories of an orchid species from Neotropical high-elevation rocky complexes. *Biological Journal of the Linnean Society* **124**: 456–465.

Gravendeel B, Smithson A, Slik FJW, Schuiteman A. **2004**. Epiphytism and pollinator specialization: drivers for orchid diversity? *Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B* **359**: 1523–1535.

Greilhuber J, Leitch IJ. **2013**. Genome size and the phenotype. In: Greilhuber J, Dolezel J, Wendel JF, eds. *Plant genome diversity: physical structure, behaviour and evolution of plant genomes.* Vienna: Springer Vienna, 323–344.

Guerra M, Souza MJ. **2002**. *Como observar cromossomos: um guia de técnicas em citogenética vegetal, animal e humana*. Ribeirão Preto: Fundação de Pesquisas Científicas de Ribeirão Preto - FUNPEC.

Guignard MS, Nichols RA, Knell RJ, Macdonald A, Romila C-A, Trimmer M, Leitch IJ, Leitch AR. **2016**. Genome size and ploidy influence angiosperm species' biomass under nitrogen and phosphorus limitation. *New Phytologist* **210**: 1195–1206.

Hansen TF, Martins EP. **1996**. Translating between microevolutionary process and macroevolutionary patterns: the correlation structure of interspecific data. *Evolution* **50**: 1404–1417.

Harmon L. **2019**. *Phylogenetic Comparative Methods: Learning From Trees*. *EcoEvoRxiv* [WWW document] URL https://doi.org/10.32942/osf.io/e3xnr [accessed 02 June 2021].

Harmon LJ, Losos JB, Jonathan Davies T, Gillespie RG, Gittleman JL, Bryan Jennings W, Kozak KH, McPeek MA, Moreno-Roark F, Near TJ, *et al.* 2010. Early bursts of body size and shape evolution are rare in comparative data. *Evolution* **64**: 2385–2396.

Hartley G, O'Neill RJ. **2019**. Centromere repeats: hidden gems of the genome. *Genes* **10**: 223.

Hessen DO, Jeyasingh PD, Neiman M, Weider LJ. **2010**. Genome streamlining and the elemental costs of growth. *Trends in Ecology & Evolution* **25**: 75–80.

Hetherington AM, Woodward FI. **2003**. The role of stomata in sensing and driving environmental change. *Nature* **424**: 901–908.

Hidalgo O, Pellicer J, Christenhusz M, Schneider H, Leitch AR, Leitch IJ. **2017**. Is there an upper limit to genome size? *Trends in Plant Science* **22**: 567–573.

Hijmans RJ, Elith J. **2013**. *Species distribution modeling with R*. *Citeseer.* [WWW document] URL http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.638.7784 [accessed 02 June

2021].

Hijmans RJ, Phillips S, Leathwick J, Elith J. **2020**. *Package 'dismo': Species Distribution Modeling*. [WWW document] URL https://cran.r-project.org/web/packages/dismo/dismo.pdf [accessed 02 June 2021].

Hoffmann KM. **1929**. Zytologische Studien der Orchidaceen. (Vorläufige Mitteilung.). *Bericht der Deutschen Botanischen Geselschaft* **47**: 321–326.

Hoffmann KM. **1930**. Beiträge zur cytologie der Orchidaceen. *Planta* **10**: 523–595.

Holstein J. **2001**. *GBIF: Global Biodiversity Information Facility*. [WWW document] URL http://doi.org/10.15468/dl.wvlobp [accessed 27 June 2017]

Hooper DM, Price TD. **2015**. Rates of karyotypic evolution in *Estrildid finches* differ between island and continental clades. *Evolution* **69**: 890–903.

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. 2021. *Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos. CPTEC - INPE.* [WWW document] https://www.cptec.inpe.br/ [accessed 27 May 2021]

Johnson LA, Soltis DE. **1994**. matK DNA sequences and phylogenetic reconstruction in Saxifragaceae s. str. *Systematic Botany* **19**: 143–156.

Jones WE, Kuehnle AR, Arumuganathan K. **1998**. Nuclear DNA content of 26 orchid (Orchidaceae) genera with emphasis on *Dendrobium*. *Annals of Botany* **82**: 189–194.

Jordan GJ, Carpenter RJ, Koutoulis A, Price A, Brodribb TJ. **2015**. Environmental adaptation in stomatal size independent of the effects of genome size. *New Phytologist* **205**: 608–617.

Kalyaanamoorthy S, Minh BQ, Wong TKF, von Haeseler A, Jermiin LS. **2017**. ModelFinder: fast model selection for accurate phylogenetic estimates. *Nature Methods* **14**: 587–589.

Kang M, Tao J, Wang J, Ren C, Qi Q, Xiang Q-Y, Huang H. **2014**. Adaptive and nonadaptive genome size evolution in Karst endemic flora of China. *New Phytologist* **202**: 1371–1381.

Karunarathne P, Schedler M, Martínez EJ, Honfi AI, Novichkova A, Hojsgaard D. **2018**. Intraspecific ecological niche divergence and reproductive shifts foster cytotype displacement and provide ecological opportunity to polyploids. *Annals of Botany* **121**: 1183–1196.

Katoh K, Rozewicki J, Yamada KD. **2019**. MAFFT online service: multiple sequence alignment, interactive sequence choice and visualization. *Briefings in Bioinformatics* **20**: 1160–1166.

Katoh K, Standley DM. **2014**. MAFFT: iterative refinement and additional methods. *Methods in Molecular Biology* **1079**: 131–146.

Knight CA, Ackerly DD. **2002**. Variation in nuclear DNA content across environmental gradients: a quantile regression analysis. *Ecology Letters* **5**: 66–76.

Knight CA, Beaulieu JM. **2008**. Genome size scaling through phenotype space. *Annals of*

Botany **101**: 759–766.

Knight CA, Molinari NA, Petrov DA. **2005**. The large genome constraint hypothesis: evolution, ecology and phenotype. *Annals of Botany* **95**: 177–190.

Koehler S, Cabral JS, Whitten WM, Williams NH, Singer RB, Neubig KM, Guerra M, Souza AP, Amaral M do CE. **2008**. Molecular phylogeny of the neotropical genus *Christensonella* (Orchidaceae, Maxillariinae): species delimitation and insights into chromosome evolution. *Annals of Botany* **102**: 491–507.

Koehler S, Singer RB, Amaral MCE. **2012**. Taxonomic revision of the neotropical genus *Christensonella* (Maxillariinae, Orchidaceae). *Botanical journal of the Linnean Society* **168**: 449–472.

Koehler S, Williams NH, Whitten WM, Amaral M do CE do. **2002**. Phylogeny of the *Bifrenaria* (Orchidaceae) complex based on morphology and sequence data from nuclear rDNA internal transcribed spacers (ITS) and chloroplast trn L-trn F region. *International Journal of Plant Sciences* **163**: 1055–1066.

Kraaijeveld K. **2010**. Genome Size and Species Diversification. *Evolutionary Biology* **37**: 227–233.

Lavania UC. **2020**. Plant speciation and polyploidy: in habitat divergence and environmental perspective. *Nucleus* **63**: 1–5.

Lee S-I, Kim N-S. **2014**. Transposable elements and genome size variations in plants. *Genomics & Informatics* **12**: 87–97.

Leitch IJ, Beaulieu JM, Chase MW, Leitch AR, Fay MF. **2010**. Genome size dynamics and evolution in Monocots. *Journal of Botany* **2010**: 18.

Leitch IJ, Bennett MD. **2004**. Genome downsizing in polyploid plants. *Biological Journal of the Linnean Society* **82**: 651–663.

Leitch IJ, Bennett MD. **2007**. Genome size and its uses: the impact of flow cytometry. In: Dolezel J, Greilhuber J, Suda J, eds. *Flow cytometry with plant cells: analysis of genes, chromosomes and genomes.* Weinheim: Wiley-VCH, 153–176.

Leitch IJ, Chase MW, Bennett MD. **1998**. Phylogenetic analysis of DNA C-values provides evidence for a small ancestral genome size in flowering plants. *Annals of Botany* **82**: 85–94.

Leitch IJ, Kahandawala I, Suda J, Hanson L, Ingrouille MJ, Chase MW, Fay MF. **2009**. Genome size diversity in orchids: consequences and evolution. *Annals of Botany* **104**: 469–481.

Leitch AR, Leitch IJ. **2008**. Genomic plasticity and the diversity of polyploid plants. *Science* **320**: 481–483.

Leitch IJ, Soltis DE, Soltis PS, Bennett MD. **2005**. Evolution of DNA amounts across land plants (Embryophyta). *Annals of Botany* **95**: 207–217.

Leroy B, Meynard CN, Bellard C, Courchamp F. **2016**. virtualspecies, an R package to

generate virtual species distributions. *Ecography* **39**: 599–607.

Levin DA. **2002**. *The role of chromosomal change in plant evolution*. Oxford and New York: Oxford University Press.

Levin DA. **2020**. Has the polyploid wave ebbed? *Frontiers in Plant Science* **11**: 1–7.

Löve A, Löve D. **1943**. The significance of differences in the distribution of diploids and polyploids. *Hereditas* **29**: 145–163.

Löve A, Löve D. **1949**. The geobotanical significance of polyploidy. I. Polyploidy and latitude. *Portugaliae Acta Biologica* **5**: 273 – 352.

Maitner BS, Boyle B, Casler N, Condit R, Donoghue J, Durán SM, Guaderrama D, Hinchliff CE, Jørgensen PM, Kraft NJB, *et al.* 2018. The bien r package: A tool to access the Botanical Information and Ecology Network (BIEN) database. *Methods in Ecology and Evolution* **9**: 373–379.

Mandáková T, Lysak MA. **2018**. Post-polyploid diploidization and diversification through dysploid changes. *Current Opinion in Plant Biology* **42**: 55–65.

Marinho RC, Mendes-Rodrigues C, Balao F, Ortiz PL, Yamagishi-Costa J, Bonetti AM, Oliveira PE. **2014**. Do chromosome numbers reflect phylogeny? New counts for Bombacoideae and a review of Malvaceae s.l. *American Journal of Botany* **101**: 1456–1465.

Martin SL, Husband BC. **2009**. Influence of phylogeny and ploidy on species ranges of North American angiosperms. *The Journal of Ecology* **97**: 913–922.

McIntyre PJ. **2012**. Polyploidy associated with altered and broader ecological niches in the *Claytonia perfoliata* (Portulacaceae) species complex. *American Journal of Botany* **99**: 655–662.

Michael TP. **2014**. Plant genome size variation: bloating and purging DNA. *Briefings in Functional Genomics* **13**: 308–317.

Minh BQ, Schmidt HA, Chernomor O, Schrempf D, Woodhams MD, von Haeseler A, Lanfear R. **2020**. IQ-TREE 2: new models and efficient methods for phylogenetic inference in the genomic era. *Molecular Biology and Evolution* **37**: 1530–1534.

Moraes AP, Koehler S, Cabral JS, Gomes SSL, Viccini LF, Barros F, Felix LP, Guerra M, Forni-Martins ER. **2017**. Karyotype diversity and genome size variation in Neotropical Maxillariinae orchids. *Plant Biology* **19**: 298–308.

Moraes AP, Leitch IJ, Leitch AR. **2012**. Chromosome studies in Orchidaceae: karyotype divergence in Neotropical genera in subtribe Maxillariinae. *Botanical Journal of the Linnean Society* **170**: 29–39.

Moraes AP, Olmos Simões A, Ojeda Alayon DI, de Barros F, Forni-Martins ER. **2016**. Detecting mechanisms of karyotype evolution in *Heterotaxis* (Orchidaceae). *PloS One* **11**: e0165960.

Moura RF, Queiroga D, Vilela E, Moraes AP. **2021**. Polyploidy and high environmental tolerance increase the invasive success of plants. *Journal of Plant Research* **134**: 105–114.

Mundry R. **2014**. Statistical issues and assumptions of Phylogenetic Generalized Least Squares. In: Garamszegi LZ, ed. *Modern Phylogenetic Comparative Methods and their application in evolutionary biology: concepts and practice.* Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 131–153.

Müntzing A. **1936**. The evolutionary significance of autopolyploidy. *Hereditas* **21**: 363–378.

Olson DM, Dinerstein E, Wikramanayake ED, Burgess ND, Powell GVN, Underwood EC, D'amico JA, Itoua I, Strand HE, Morrison JC, *et al.* 2001. Terrestrial Ecoregions of the World: A New Map of Life on Earth: A new global map of terrestrial ecoregions provides an innovative tool for conserving biodiversity. *Bioscience* **51**: 933–938.

Orme D, Freckleton R, Thomas G, Petzoldt T, Fritz S, Isaac N, Others. **2013**. *The caper package: comparative analysis of phylogenetics and evolution in R*. [WWW document] https://cran.r-project.org/web/packages/caper/vignettes/caper.pdf [accessed 02 June 2021]

Pagel M. **1999**. Inferring the historical patterns of biological evolution. *Nature* **401**: 877–884.

Paule J, Heller S, Maciel JR, Monteiro RF, Leme EMC, Zizka G. **2020**. Early diverging and core Bromelioideae (Bromeliaceae) reveal contrasting patterns of genome size evolution and polyploidy. *Frontiers in Plant Science* **11**: 1295.

Pellicer J, Hidalgo O, Dodsworth S, Leitch IJ. **2018**. Genome size diversity and its impact on the evolution of land plants. *Genes* **9**: 88.

Pellicer J, Leitch IJ. **2014**. The application of flow cytometry for estimating genome size and ploidy level in plants. *Methods in Molecular Biology* **1115**: 279–307.

Pellicer J, Leitch IJ. **2020**. The Plant DNA C-values database (release 7.1): an updated online repository of plant genome size data for comparative studies. *New Phytologist* **226**: 301–305.

Pennell MW, Eastman JM, Slater GJ, Brown JW, Uyeda JC, FitzJohn RG, Alfaro ME, Harmon LJ. **2014**. geiger v2.0: an expanded suite of methods for fitting macroevolutionary models to phylogenetic trees. *Bioinformatics* **30**: 2216–2218.

Price PW, Westoby M, Rice B. **1988**. Parasite-Mediated Competition: Some Predictions and Tests. *The American Naturalist* **131**: 544–555.

Pridgeon AM, Cribb PJ, Chase MW, Rasmussen FN. 2009. *Genera Orchidacearum, vol. 5: Epidendroideae, part 2*. Oxford University Press.

Pustahija F, Brown SC, Bogunić F, Bašić N, Muratović E, Ollier S, Hidalgo O, Bourge M, Stevanović V, Siljak-Yakovlev S. **2013**. Small genomes dominate in plants growing on serpentine soils in West Balkans, an exhaustive study of 8 habitats covering 308 taxa. *Plant and Soil* **373**: 427–453.

Qiao X, Li Q, Yin H, Qi K, Li L, Wang R, Zhang S, Paterson AH. **2019**. Gene duplication and

evolution in recurring polyploidization–diploidization cycles in plants. *Genome Biology* **20**.

Rambaut A, Drummond AJ, Xie D, Baele G, Suchard MA. **2018**. Posterior summarization in Bayesian phylogenetics using Tracer 1.7. *Systematic Biology* **67**: 901–904.

Ramsey J, Ramsey TS. **2014**. Ecological studies of polyploidy in the 100 years following its discovery. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B* **369**: 20130352.

R Core Team. **2020**. *R: A language and environment for statistical computing. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing.* [WWW document] https://www.R-project.org/ [accessed 04 April 2017]

Revell LJ. **2010**. Phylogenetic signal and linear regression on species data. *Methods in Ecology and Evolution* **1**: 319–329.

Rezende L, Suzigan J, Amorim FW, Moraes AP. **2020**. Can plant hybridization and polyploidy lead to pollinator shift? *Acta Botanica Brasilica* **34**: 229–242.

Rice A, Glick L, Abadi S, Einhorn M, Kopelman NM, Salman-Minkov A, Mayzel J, Chay O, Mayrose I. **2015**. The Chromosome Counts Database (CCDB) - a community resource of plant chromosome numbers. *New Phytologist* **206**: 19–26.

Rice A, Šmarda P, Novosolov M, Drori M, Glick L, Sabath N, Meiri S, Belmaker J, Mayrose I. **2019**. The global biogeography of polyploid plants. *Nature Ecology & Evolution* **3**: 265–273.

Rieseberg LH. **2001**. Chromosomal rearrangements and speciation. *Trends in Ecology & Evolution* **16**: 351–358.

Rieseberg LH, Willis JH. **2007**. Plant speciation. *Science* **317**: 910–914.

Roddy AB, Théroux-Rancourt G, Abbo T, Benedetti JW, Brodersen CR, Castro M, Castro S, Gilbride AB, Jensen B, Jiang G-F, *et al.* 2020. The scaling of genome size and cell size limits maximum rates of photosynthesis with implications for ecological strategies. *International Journal of Plant Sciences* **181**: 75–87.

Ronquist F, Teslenko M, van der Mark P, Ayres DL, Darling A, Höhna S, Larget B, Liu L, Suchard MA, Huelsenbeck JP. **2012**. MrBayes 3.2: efficient Bayesian phylogenetic inference and model choice across a large model space. *Systematic Biology* **61**: 539–542.

Ryan Gregory T. **2004**. *The evolution of the genome* (TR Gregory, Ed.). San Diego, CA: Academic Press.

Ryan A, Whitten WM, Johnson MAT, Chase MW. **2000**. A phylogenetic assessment of *Lycaste* and *Anguloa* (Orchidaceae). *Lindleyana* **15**: 33–45.

Segraves KA. **2017**. The effects of genome duplications in a community context. *New Phytologist* **215**: 57–69.

Segraves KA, Anneberg TJ. **2016**. Species interactions and plant polyploidy. *American Journal of Botany* **103**: 1326–1335.

Simonin KA, Roddy AB. **2018**. Genome downsizing, physiological novelty, and the global dominance of flowering plants. *PLoS Biology* **16**: e2003706.

Šímová I, Herben T. **2012**. Geometrical constraints in the scaling relationships between genome size, cell size and cell cycle length in herbaceous plants. *Proceedings of the Royal Society B* **279**: 867–875.

Snodgrass SJ, Jareczek J, Wendel JF. **2017**. An examination of nucleotypic effects in diploid and polyploid cotton. *AoB Plants* **9**: lw082.

Soberón JM. **2010**. Niche and area of distribution modeling: a population ecology perspective. *Ecography* **33**: 159–167.

Soltis PS, Marchant DB, Van de Peer Y, Soltis DE. **2015**. Polyploidy and genome evolution in plants. *Current Opinion in Genetics & Development* **35**: 119–125.

Soltis DE, Visger CJ, Marchant DB, Soltis PS. **2016**. Polyploidy: Pitfalls and paths to a paradigm. *American Journal of Botany* **103**: 1146–1166.

Sosa V, Cameron KM, Angulo DF, Hernández-Hernández T. **2016**. Life form evolution in epidendroid orchids: Ecological consequences of the shift from epiphytism to terrestrial habit in *Hexalectris*. *Taxon* **65**: 235–248.

Sparrow AH, Miksche JP. **1961**. Correlation of nuclear volume and DNA content with higher plant tolerance to chronic radiation. *Science* **134**: 282–283.

Spoelhof JP, Soltis PS, Soltis DE. **2017**. Pure polyploidy: Closing the gaps in autopolyploid research. *Journal of Systematics and Evolution* **55**: 340–352.

Stebbins GL. **1950**. *Variation and Evolution in Plants*. New York: Columbia University Press.

Stebbins GL. **1971**. *Chromosomal Evolution in Higher Plants*. London: Edward Arnold.

Stebbins GL. **1985**. Polyploidy, Hybridization, and the Invasion of New Habitats. *Annals of the Missouri Botanical Garden. Missouri Botanical Garden* **72**: 824–832.

Sun Y, Skinner DZ, Liang GH, Hulbert SH. **1994**. Phylogenetic analysis of Sorghum and related taxa using internal transcribed spacers of nuclear ribosomal DNA. *Theoretical and Applied Genetics* **89**: 26–32.

Tanaka R, Kamemoto H. **1984**. Chromosomes in orchids: counting and numbers. In: Arditti J, ed. Orchid Biology: Reviews and Perspectives. Ithaca: Cornell University Press, 324–410.

Thiers, B. 2021. *Index Herbariorum: A Global Directory of Public Herbaria and Associated Staff. New York Botanical Garden's Virtual Herbarium.* http://sweetgum.nybg.org/science/ih/ [accessed 18 January 2021]

Trávníček P, Čertner M, Ponert J, Chumová Z, Jersáková J, Suda J. **2019**. Diversity in genome size and GC content shows adaptive potential in orchids and is closely linked to partial endoreplication, plant life-history traits and climatic conditions. *New Phytologist* **224**: 1642–1656.

Tsiftsis S, Štípková Z, Kindlmann P. **2019**. Role of way of life, latitude, elevation and climate on the richness and distribution of orchid species. *Biodiversity and Conservation* **28**: 75–96.

Ulloa Ulloa C, Acevedo-Rodríguez P, Beck S, Belgrano MJ, Bernal R, Berry PE, Brako L, Celis M, Davidse G, Forzza RC, *et al.* 2017. An integrated assessment of the vascular plant species of the Americas. *Science* **358**: 1614–1617.

Van de Peer Y, Ashman T-L, Soltis PS, Soltis DE. **2020**. Polyploidy: an evolutionary and ecological force in stressful times. *The Plant Cell* **33**: 11–26.

Veselý P, Bureš P, Šmarda P. **2013**. Nutrient reserves may allow for genome size increase: evidence from comparison of geophytes and their sister non-geophytic relatives. *Annals of Botany* **112**: 1193–1200.

Veselý P, Šmarda P, Bureš P, Stirton C, Muasya AM, Mucina L, Horová L, Veselá K, Šilerová A, Šmerda J, *et al.* 2020. Environmental pressures on stomatal size may drive plant genome size evolution: evidence from a natural experiment with Cape geophytes. *Annals of Botany* **126**: 323–330.

Whitney KD, Baack EJ, Hamrick JL, Godt MJW, Barringer BC, Bennett MD, Eckert CG, Goodwillie C, Kalisz S, Leitch IJ, *et al.* 2010. A role for nonadaptive processes in plant genome size evolution? *Evolution* **64**: 2097–2109.

Whitten WM, Blanco MA, Williams NH, Koehler S, Carnevali G, Singer RB, Endara L, Neubig KM. **2007**. Molecular phylogenetics of *Maxillaria* and related genera (Orchidaceae: Cymbidieae) based on combined molecular data sets. *American Journal of Botany* **94**: 1860–1889.

Zhang S-B, Chen W-Y, Huang J-L, Bi Y-F, Yang X-F. **2015**. Orchid Species Richness along Elevational and Environmental Gradients in Yunnan, China. *PloS One* **10**: e0142621.

Figure legends

Figure 1. Chromosome number in Maxillariinae. (a) *Anguloa virginalis* (2*n*=40), (b) *Brasiliorchis barbosae* (2*n*=40), (c) *Bra. chrysantha* (2*n*=40), (d) *Bra. consanguinea* (2*n*=40), (e) *Bra. marginata* (2*n*=40), (f) *Bra. monantha* (2*n*=40), (g) *Camaridium carinatum* (2*n*=38), (h) *Christensonella pumila* (2*n*=36), (i) *Heterotaxis equitans* (2*n*=42), (j) *Het. superflua* (2*n*=42), (k) *Mapinguari desvauxianus* (2*n*=40), (l) *Maxillaria bradei* (2*n*=40), (m) *Max. kegelii* (2n=40), (n) *Max. leucaimata* (2*n*=40), (o) *Max. parkeri* (2*n*=40), (p) *Max. setigera* (2*n*=40), (q) *Maxillariella robusta* (2*n*=40), (r) *Maxillariella tenuifolia* (2*n*=40), (s) *Mormolyca rigens* (2*n*=40), (t) *Mor. rufescens* (2*n*=40), (u) *Nitidobulbon nasutum* (2*n*=46), (v) *Rhetinantha*

cerifera (2*n*=38), (w) *Rhe. friedrichsthalii* (2*n*=36), (x) *Scuticaria steelei* (2*n*=40). Bar=10 um.

Figure 2. Genome size in Maxillariinae and closely related species. The genome size of 62 species is presented here with an average of 1Cx=3.38 +/- 0.94. The large genome sizes are indicated in dark, average genome sizes in purple and the small genome sizes in orange. The polyploid cytotypes (*Bif. tyrianthina* and *Z. maculum*) are indicated by '**' and the haploid genome size (1C-value).

Figure 3. Variables importance in the SDM of Maxillariinae species. The variables importance are presented in each (a) Permutation Importance, (b, c) Training Gain, (d, e) Test Gain and (f, g) AUC, both with variable omitted (b, d, and f) and used alone (c, e, and g). The most important variables are indicated by an arrow and the secondary important variable by asterisks. Each bar corresponds to one variable following the variable's colour legend.

Figure 4. Performance of variables represented by the curve response. The curves show how the estimated probability of suitable occurrence changes in response to variation in an environmental variable. Each curve represents a model fitted using only one variable: (a) Temperature seasonality, (b) Mean Diurnal Temperature Range, (c) Isothermality, (d) Mean Temperature of Coldest Quarter, (e) Precipitation of Warmest quarter, and (f) Precipitation of Coldest Quarter.

Figure 5. Genomic traits correlations: chromosome number (2n) and genome size (GS) increase with environmental and ecological variables according to the PGLS analyses. The first column presents the seven variables in the Maximum Model, with the variables indicated in SDM as the most important to Maxillariinae occurrence indicated by asterisks. The next columns represent each PGLS model, indicating the variables retained in the Best Model. Arrows in the variable boxes in the models indicate the direction of the correlation with the variation of the genomic traits. Positive correlations are indicated by up arrows and purple boxes, while down arrows indicate negative correlations in orange boxes. The darker the shade of colour, the greater the importance of this variable in the model, being the light shades the least important variables. Inside each box, we present the significance codes according to p-value: ~0 = '***', <0.001 = '**', <0.01 = '*', <0.05 = '.' .

Figure S1: Maximum Likelihood (a) and Bayesian Inference (b) phylogenetic trees based on matK, ycf1 and ITS markers. Branches support, Bootstrap and Posterior Probability, respectively, are indicated by the branch colour according to the colour scale of each phylogenetic tree. The dashed branches in black represent topology differences among Maxillaria species.

Figure S2: Heatmaps of variables importance to the model's performance. (a) Permutation Importance, (b, c) Training Gain, (d, e) Test Gain and (f, g) AUC, both with variables omitted (b, d, and f) and used alone (c, e, and g). For each heatmap, a colour scale is provided. The darker the colour shade of a cell, the higher the contribution of a variable to the model for the species represented by that cell. The training, test and AUC gain tests aim to analyse how much a model's gain decreases or increases when a given variable is omitted. All the other variables are kept and when the variable is used alone to fit the model. In each test, when performed without a variable ('variable omitted'), lighter shades indicate that without that variable the gain decreases, meaning that variable has more information than the other variables. In each test, when performed with only one variable ('variable used'), the darker the colour, the higher the gain that variable provides alone, meaning it might have the most useful information by itself.

Figure S3: Model Selection showing Akaike Information Criterion corrected for small sampling sizes (AICc) cumulative weights of the Best Model candidates ($\Delta AICc<2$) according to PGLS regression of environmental and ecological explanatory variables. Figures present the results of Best Models (rows) for each dependent variable, chromosome number and genome size, without (a and b) and with polyploids (c and d) in the sample. Images in a and c present the result for chromosome number, and c and d, for genome size variation. Each Best Model is represented by one row; variables are shown in the columns, with colour columns alternating between grey and blue (for the sake of visual clarity). Whenever a variable is present in a model, the respective cell appears filled in grey or blue. Darker the colour shade, the higher the variable importance to the model.

Table legends

Table 1: Maxillariinae genomic traits. The somatic chromosome number (2n) and the haploid genome size (1C) are presented for all Maxillariinae species with available data. For polyploids cytotypes, the 1Cx value is presented inside square brackets.

Table 2. Summary of Phylogeny-corrected Regressions aiming to explain variation in chromosome number and genome size in Maxillariinae orchids using ecological variables (habit, elevation, and bioclimatic variables) associated with species distribution. Regressions were performed without and with polyploids in the sample. Under the model names we present estimates for intercept and the variables, followed by significance codes, according to p-value: ~0 = '***', <0.001 = '**', <0.01 = '*', <0.05 = '.'

Table 1. Maxillariinae genomic traits. The somatic chromosome number (2n) and the haploid genome size (1C) are presented for all Maxillariinae species with available data. For polyploids cytotypes, the 1Cx value is presented inside square brackets.

Species	Authority	Genomic Traits			
		Chromosome number		Genome size	
		2n	Reference	1C [1Cx]	Reference
***Anguloa* Ruiz & Pav. (11 species)**					
Anguloa uniflora	Ruiz & Pav.	NA		3.36	PW
Anguloa virginalis	Linden ex B.S.Williams	40	Ry00, PW	3.4	PW
Bifrenaria Lindl. (18 species)					
Bifrenaria aureofulva	Lindl.	38	MO17	3.035	MO17
Bifrenaria calcarata	Barb.Rodr.	38	MO17	NA	
Bifrenaria harrisoniae	(Hook.) Rchb.f.	38	BF61; TK84; MO17	3.71	MO17
Bifrenaria inodora	Lindl.	38	MO17	3.73	MO17
Bifrenaria leucorrhoda	Rchb. f.	38	MO17	3.035	MO17
Bifrenaria longicornis	Lindl.	38	MO17	3.33	MO17
Bifrenaria stefanae	V.P.Castro	38	MO17	NA	
Bifrenaria tetragona	(Lindl.) Schltr.	38	BF61	NA	
		76	BF61	NA	
Bifrenaria tyrianthina	(Lodd. ex Loudon) Rchb.f.	38	MO17	3.72	MO17
		76	MO17	7.17 [3.585]	MO17
Bifrenaria venezuelana	C.Schweinf.	38	MO17	3.67	MO17
***Brasiliorchis* Singer, Koehler & Carnevali (13 species)**					
Brasiliorchis barbosae	(Loefgr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	PW	5.54	PW
Brasiliorchis chrysantha	(Barb.Rodr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	MO12	2.93	MO12
Brasiliorchis consanguinea	(Klotzsch) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	PW	3.80	PW
Brasiliorchis gracilis	(Lodd., G.Lodd. & W.Lodd.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	MO12	2.84	MO12
Brasiliorchis kautskyi	(Pabst) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	MO12	NA	
Brasiliorchis marginata	(Lindl.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	MO12	3.36	MO12
Brasiliorchis monantha	(Barb.Rodr.) Campacci	40	PW	NA	

Brasiliorchis phoenicanthera	(Barb.Rodr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	MO12	3.19	MO12
Brasiliorchis picta	(Hook.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	TK84; MO12	3.38	MO12
Brasiliorchis porphyrostele	(Rchb.f.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	MO12	3.41	MO12
Brasiliorchis schunkeana	(Campacci & Kautsky) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	MO12	4.19	MO12
Brasiliorchis ubatubana	(Hoehne) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	MO12	3.62	MO12
***Camaridium* Lindl. (ca. 80 species)**					
Camaridium carinatum	(Barb.Rodr.) Hoehne	38	PW	1.93	PW
Camaridium densum	(Lindl.) M.A.Blanco	38	BP63	NA	
Camaridium ochroleucum	Lindl.	40	BP63	4.23	PW
Camaridium vestitum	(Sw.) Lindl.	40	BP63	1.88	PW
***Christensonella* Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek (11 species)**					
Christensonella echinophyta	(Barb.Rodr.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	NA		3.94	PW
Christensonella fernandiana	(Barb.Rodr.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	36	KO08	4.05	PW
Christensonella nardoides	(Kraenzl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	NA		NA	
Christensonella neowiedii	(Rchb.f.) S.Koehler	36	KO08; MO12	3.67	MO12
Christensonella pachyphylla	(Schltr. ex Hoehne) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	36	KO08, MO12	4.79	PW
Christensonella paranaensis	(Barb.Rodr.) S.Koehler	38	KO08	4.37	PW
Christensonella pumila	(Hook.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	36	MO12	3.37	MO12
Christensonella subulata	(Lindl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	38	BP63; KO08; MO12	3.58	MO12
		76	KO08	NA	
Christensonella uncata	(Lindl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	36	MO12	1.85	MO12
***Heterotaxis* Lindl. (13 species)**					
Heterotaxis brasiliensis	(Brieger & Illg) F.Barros	42	MO16	4.32	MO16
Heterotaxis discolor	(Lodd. ex Lindl.) Ojeda & Carnevali	42	FG00, CA06, MO16	NA	
Heterotaxis equitans	(Schltr.) Ojeda & Carnevali	42	MO16	3.85	MO16
Heterotaxis superflua	(Rchb.f.) F.Barros	42	MO16	3.835	MO16
Heterotaxis valenzuelana	(A.Rich.) Ojeda & Carnevali	40	MO16	3.73	MO16
Heterotaxis villosa	(Barb.Rodr.) F.Barros	42	MO16	4.375	MO16
Heterotaxis violaceopunctata	(Rchb.f.) F.Barros	42	GO85, MO16	4.25	MO16

***Lycaste* Lindl. (ca. 30 species)**					
Lycaste aromatica	(Graham) Lindl.	40	AK88	NA	
Lycaste cruenta	(Lindl.) Lindl.	40	AK88	NA	
Lycaste macrobulbon	(Hook.) Lindl.	40	AK88; MO12	3.63	MO17
Lycaste macrophylla	(Poepp. & Endl.) Lindl.	40	MO17	3.915	MO17
Lycaste tricolor	Rchb.f.	40	AK88	NA	
***Mapinguari* Carnevali & Singer (four species)**					
Mapinguari auyantepuiensis	(Foldats) Carnevali & R.B.Singer	NA		NA	
Mapinguari desvauxianus	(Rchb.f.) Carnevali & R.B.Singer	36	BP63	NA	
		40	CA06	3.27	PW
***Maxillaria* Ruiz & Pav. (ca. 250 species)**					
Maxillaria bradei	Schltr. ex Hoehne	40	PW	2.13	PW
Maxillaria crocea	Lindl.	40	BP63	2.77	PW
Maxillaria grandiflora	(Kunth) Lindl.	40	BP63	NA	
Maxillaria kegelii	Rchb.f.	38	BP63	2.83	PW
		40	PW		
Maxillaria leucaimata	Barb.Rodr.	40	PW	2.29	PW
Maxillaria ochroleuca	Lodd. ex Lindl.	40	BP63	NA	
Maxillaria parkeri	Hook.	NA		NA	
Maxillaria setigera	Lindl.	40	BP63	NA	
***Maxillariella* Blanco & Carnevali (46 species)**					
Maxillariella alba	(Hook.) M.A.Blanco & Carnevali	40	BP63	3.45	PW
Maxillariella ponerantha	(Rchb.f.) M.A.Blanco & Carnevali	40	BP63	NA	
Maxillariella procurrens	(Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	40	BP63	NA	
Maxillariella robusta	(Barb.Rodr.) M.A.Blanco & Carnevali	40	PW	2.64	PW
Maxillariella tenuifolia	(Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	40	TK84	2.98	PW
Maxillariella variabilis	(Bateman ex Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	40, 42	BP63; PW	2.58	PW
***Mormolyca* Fenzl (25 species)**					

Mormolyca ringens	(Lindl.) Gentil	40	PW	1.89	PW
Mormolyca rufescens	(Lindl.) M.A.Blanco	40	BP63, FG00	2.05	PW
***Nitidobulbon* Ojeda, Carnevali & Romero (three species)**					
Nitidobulbon nasutum	(Rchb.f.) Ojeda & Carnevali	46	PW	NA	
***Ornithidium* Salisb. ex R. Br. (ca. 55 species)**					
Ornithidium aureum	Poepp. & Endl.	40	BP63	NA	
Ornithidium pendens	(Pabst) Senghas	40	BP63	NA	
Ornithidium pendulum	(Poepp. & Endl.) Cogn.	40	BP63	2.09	PW
Ornithidium semiscabrum	Lindl.	40	BP63	NA	
***Rhetinantha* Blanco (15 species)**					
Rhetinantha cerifera	(Barb.Rodr.) M.A.Blanco	38	PW	2.72	PW
Rhetinantha friedrichsthalii	(Rchb.f.) M.A.Blanco	36	PW	3.25	PW
Rhetinantha notylioglossa	(Rchb.f.) M.A.Blanco	38	CA06	NA	
Rhetinantha scorpioidea	(Kraenzl.) M.A.Blanco	38	BP63	NA	
***Rudolfiella* Hoehne (six species)**					
Rudolfiella aurantiaca	(Lindl.) Hoehne	40	MO17	3.055	MO17
***Sauvetrea* Szlach. (13 species)**					
Sauvetrea laevilabris	(Lindl.) M.A.Blanco	42	GJ94	NA	
***Scuticaria* Lindl. (nine species)**					
Scuticaria hadwenii	(Lindl.) Planch.	40	MO17	5.69	MO17
Scuticaria steelei	(Hook.) Lindl.	40	PW	6.12	PW
***Trigonidium* Lindl. (seven species)**					
Trigonidium acuminatum	Bateman ex Lindl.	40	FG00	1.59	PW
Trigonidium egertonianum	Bateman ex Lindl.	40	MO12	1.70	MO12
Trigonidium obtusum	Lindl.	40	FG00	1.72	PW
Trigonidium riopalenquense	Dodson	40	MW	NA	

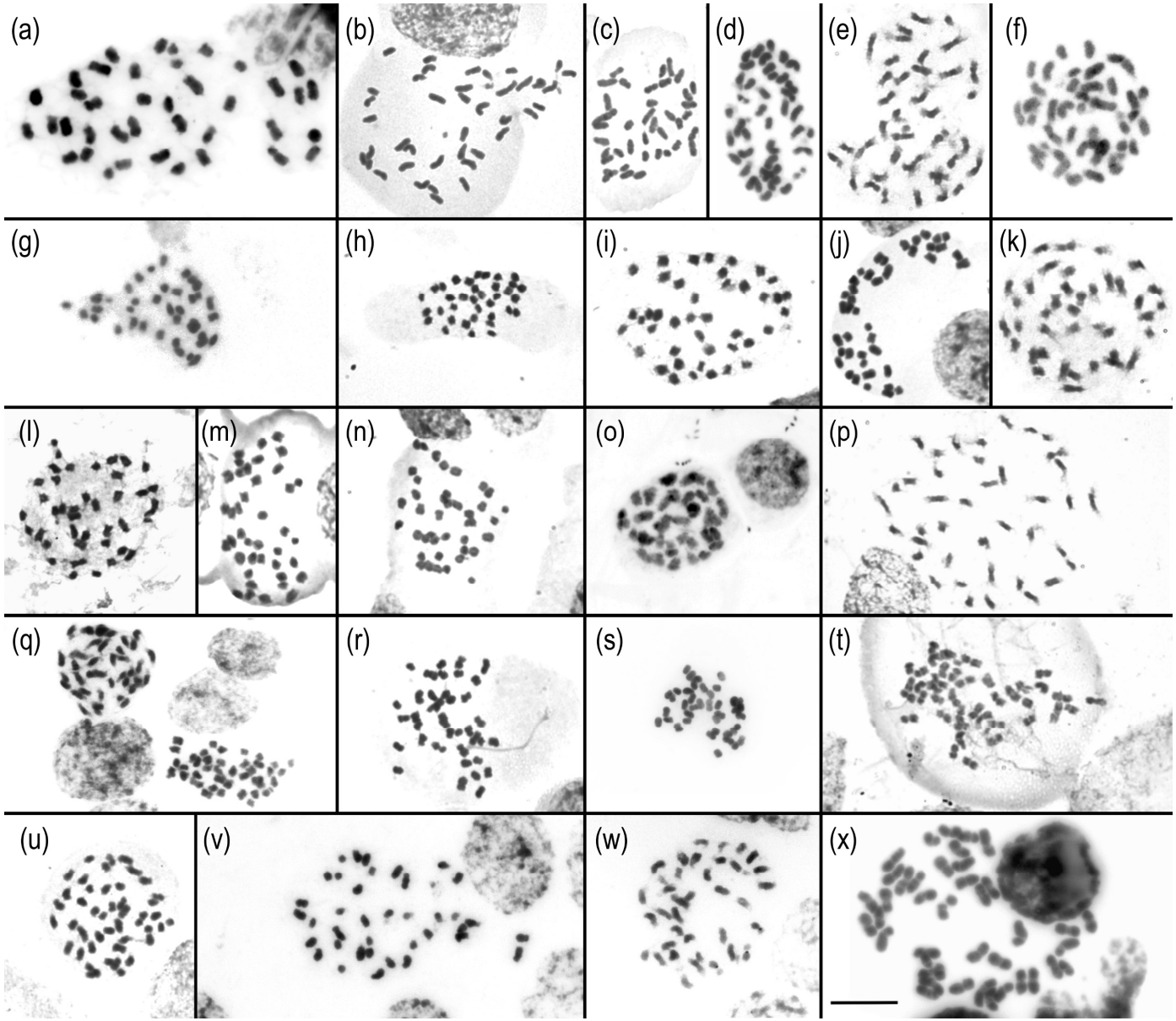
***Xylobium* Lindl. (30 species)**					
Xylobium foveatum	(Lindl.) G.Nicholson	40	FG00	4.47	MO17
Xylobium squalens	(Lindl.) Lindl.	40	GO85	NA	
Xylobium variegatum	(Ruiz & Pav.) Garay & Dunst.	40	MO17	3.74	MO17
Close related species					
Dichaea panamensis	Lindl.	52	FG00	NA	
Dichaea muricata	(Sw.) Lindl.	52	TK84	NA	
Eriopsis biloba	Lindl.	40	AO89	NA	
Koellensteinia graminea	(Lindl.) Schltr. K.	48	TK84	NA	
Peristeria elata	Hook.	40	JO98	4,7	JO98
Stanhopea ecornuta	Lem.	40	M73	NA	
Stanhopea insigins	J.Frost ex Hook.	40	TK84	NA	
Vitekorchis excavata	(Lindl.) Romowicz & Szlach.	NA		2,10	LE08
Zygopetalum maculatum	(Kunth) Garay	48	GO18	7.38	GO18
Zygopetalum maculatum	(Kunth) Garay	72	GO18	10.48	GO18
Zygopetalum maculatum	(Kunth) Garay	96	GO18	14.07 [7.035]	GO18
Zygopetalum maxillare	Lodd.	48	TK84	NA	

References: HO29, Hoffmann (1929); HO30, Hoffmann (1930); Bl60, Blumenschein (1960); BF61, Blumenschein and Flechtmann (1961); BP63, Blumenschein and Paker, 1963; TK84, Tanaka and Kamemoto (1984); GO85, Goldblatt (1985); AK88, Aoyama and Karasawa (1988); GJ94, Goldblatt e Johnson (1994); JO98, Jones et al. (1998); FG00, Felix and Guerra (2000); Ry00, Ryan et al. (2000); CA06, Cabral et al. (2006); KO08, Koehler et al. (2008); LE08, Leitch et al. (2008); MO12, Moraes et al (2012); MO16, Moraes et al. (2016); MO17, Moraes et al. (2017); GO18, Gomes et al. (2018); PW, Present work

Table 2. Summary of Phylogeny-corrected Regressions aiming to explain variation in chromosome number and genome size in Maxillariinae orchids using ecological variables (habit, elevation, and bioclimatic variables) associated with species distribution. Regressions were performed without and with polyploids in the sample. Under the model names we present estimates for intercept and the variables, followed by significance codes, according to p-value: ~0 = '***', <0.001 = '**', <0.01 = '*', <0.05 = '.'

Coefficients	Models			
	Without polyploids		With polyploids	
	Chromosome number	Genome size	Chromosome number	Genome size
Intercept	40.95967 ***	0.139529	67.4649 ***	0.43277
Number of possible Habits		0.169730 .	-13.5538 ***	
Exclusively Epiphytic			-11.5816 ***	
Elevation	0.30987 *	0.055666 *		
Temperature Seasonality				-0.28723 *
Temperature of Coldest Quarter			1.8322 .	
Mean Diurnal Temperature Range				
Precipitation of the Coldest Quarter			-4.2069 ***	-0.44616 ***
Precipitation of the Warmest Quarter		-0.141759 *		
Precipitation of the Driest Quarter				
Model Summary				
lambda [Maximum Likelihood]	0.921	1.000	0.332	0.740
Residual standard error	12.69	5.286	44.98	5.424
Degrees of freedom	90	58	91	62
Adjusted R-squared	0.03415	0.1243	0.3266	0.1456
F-statistic	4.217 on 1	3.887 on 3	12.52 on 4	6.455 on 2
p-value	0.04292	0.01337	3.717e-08	0.002842
Best Model AICc	322.8996	89.28603	656.7690	145.5251
Intercept-only Model AICc	324.5901	94.00995	689.0831	153.1811
ΔAICc	1.6905	47.2392	32.3141	7.6560

Figure 1. Chromosome number in Maxillariinae. (a) *Anguloa virginalis* (2*n*=40), (b) *Brasiliorchis barbosae* (2*n*=40), (c) *Bra. chrysantha* (2*n*=40), (d) *Bra. consanguinea* (2*n*=40), (e) *Bra. marginata* (2*n*=40), (f) *Bra. monantha* (2*n*=40), (g) *Camaridium carinatum* (2*n*=38), (h) *Christensonella pumila* (2*n*=36), (i) *Heterotaxis equitans* (2*n*=42), (j) *Het. superflua* (2*n*=42), (k) *Mapinguari desvauxianus* (2*n*=40), (l) *Maxillaria bradei* (2*n*=40), (m) *Max. kegelii* (2n=40), (n) *Max. leucaimata* (2*n*=40), (o) *Max. parkeri* (2*n*=40), (p) *Max. setigera* (2*n*=40), (q) *Maxillariella robusta* (2*n*=40), (r) *Maxillariella tenuifolia* (2*n*=40), (s) *Mormolyca ringes* (2*n*=40), (t) *Mor. rufescens* (2*n*=40), (u) *Nitidobulbon nasutum* (2*n*=46), (v) *Rhetinantha cerifera* (2*n*=38), (w) *Rhe. friedrichsthalii* (2*n*=36), (x) *Scuticaria steelei* (2*n*=40). Bar=10 um.


(a)
(b)
(c)
(d)
(e)
(f)
(g)
(h)
(i)
(j)
(k)
(l)
(m)
(n)
(o)
(p)
(q)
(r)
(s)
(t)
(u)
(v)
(w)
(x)

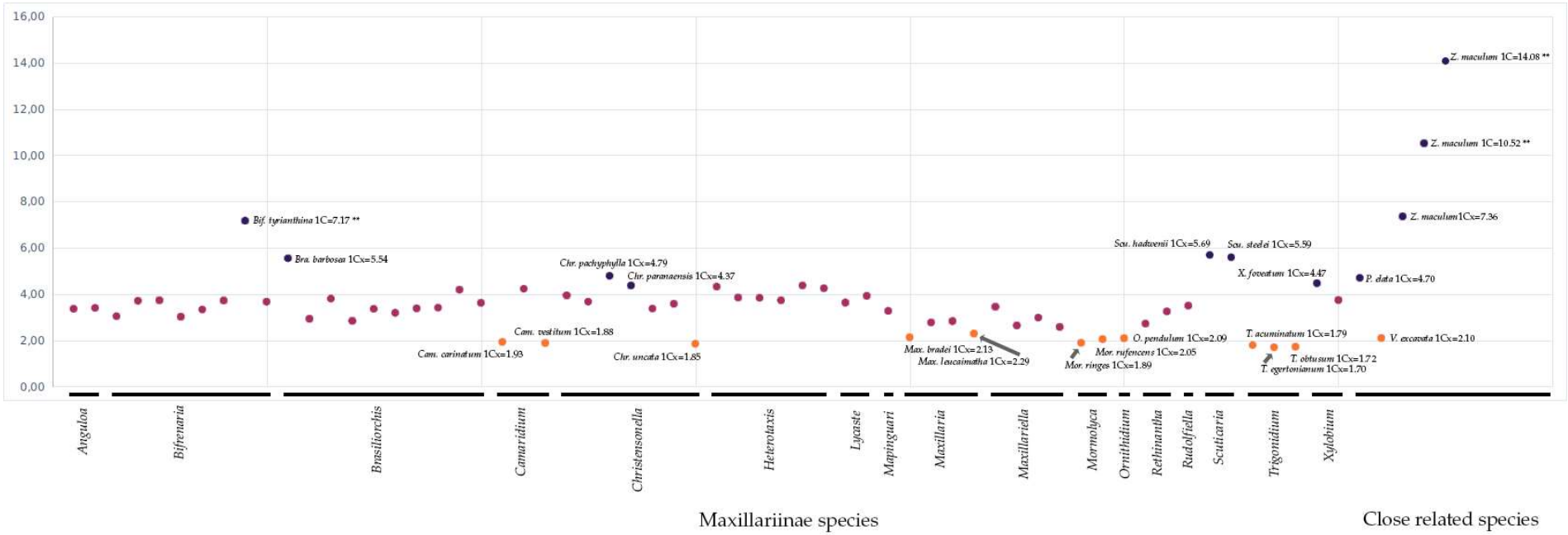


Figure 2. Genome size in Maxillariinae and closely related species. The genome size of 62 species is presented here with average 1Cx=3.38 +/- 0.94. The large genome sizes are indicated in dark, average genome sizes in purple and the small genome sizes in orange. The large and small genome sizes are also indicated by its species and monoploid genome size. The polyploid cytotypes (*Bif. tyrianthina* and *Z. maculum*) are indicated by '**' and the haploid genome size (1C-value).

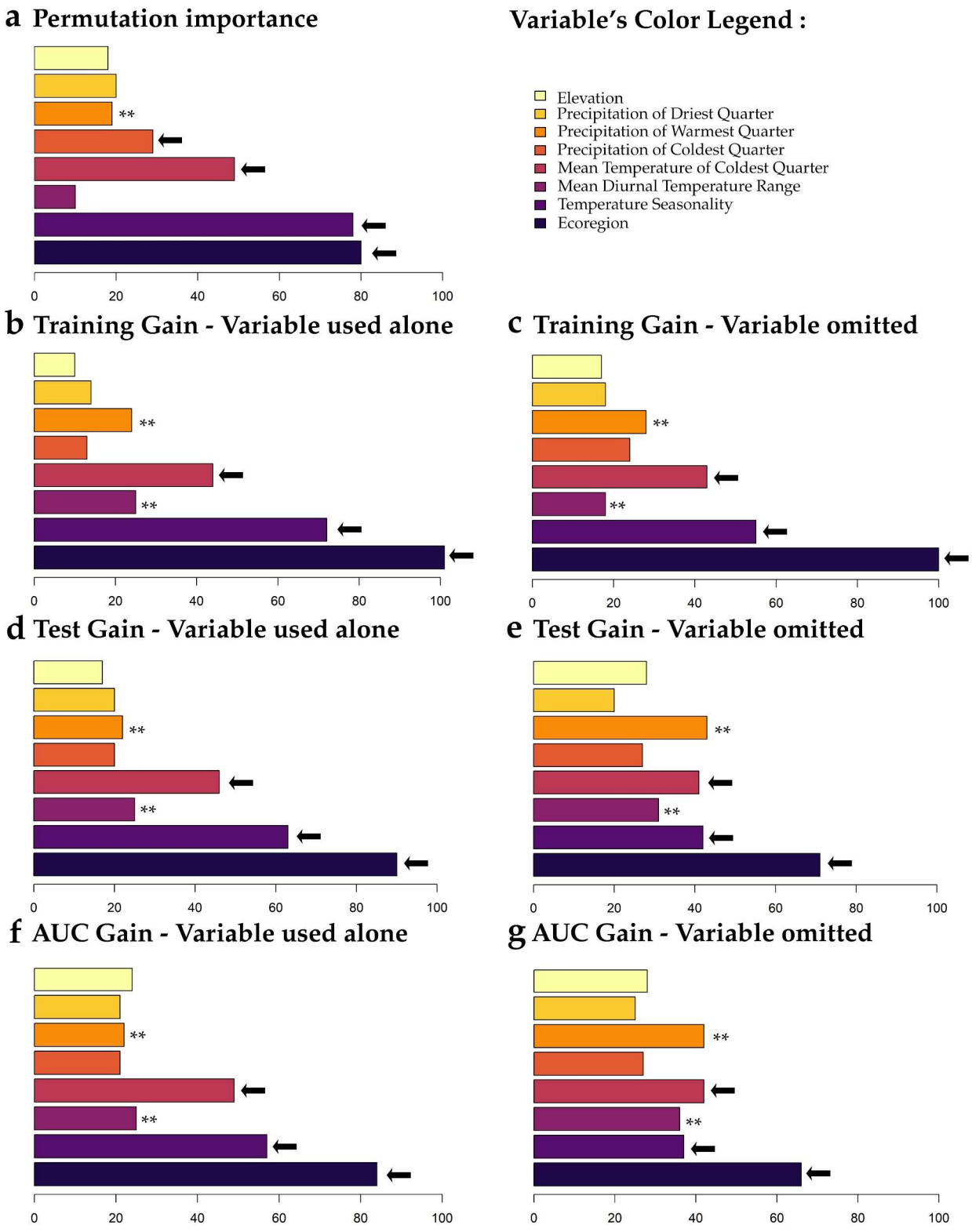


Figure 3. Variables importance in the SDM of Maxillariinae species. The variables importance are presented in each (a) Permutation Importance, (b, c) Training Gain, (d, e) Test Gain and (f, g) AUC, both with variable omitted (b, d, and f) and used alone (c, e, and g). The most important variables are indicated by an arrow and the secondary important variable by asterisks. Each bar corresponds to one variable following the variable's colour legend.

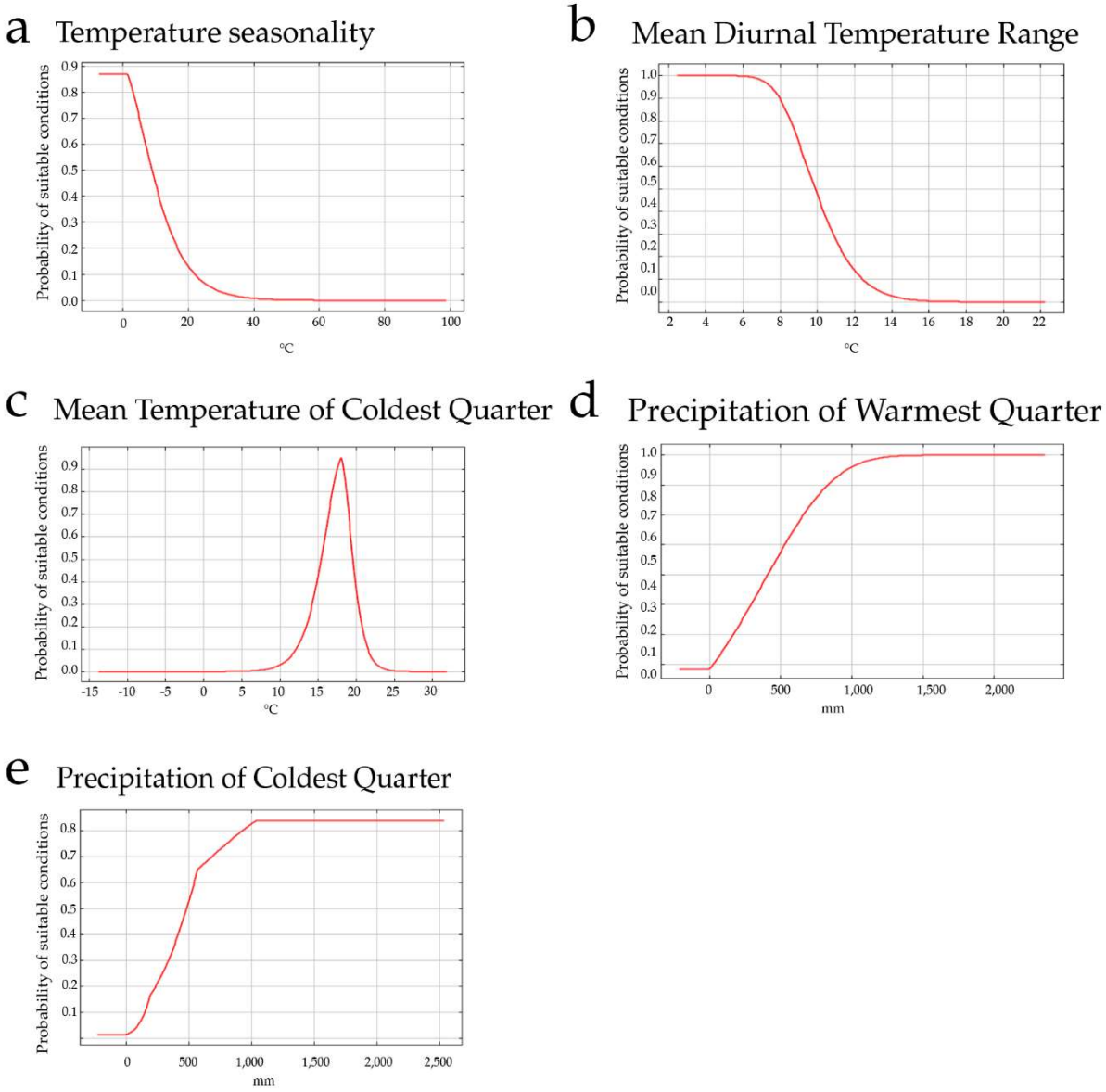


Figure 4. Performance of variables represented by the curve response. The curves show how the estimated probability of suitable occurrence changes in response to variation in an environmental variable. Each curve represents a model fitted using only one variable: (a) Temperature seasonality, (b) Mean Diurnal Temperature Range, (c) Isothermality, (d) Mean Temperature of Coldest Quarter, (e) Precipitation of Warmest quarter, and (f) Precipitation of Coldest Quarter.

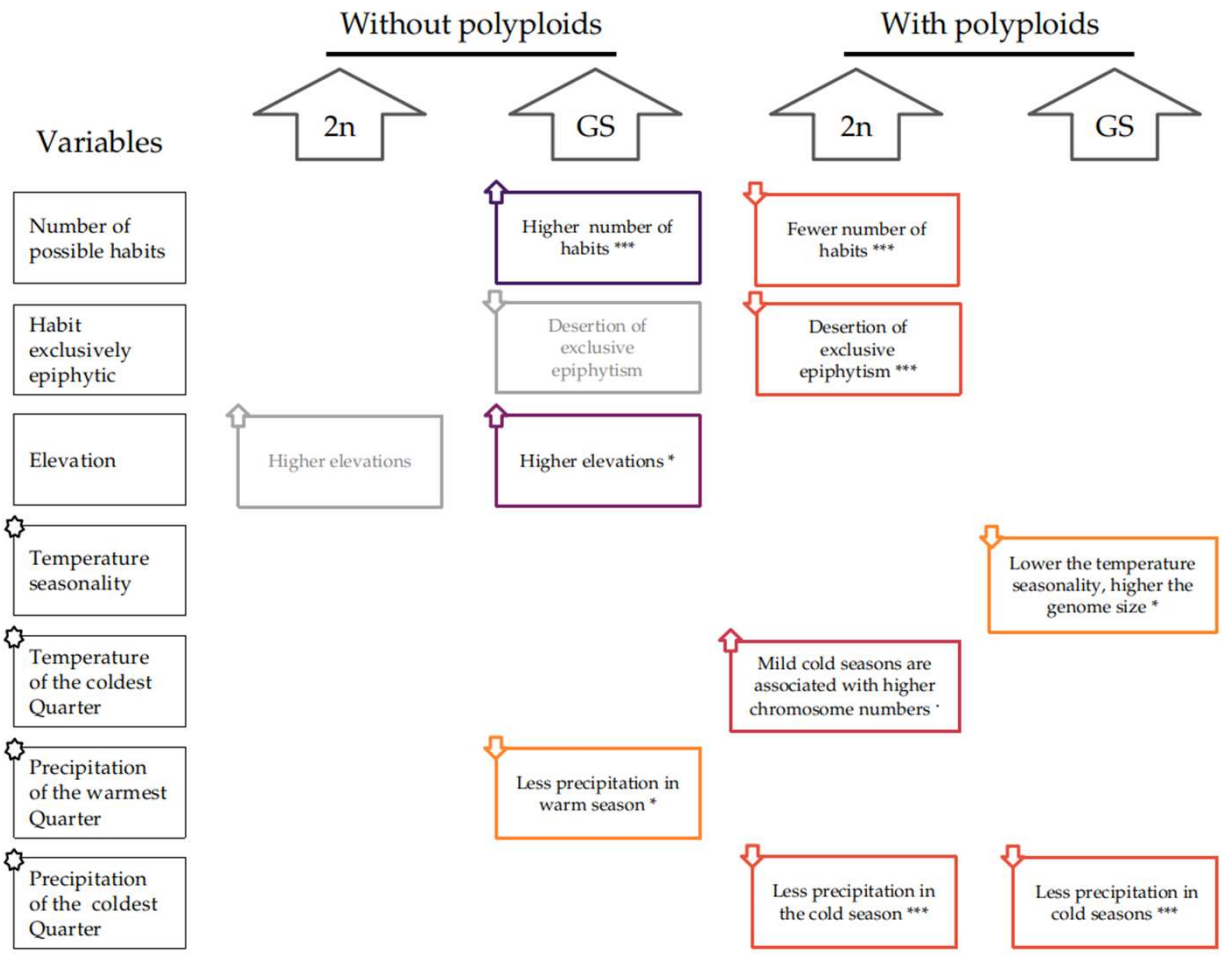


Figure 5. Genomic traits correlations: chromosome number (2n) and genome size (GS) increase with environmental and ecological variables according to the PGLS analyses. The first column presents the seven variables in the Maximum Model, with the variables indicated in SDM as the most important to Maxillariinae occurrence indicated by asterisks. The next columns represent each PGLS model, indicating the variables retained in the Best Model. Arrows in the variable boxes in the models indicate the direction of the correlation with the variation of the genomic traits. Positive correlations are indicated by up arrows and purple boxes, while down arrows indicate negative correlations in orange boxes. The darker the shade of colour, the greater the importance of this variable in the model, being the light shades the least important variables. Inside each box, we present the significance codes according to p-value: ~0 = '***', <0.001 = '**', <0.01 = '*', <0.05 = '·' .

***New Phytologist* Supporting Information**

Article title: Are chromosome number and genome size associated with habit and environmental niche variables? Insights from the Neotropical Maxillariinae (Orchidaceae)

Authors: Thaissa Brogliato Junqueira Engel[1], Eliana R. Forni-Martins[1], Leonardo P. Félix[2], Marcelo Guerra[3], Juliano Sarmento Cabral[4*], Ana Paula Moraes[5*]

Article acceptance date: Click here to enter a date.

The following Supporting Information is available for this article (*Short legends/titles*):

Fig. S1 Maximum Likelihood and Bayesian Inference phylogenetic trees.

Fig. S2 Heatmaps of variables importance to the model's performance.

Fig. S3 Best Model candidates according to PGLS of environmental and ecological explanatory variables against the genomic traits.

Table S1 Maxillariinae's new chromosome number and genome size records with origin and voucher information.

Table S2 GenBank accessions for DNA sequences used in the phylogenetic analyses.

Table S3 Habit and elevation information.

Table S4 Species Distribution Models for Maxillariinae and close related species.

Table S5 Evolution model test for chromosome number and genome size.

Table S6 Regressions summary between the genomic traits with and without polyploids in the sample.

Methods S1 Variable selection.

Methods S2 Methods on species distribution models (SDM) performed by MaxEnt.

Notes S1 Notes on Maxillariinae SDM.

The following Supporting Information is available for this article (*Full legend/titles*):

Fig. S1 Maximum Likelihood (a) and Bayesian Inference (b) phylogenetic trees based on matK, ycf1 and ITS markers. Branches support, Bootstrap and Posterior Probability, are indicated by the branch colour according to the colour scale of each phylogenetic tree. The dashed branches in black represent topology differences among species.

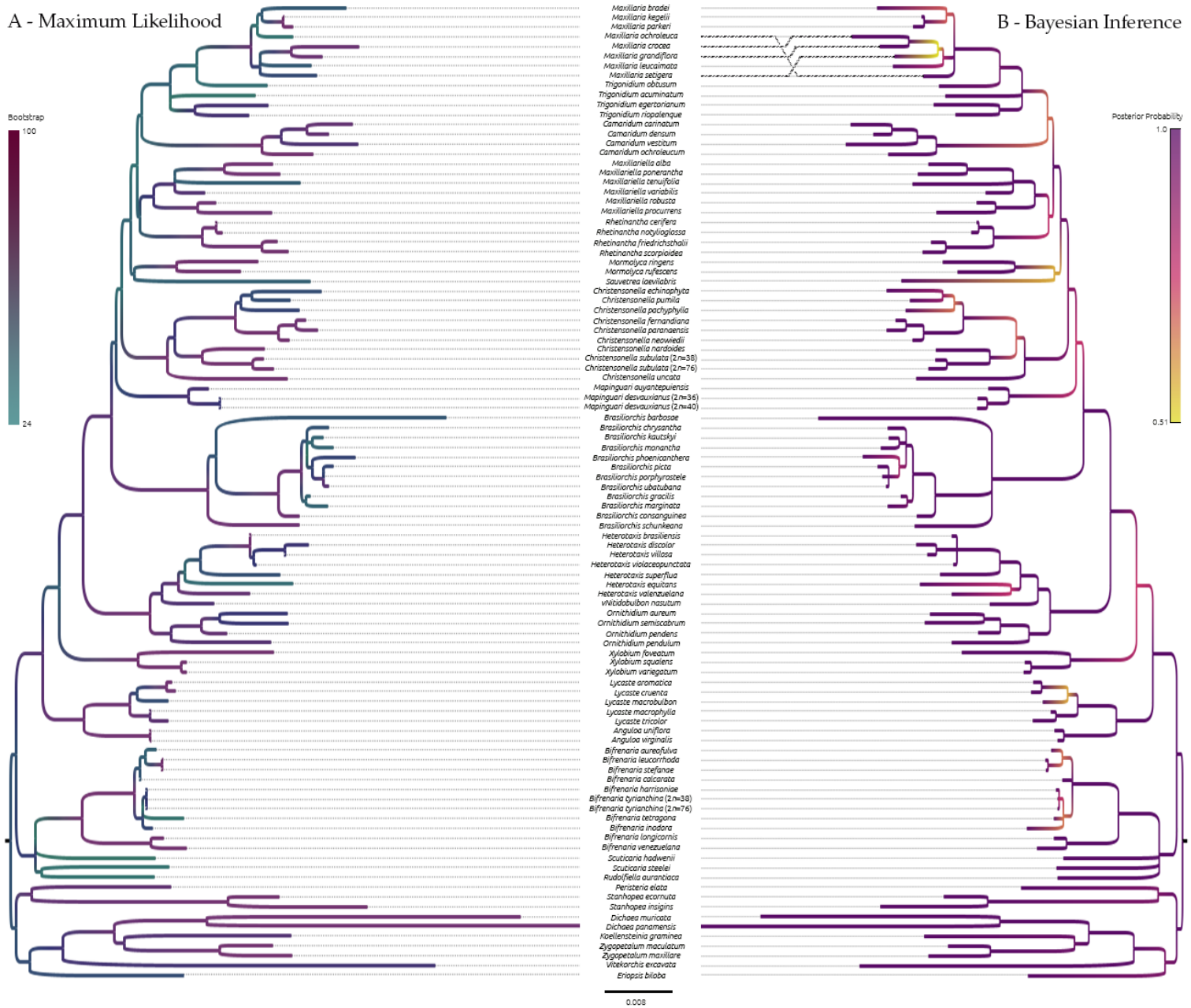

A - Maximum Likelihood
B - Bayesian Inference
Bootstrap
100
24
Posterior Probability
1.0
0.51
Maxillaria bradei
Maxillaria kegelii
Maxillaria parkeri
Maxillaria ochroleuca
Maxillaria crocea
Maxillaria grandiflora
Maxillaria leucaimata
Maxillaria setigera
Trigonidium obtusum
Trigonidium acuminatum
Trigonidium egertonianum
Trigonidium riopalenque
Camaridium carinatum
Camaridium densum
Camaridium vesitum
Camaridium ochroleucum
Maxillariella alba
Maxillariella ponerantha
Maxillariella tenuifolia
Maxillariella variabilis
Maxillariella robusta
Maxillariella procurrens
Rhetinantha cerifera
Rhetinantha notyioglossa
Rhetinantha friedrichsthalii
Rhetinantha scorpioidea
Mormolyca ringens
Mormolyca rufescens
Sauvetrea laevilabris
Christensonella echinophyta
Christensonella pumila
Christensonella pachyphylla
Christensonella fernandiana
Christensonella paranaensis
Christensonella neowiedii
Christensonella nardoides
Christensonella subulata (2n=38)
Christensonella subulata (2n=76)
Christensonella uncata
Mapinguari auyantepuiensis
Mapinguari desvauxianus (2n=36)
Mapinguari desvauxianus (2n=40)
Brasiliorchis barbosae
Brasiliorchis chrysantha
Brasiliorchis kautskyi
Brasiliorchis monantha
Brasiliorchis phoenicanthera
Brasiliorchis picta
Brasiliorchis porphyrostele
Brasiliorchis ubatubana
Brasiliorchis gracilis
Brasiliorchis marginata
Brasiliorchis consanguinea
Brasiliorchis schunkeana
Heterotaxis brasiliensis
Heterotaxis discolor
Heterotaxis villosa
Heterotaxis violaceopunctata
Heterotaxis superflua
Heterotaxis equitans
Heterotaxis valenzuelana
Wilsonbulbon nasutum
Ornithidium aureum
Ornithidium semiscabrum
Ornithidium pendens
Ornithidium pendulum
Xylobium foveatum
Xylobium squalens
Xylobium variegatum
Lycaste aromatica
Lycaste cruenta
Lycaste macrobulbon
Lycaste macrophylla
Lycaste tricolor
Anguloa uniflora
Anguloa virginalis
Bifrenaria aureofulva
Bifrenaria leucorrhoda
Bifrenaria stefanae
Bifrenaria calcarata
Bifrenaria harrisoniae
Bifrenaria tyrianthina (2n=38)
Bifrenaria tyrianthina (2n=76)
Bifrenaria tetragona
Bifrenaria inodora
Bifrenaria longicornis
Bifrenaria venezuelana
Scuticaria hadwenii
Scuticaria steelei
Rudolfiella aurantiaca
Peristeria elata
Stanhopea ecornuta
Stanhopea insignis
Dichaea muricata
Dichaea panamensis
Koellensteinia graminea
Zygopetalum maculatum
Zygopetalum maxillare
Vitekorchis excavata
Eriopsis biloba
0.008

Fig. S2 Heatmaps of variables importance to the model's performance. (a) Permutation Importance, (b, c) Training Gain, (d, e) Test Gain and (f, g) AUC, both with variables omitted (b, d, and f) and used alone (c, e, and g). For each heatmap, a colour scale is provided. The darker the colour shade of a cell, the higher the contribution of a variable to the model for the species represented by that cell. The training, test and AUC gain tests aim to analyse how much a model's gain decreases or increases when a given variable is omitted. All the other variables are kept and when the variable is used alone to fit the model. In each test, when performed without a variable ('variable omitted'), lighter shades indicate that without that variable the gain decreases, meaning that variable has more information than the other variables. In each test, when performed with only one variable ('variable used'), the darker the colour, the higher the gain that variable provides alone, meaning it might have the most useful information by itself.

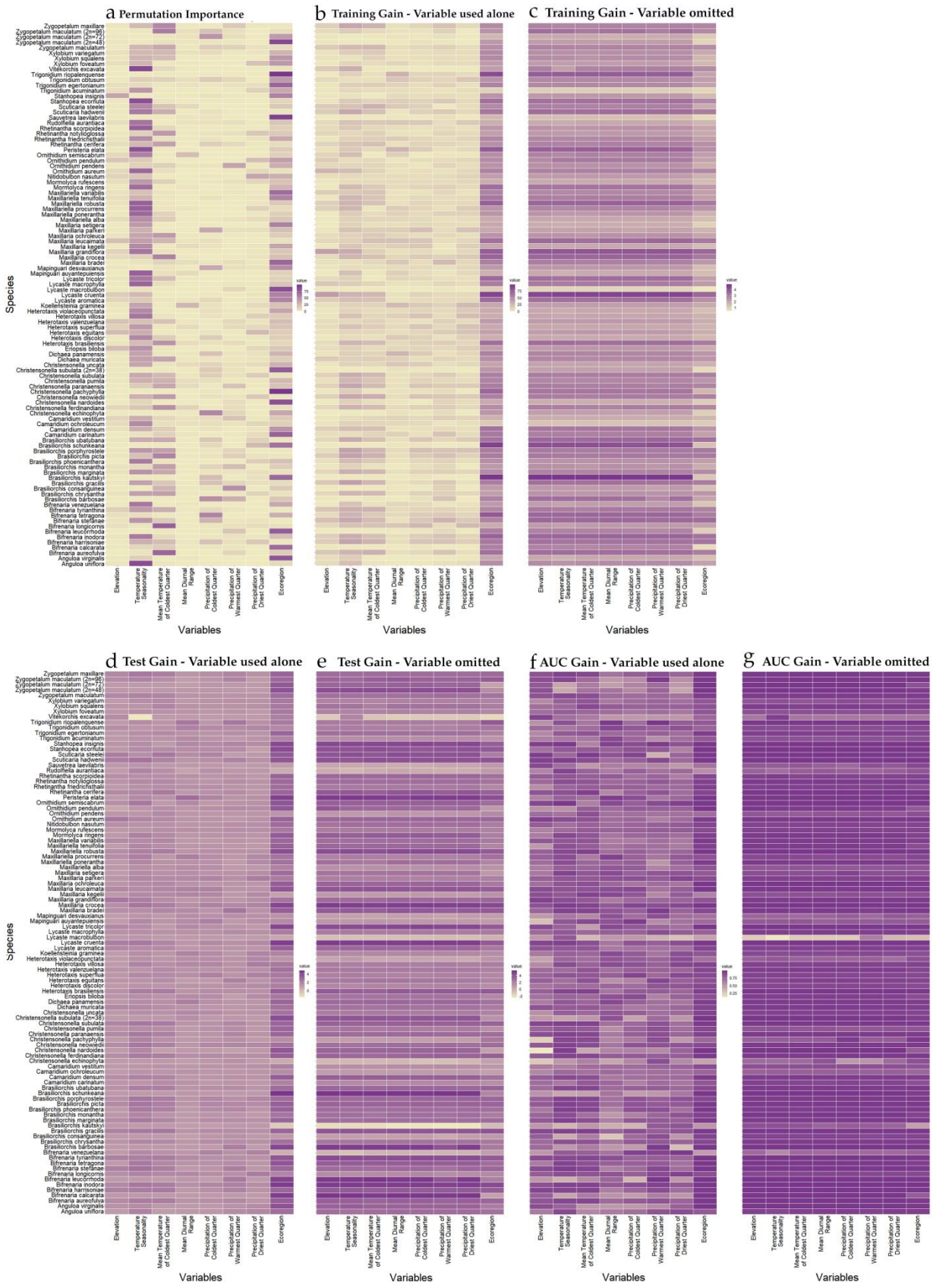

a Permutation Importance
b Training Gain - Variable used alone
c Training Gain - Variable omitted
d Test Gain - Variable used alone
e Test Gain - Variable omitted
f AUC Gain - Variable used alone
g AUC Gain - Variable omitted
Species
Variables
Elevation
Temperature Seasonality
Mean Temperature of Coldest Quarter
Mean Diurnal Range
Precipitation of Coldest Quarter
Precipitation of Warmest Quarter
Precipitation of Driest Quarter
Ecoregion
value

Fig. S3 Model Selection showing Akaike Information Criterion corrected for small sampling sizes (AICc) cumulative weights of the Best Model candidates (ΔAICc<2) according to PGLS regression of environmental and ecological explanatory variables. Figures present the results of Best Models (rows) for each dependent variable, chromosome number and genome size, without (a and b) and with polyploids (c and d) in the sample. Images in a and c present the result for chromosome number, and c and d, for genome size variation. Each Best Model is represented by one row; variables are shown in the columns, with colour columns alternating between grey and blue (for the sake of visual clarity). Whenever a variable is present in a model, the respective cell appears filled in grey or blue. Darker the colour shade, the higher the variable importance to the model.

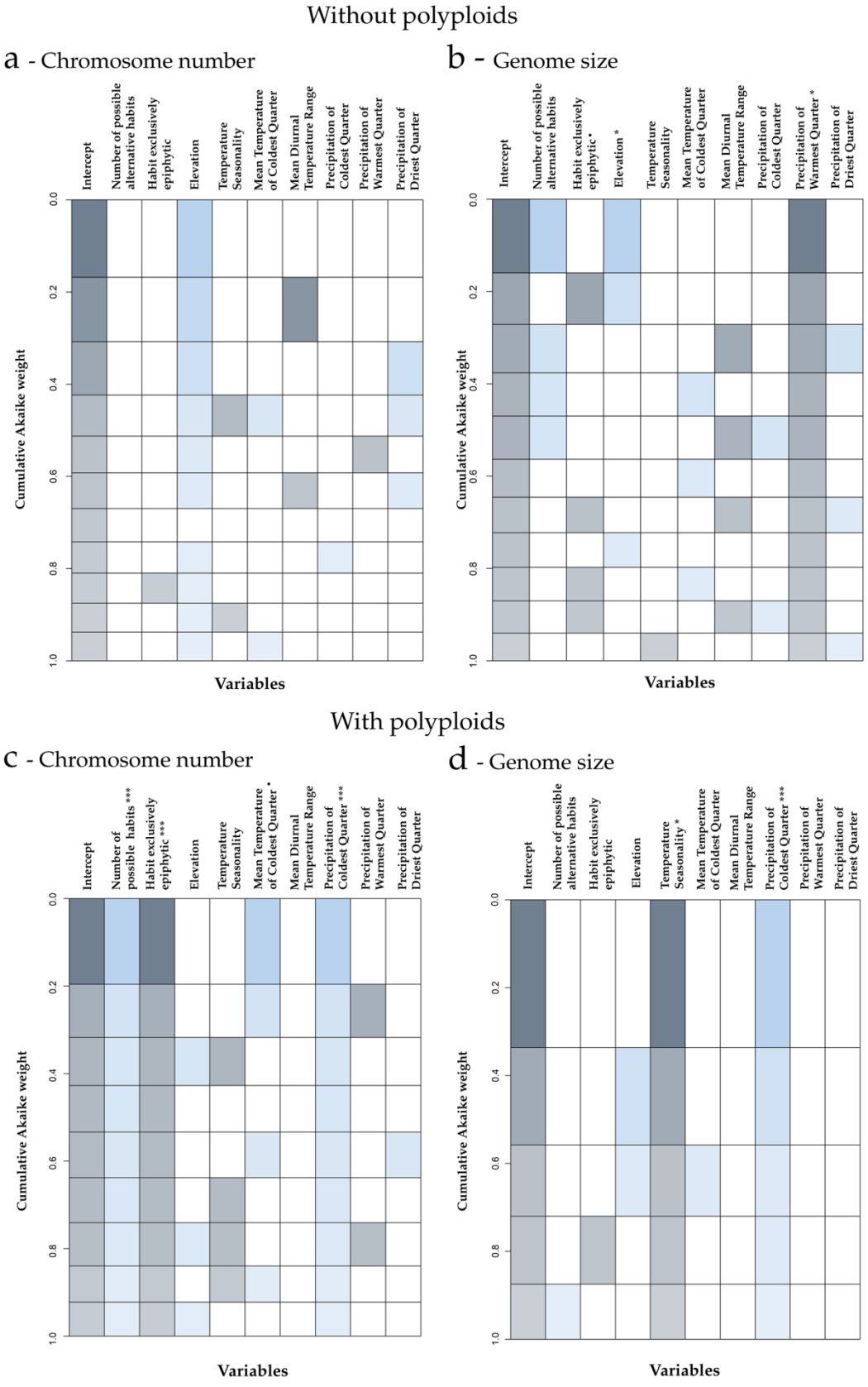

Without polyploids
a - Chromosome number
b - Genome size
With polyploids
c - Chromosome number
d - Genome size
Intercept
Number of possible alternative habits
Habit exclusively epiphytic
Elevation
Temperature Seasonality
Mean Temperature of Coldest Quarter
Mean Diurnal Temperature Range
Precipitation of Coldest Quarter
Precipitation of Warmest Quarter
Precipitation of Driest Quarter
Number of possible habits ***
Habit exclusively epiphytic ***
Mean Temperature of Coldest Quarter •
Precipitation of Coldest Quarter ***
Habit exclusively epiphytic •
Elevation *
Temperature Seasonality *
Precipitation of Warmest Quarter *
Cumulative Akaike weight
0.0
0.2
0.4
0.6
0.8
1.0
Variables

Table S1 Maxillariinae's chromosome number and genome size records. The voucher information (collector name, number, and date; Herbarium voucher; and number in the living collection, when available, is provided) along with specimem origin are presented. For each chromosome number determined, the correspondent metaphase image in 'Figure1' are indicated. The genome size record is accmpained by the standart deviation (SD) and the average coefficient of variation (CV) for each species.

Table S1 is available in xls format.

Table S2 GenBank accessions for DNA sequences used in the phylogenetic analyses. GenBank coded starting with MZ were produced in the present study.

Table S2 is available in xls format.

Table S3 Habit and elevation for Maxillariinae and close related species. Species were classified according the habit type (epiphytic, litophytic and/or terrestrial). Following such classification, two variables were determined for the macroevolutive analysis. Elevation data was obtained from Global Multi-resolution Terrain Elevation Data 2010 (GMTED2010), compiled from observation points.

Table S3 is available in xls format.

Table S4 MaxEnt's Species Distribution Models (SDM) results for Maxillariinae species. Number of training and testing occurrence points and parameters for the overall model evaluation for each species are presented: Regularized training gain, training AUC, Regularized test gain, test AUC.

Table S4 is available in xls format.

Table S5 Evolution model test. For each trait, with and without polyploids, three evolutive

models were tested, Brownian Motion (BM), Ornstein–Uhlenbeck (OU), and Early Burst (EB). The AICc value for each model is presented and the lowest value for each trait is presented in bold. Model parameters: "Pagel's Lambda"(for BM), "alpha" rate of adaptation (for OU), "a" rate change (for EB), rate of evolution (sigsq) and root state (z0).

Table S5 is available in xls format.

Table S6 Regressions summary between the genomic traits with and without polyploids in the sample.

Table S6 is available in xls format.

Methods S1. Selection of variables. For both SDM and the phylogenetic multivariate regressions, the set of 19 bioclimatic variables, representing annual trends, seasonality and extreme environmental factors, plus elevation was tested for multicollinearity. Nine groups of collinear variables were identified, considering Pearson's r=0.7 cutoff (Fig. 1).

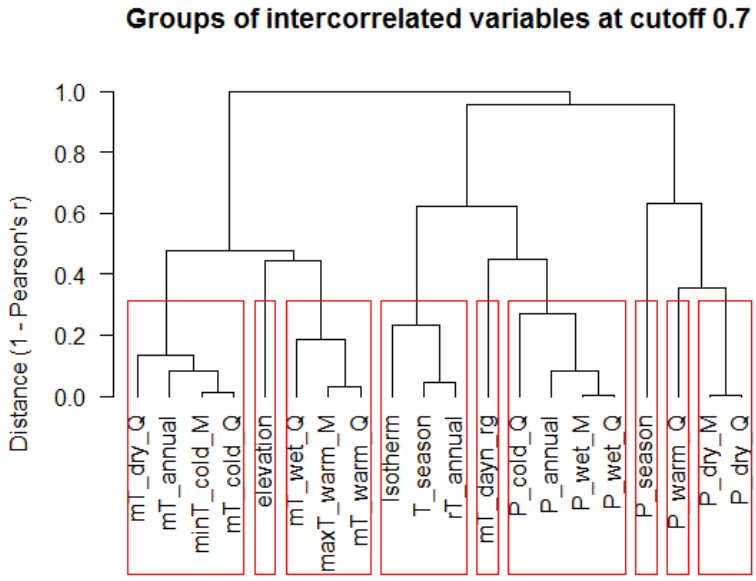
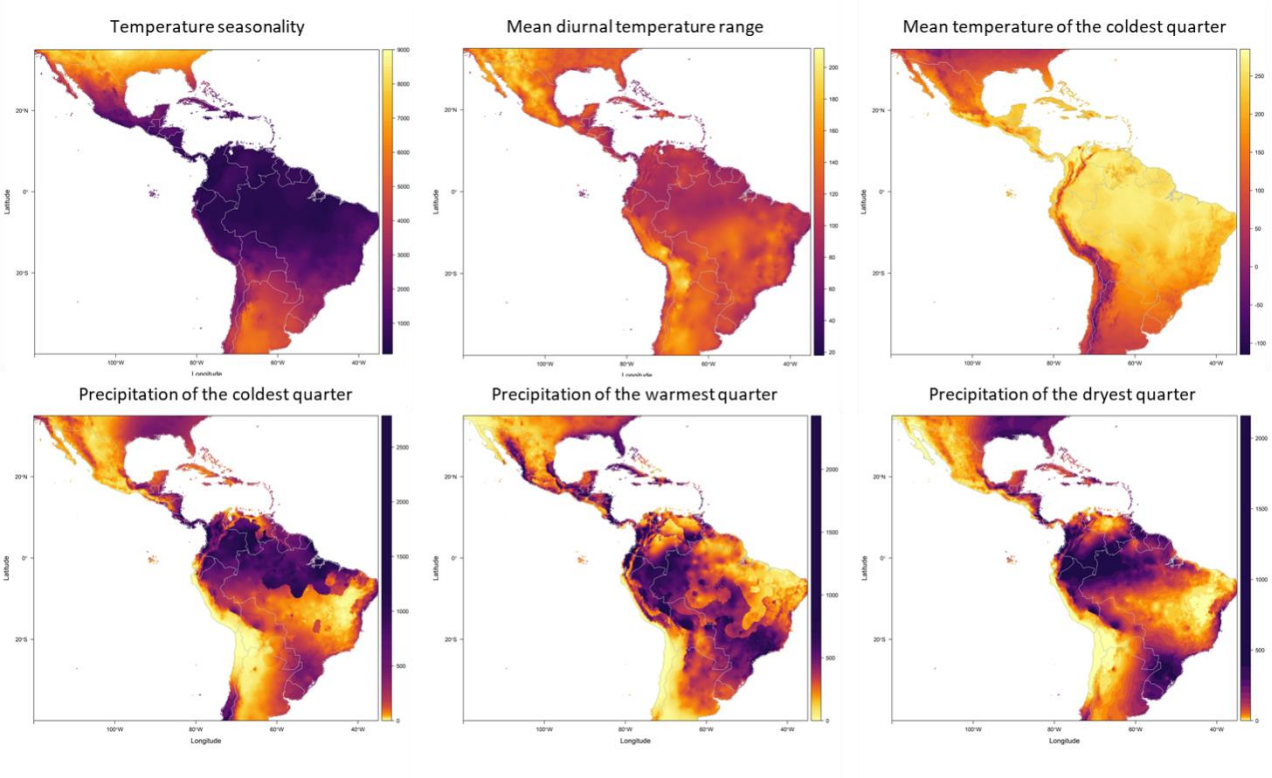


Fig. 1 - Groups of intercorrelated variables at a Pearson's r 0.7 cutoff using the 'virtualspecies' R package. Red boxes are placed around the intercorrelated variables. mT = mean Temperature, minT = minimum temperature, maxT = maximum temperature, P = precipitation, r = range, M = month, Q = quarter.Y-axis represents the distance estimated by 1- Pearson's r.

To choose which variables to keep within each multicollinear group, we used information on variables weight and importance according to the AICc values in a preliminary model fitting (Zurell *et al.*, 2020), using species presence as a response variable. We took an extra step to ensure low collinearity among the bioclimatic variables, calculating the variance inflation factor (VIF, being VIF = $1/(1-R^2)$; Fox & Monette, 1992), fitting models with each variable as a response against the other variables as predictors and keeping only variables with VIF<10 (Mundry, 2014). As a result we kept elevation and six bioclimatic variables (Fig. 2): (1) Temperature Seasonality, (2) Mean Temperature during the Coldest Quarter, (3) Mean Diurnal Temperature Range,



Precipitation during the (4) Coldest Quarter, (5) Warmest Quarter, and (6) Driest Quarter.

Fig. 2 - Maps representing the bioclimatic variables selected for the present study.

Methods S2 - MaxEnt

MaxEnt parameters and Threshold selection. For MaxEnt SDM, we produced 20,000 background points for each species, seeded randomly within the study area extent (120° to 35°W, 40°S to 35°N for all species). For both background and presence data, we set aside 20% of the points to test the models (See Total sample, Training sample and Test sample numbers per species in Table S4). The MaxEnt models were performed with statistics based on linear, quadratic and product features allowed, and up to five million iterations for the training algorithm to find the model parameters. We used only species with at least five observation points, a sample size MaxEnt was shown to produce reasonable predictions for (Pearson *et al.*, 2007; Wisz *et al.*, 2008). Hence, we produced SDM for 13 outgroup specimens (*Zygopetalum maculatum* (Kunth) Garay generated four models because it has three cytotypes) and 88 models for 87 Maxillariinae species (*Christensonella subulata* (Lindl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek has two cytotypes and generated two models; Table S4). We selected 'cloglog' as MaxEnt SDM output (Phillips *et al.*, 2017), which provides a representation of the probability of environmental suitability for species occurrence at a locality (which we will refer from now on as "occurrence probability" only, for the sake of simplicity), ranging from 0 to 1. In order to derive the MaxEnt output map, a representation of probabilities, into a binary representation of species occurrence (*i.e.*, a polygon of occurrence), it is necessary to define a threshold value, and all cells in the map whose predicted presence probability value are greater than such threshold, are merged into a polygon of estimated species occurrence. The 'spec-sens' threshold was calculated for each model and corresponded to the value at which the sum of the sensitivity (true positive rate) and specificity (true negative rate) was the highest.

Evaluation of models. To evaluate the performance of the models, we analysed them by two methods aiming to overcome each one fragility: the receiver operating characteristic (ROC) curve (AUC; Bradley, 1997) and the True Skill Statistics (TSS; Allouche *et al.*, 2006). All SDM performed better than random, with AUC scores for training sets remaining greater than 0.9 for all species (Table S4). The AUC scores for testing sets were greater than 0.7 for 96 out of the 97 species, with only one model scoring less than 0.5 (i.e., no better than random; see '*' in Table S4). Considering TSS values, all models performed better than random (TSS>0; Table S4). As a

result of such models, Maxillariinae species distribution is predicted to range from south of California to northern Argentina and Uruguay coast and predicted occurrence fits the occurrence points (see Fig. 1). The highest richness is predicted at the region stretching from Central America to Bolivia, mainly along the tropical Andes, and for the Brazilian Atlantic coast along with the extension of the Atlantic Forest.

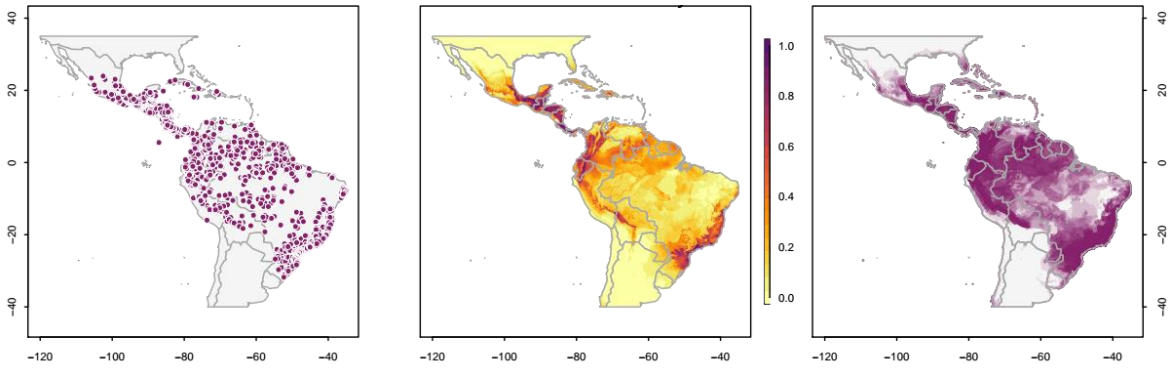


Fig. 1 - Maxillariinae distribution. Observed points (left), projection for the entire subtribe in a single model (centre) and superposed projections of each species (right) are presented to the subtribe Maxillariinae. For the single purpose of illustrating the predicted probability of occurrence of the entire subtribe, a model was fitted using the observation points of all species in a single model. However, for the estimated potential distribution, individual occurrence polygons for each species were superposed because models of single species are more precise than a model for the entire subtribe, providing a better representation.

Evaluation of variables. The MaxEnt output comprises a series of statistics on the importance and contribution of the imputed predictor variables to the model, such as Permutation importance and the Jackknife tests for regularised training gain, test gain and AUC. To better visualize the data for all species, we compiled the raw numbers for each species in seven tables, one for Permutation Importance and six for the jackknife tests of regularized trainning gain, test gain and AUC, with variables used alone and omitted (Figure S2). These compilations were then transformed from tables into heatmaps, making the comprehension of the gain values when using or removing a variable, very intuitive. To avoid putative doubts on the reliability of such measures of importance, we followed all the criteria suggested in (Smith & Santos, 2020) but

one, which was partially attended: the minimum sample size of 32 points for training sets was not possible for all species (see Table S4). To assess which variables affect species distribution, we ranked the variables according to their performance in the model statistics and accounted for those most frequently high ranking across the 97 species modelled.

Note S1. The variable Terrestrial Ecoregions proved to be central in species distribution, presenting, by itself, the most useful and unique information. The delimitation of ecoregions takes under consideration a wide group of variables like climate, vegetation types, habitat and guild structures, as well as species composition (faunas and floras) and biotic interactions (Dinerstein *et al.*, 1995, 2017; Olson & Dinerstein, 1998). Large scale distributions are mainly determined by climate, but concerning smaller scales, *e.g.* within a vegetation type, non-climate variables such as topography, community dynamics, fauna, hosts availability and ecoregions may play a more significant role than climate variables (Woodward & Williams, 1987; Hijmans, 2012). As this variable was coded as factor within the arguments of MaxEnt, it does not produce a response curve of intuitive interpretation, but the change in species occurrence in response to the ecoregions can be perceived by comparing maps of species occurrence with the incidence of the ecoregions.

References

Allouche O, **Tsoar A**, **Kadmon R**. **2006**. Assessing the accuracy of species distribution models: prevalence, kappa and the true skill statistic (TSS): Assessing the accuracy of distribution models. *The Journal of Applied Ecology* **43**: 1223–1232.

Bradley AP. **1997**. The use of the area under the ROC curve in the evaluation of machine learning algorithms. *Pattern Recognition* **30**: 1145–1159.

Dinerstein E, **Olson DM**, **Graham DJ**, **Webster AL**, **Primm SA**, **Bookbinder MP**, **Ledec G**. **1995**. *A conservation assessment of the Terrestrial Ecoregions of Latin America and the Caribbean*. Washington, DC: World Bank and World Wildlife Fund.

Dinerstein E, **Olson D**, **Joshi A**, **Vynne C**, **Burgess ND**, **Wikramanayake E**, **Hahn N**, **Palminteri S**, **Hedao P**, **Noss R**, *et al.* **2017**. An Ecoregion-Based Approach to Protecting Half the Terrestrial Realm. *Bioscience* **67**: 534–545.

Fox J, **Monette G**. **1992**. Generalized collinearity diagnostics. *Journal of the American Statistical Association* **87**: 178–183.

Hijmans RJ. **2012**. Cross-validation of species distribution models: removing spatial sorting bias and calibration with a null model. *Ecology* **93**: 679–688.

Mundry R. **2014**. Statistical issues and assumptions of Phylogenetic Generalized Least Squares. In: Garamszegi LZ, ed. Modern Phylogenetic Comparative Methods and their application in

evolutionary biology: concepts and practice. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 131–153.

Olson DM, **Dinerstein E**. **1998**. The global 200: A representation approach to conserving the earth's most biologically valuable ecoregions. *Conservation Biology* **12**: 502–515.

Pearson RG, **Raxworthy CJ**, **Nakamura M**, **Townsend Peterson A**. **2007**. Predicting species distributions from small numbers of occurrence records: a test case using cryptic geckos in Madagascar. *Journal of Biogeography* **34**: 102–117.

Phillips SJ, **Anderson RP**, **Dudík M**, **Schapire RE**, **Blair ME**. **2017**. Opening the black box: an open-source release of Maxent. *Ecography* **40**: 887–893.

Smith AB, **Santos MJ**. **2020**. Testing the ability of species distribution models to infer variable importance. *Ecography* **43**: 1801–1813.

Wisz MS, **Hijmans RJ**, **Li J**, **Peterson AT**, **Graham CH**, **Guisan A**. **2008**. Effects of sample size on the performance of species distribution models. *Diversity & Distributions* **14**: 763–773.

Woodward FI, **Williams BG**. **1987**. Climate and plant distribution at global and local scales. *Vegetatio* **69**: 189–197.

Zurell D, **Franklin J**, **König C**, **Bouchet PJ**, **Dormann CF**, **Elith J**, **Fandos G**, **Feng X**, **Guillera-Arroita G**, **Guisan A**, *et al.* **2020**. A standard protocol for reporting species distribution models. *Ecography* **43**: 1261–1277.

Table S1. Maxillariinae's chromosome number and genome size records. The voucher information (collector name, number, and date; Herbarium voucher; and number in the living collection, when available, is provided) along with specimem origin are presented. For each chromosome number determined, the correspondent metaphase image in 'Figure1' are indicated. The genome size record is accmpained by the standart deviation (SD) and the average coefficient of variation (CV) for each species.

Species	Chromosome number				Genome size				
	2n	Voucher [Collector, Herbarium, Live collection]*	Origin	Figure 1	1C	SD	CV	Voucher [Collector, Herbarium, Live collection]*	Origin
Anguloa Ruiz & Pav. (11 species)									
Anguloa uniflora Ruiz & Pav.					3.36	0.01	3.36	Hannover Botanic Garden n. 1997-G-17	Commercial Orchidarium
Anguloa virginalis Linden ex B.S.Williams	40	APMoraes 171	Commercial Orchidarium	(a)	3.4	0.01	2.92	AP. Moraes 171	Commercial Orchidarium
Brasiliorchis Singer, Koehler & Carnevali (13 species)									
Brasiliorchis barbosae (Loefgr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	L. Félix s.n.	Domingos Martins, ES	(b)	5.54	0.02	2.83	VL. Gil & al. s.n., São Paulo Institute of Botany n. 12159	Campos do Jordão, SP
								F. Pinheiro 597, HUFABC 929, São Paulo Institute of Botany n. 1374	Pedra Grande, SP
Brasiliorchis chrysantha (Barb.Rodr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	L. Félix s.n.	Una, BA	(c)					
Brasiliorchis consanguinea (Klotzsch) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	FPinheiro 324, SP 388212, São Paulo Institute of Botany n. 1303	Paranapiacaba Reserve, Santo André, SP	(d)	3.80	0.08	2.97	F. Pinheiro 324, SP 388212, São Paulo Institute of Botany n. 1303	Paranapiacaba Biological Reserve, Santo André, SP
Brasiliorchis marginata (Lindl.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	40	GFerreira s.n.	Commercial Orchidarium	(e)					
Brasiliorchis monantha (Barb.Rodr.) Campacci	40	HDBicalho s.n., São Paulo Institute of Botany n. 5442	Córrego Fundo, MG	(f)					
***Camaridium* Lindl. (ca. 80 species)**									
Camaridium carinatum (Barb.Rodr.) Hoehne	38	HDBicalho s.n. in 02/10/1961, São Paulo Institute of Botany n. 911	Ilha Comprida, SP	(g)				HD.Bicalho in 02/10/1961, São Paulo Institute of Botany n. 911	Ilha Comprida, SP
					1.93	0.06	2.85	F. Pinheiro & al in 10/08/2000, São Paulo Institute of Botany n. 17339	Parque Estadual Serra do Mar (Trilha da Mococa), Caraguatatuba, SP
								EP. Chu in 01/01/1996, São Paulo Institute of Botany n. 16781	Cananéia (Ilha do Cardoso), SP
Camaridium ochroleucum Lindl.					4.23	0.06	2.57	AP. Moraes 242, HUFABC 2293	Commercial Orchidarium
Camaridium vestitum (Sw.) Lindl.					1.88	0.03	3.39	AP. Moraes & al. 80, HUFABC 968, São Paulo Institute of Botany s.n.	Manaus, AM
***Christensonella* Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek (11 species)**									
Christensonella echinophyta (Barb.Rodr.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	NA				3.94	0.01	3.17	SC. Francisco s.n., HUFABC 1168, São Paulo Institute of Botany n. 11738	Paranapiacaba Biological Reserve, Santo André, SP
								HUFABC 971, São Paulo Institute of Botany n. 1492	no data
Christensonella fernandiana (Barb.Rodr.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek					4,05	0.29	3.59	HD.Bicalho in 17-19/09/1965, São Paulo Institute of Botany n. 5056	Sant'Ana, MG
								HD.Bicalho in 19-22/03/1962, São Paulo Institute of Botany n. 1487	Camanducaia, MG

Christensonella pachyphylla (Schltr. ex Hoehne) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek								HD. Bicalho s.n., HUFABC 972, São Paulo Institute of Botany n. 901	Cananéia, SP
					4.79	0.02	3.26	P. Brólio s.n., HUFABC 973, São Paulo Institute of Botany n. 3876	Juréia, SP
								AS. Pires s.n., HUFABC 1171, São Paulo Institute of Botany n. 2153	São Paulo, SP
Christensonella paranaensis (Barb.Rodr.) S.Koehler								São Paulo Institute of Botany n. 17096	
					4.37	0.06	3.68	São Paulo Institute of Botany n.13075	
								VL. Gil & al. s.n. in 26 - 27/10/1981, São Paulo Institute of Botany n. 12153	Campos do Jordão, SP
Christensonella pumila (Hook.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	36	LPFélix 9675, EAN 9408	Morro do Chapéu, Chapada Diamantina, BA	(h)					
***Heterotaxis* Lindl. (13 species)**									
Heterotaxis equitans (Schltr.) Ojeda & Carnevali	42	G. Ferreira s.n. (under cultivation)	Commercial Orchidarium	(i)					
Heterotaxis superflua (Rchb.f.) F.Barros	42	LP. Félix & GV. Dornelas s.n., EAN 10832	São Félix do Xingu, PA	(j)					
***Mapinguari* Carnevali & Singer (four species)**									
Mapinguari desvauxianus (Rchb.f.) Carnevali & R.B.Singer	40	LP. Félix & GV. Dornelas s.n., EAN 3835	Una, BA	(k)				ELM. Catharino s.n., HUFABC 952, São Paulo Institute of Botany n. 16285	Salesópolis, SP
					3.27	0.05	3.42	HD. Bicalho s.n., HUFABC 1174, São Paulo Institute of Botany n. 704	Pedro de Toledo, SP
								São Paulo Institute of Botany n. 207	No data
***Maxillaria* Ruiz & Pav. (200-250 species)**									
Maxillaria bradei Schltr. ex Hoehne	40	São Paulo Institute of Botany n. 18077	Peruíbe, SP	(l)				São Paulo Institute of Botany n. 18077	Peruíbe, SP
					2.13	0.14	3.354	B. Guillany s.n., HUFABC 956, São Paulo Institute of Botany n. 8392	Miracatu, SP
								F. Barros s.n., HUFABC 934, São Paulo Institute of Botany n. 15665	Cananéia, SP
Maxillaria crocea Lindl.								P. Martuscelli s.n., HUFABC 1206, São Paulo Institute of Botany n. 15040	Ji-Paraná, Rondônia
					2.77	0.04	3.22	P. Martuscelli s.n., São Paulo Institute of Botany n. 15041	Ji-Paraná, Rondônia
								P. Martuscelli s.n., HUFABC 1203, São Paulo Institute of Botany n. 15044	Ji-Paraná, Rondônia
Maxillaria kegelii Rchb.f.	40	LP. Felix 9484, EAN 10822	Amaraji, PE	(m)	2.83	0.01	2.84	APMoraes & al 77, São Paulo Institute of Botany n. P6286	Manaus, AM
Maxillaria leucaimata Barb.Rodr.	40	LP. Felix s.n. (under cultivation)	Maranguape, CE	(n)				F.Pinheiro & al in 10/08/2000, São Paulo Institute of Botany n. 17337	Parque Estadual Serra do Mar (Trilha da Mococa), Caraguatatuba, SP
					2.29	0.01	2.94	E. Mariano and M. Sugiyama s.n. in 20/12/1995, São Paulo Institute of Botany n. 16766	Cananéia (Ilha do Cardoso), SP

								São Paulo Institute of Botany n. 17563	No data
Maxillaria parkeri Hook.	40	LPFelix s.n. (under cultivation)	Commercial Orchidarium	(o)					
Maxillaria setigera Lindl.	40	LPFelix s.n. (under cultivation)	São Félix do Xingu, PA	(p)					
***Maxillariella* Blanco & Carnevali (46 species)**									
Maxillariella alba (Hook.) M.A.Blanco & Carnevali					3.45	0.09	2.27	F. Barros s.n., São Paulo Institute of Botany n. P3930	Belém, Pará
Maxillariella robusta (Barb.Rodr.) M.A.Blanco & Carnevali	40	J. Rodrigues s.n., São Paulo Institute of Botany n. 8515	Rio Sepotuba, MT	(q)				J. Rodrigues s.n., São Paulo Institute of Botany n. 8510	Rio Sepotuba, MT
					2.64	0.07	3.76	J. Rodrigues s.n., São Paulo Institute of Botany n. 8515	Rio Sepotuba, MT
								B. Guillany s.n., SP 343345, São Paulo Institute of Botany n. 8452	Boracéia, SP
Maxillariella tenuifolia (Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	40	Gomes Ferreira s.n. (under cultivation)	Mexico	(r)	2.98	0.06	2.87	AP. Moraes 09	Ubatuba, SP
Maxillariella variabilis (Bateman ex Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali					2.58	0.09	4.96	HUFABC 1208, São Paulo Institute of Botany s.n.	Belém, Pará
***Mormolyca* Fenzl (25 species)**									
Mormolyca ringens (Lindl.) Gentil	40	HUFABC 955, São Paulo Institute of Botany n. 16891	Ubatuba, SP	(s)	1.89	0.01	2.72	HUFABC 955, São Paulo Institute of Botany n. 16981	Ubatuba, SP
Mormolyca rufescens (Lindl.) M.A.Blanco	40	LPFelix s.n. (under cultivation)	São Vicente Férrer, PE	(t)				P. Brólio s.n., HUFABC 939, São Paulo Institute of Botany n. 3828	Juréia, SP
					2.05	0.07	2.24	HD. Bicalho s.n., HUFABC 938, São Paulo Institute of Botany n. 5410	Córrego Fundo, MG
								LA. Pereira s.n., HUFABC 951, São Paulo Institute of Botany n. 12547	Joaquim Gomes, AL
***Nitidobulbon* Ojeda, Carnevali & Romero (three species)**									
Nitidobulbon nasutum (Rchb.f.) Ojeda & Carnevali	46	Siqueira-Filo & Vicente 984, UFP 24932	Jaqueira, PE	(u)					
***Ornithidium* Salisb. ex R. Br. (ca. 55 species)**									
Ornithidium pendulum (Poepp. & Endl.) Cogn.	40				2.08	0.04	2.69	SAC. Chica s.n., São Paulo Institute of Botany n. 16229	São Bernardo do Campo, SP
								P. Brólio s.n., HUFABC 945, São Paulo Institute of Botany n. 15679	State Reserve of Serra do Mar, SP
***Rhetinantha* Blanco (15 species)**									
Rhetinantha cerifera (Barb.Rodr.) M.A.Blanco	38	F. de Barros s.n., HUFABC 1164, São Paulo Institute of Botany n. 14099	Ilha do Cardoso, Cananéia, SP	(v)				F. Barros s.n., HUFABC 1164, São Paulo Institute of Botany n. 14099	Cananéia (Ilha do Cardoso), SP
					2.72	0.15	3.17	HJ. Targa s.n., HUFABC 1205, São Paulo Institute of Botany n. 3324	Paraty, RJ
								W. Hoehne s.n., São Paulo Institute of Botany n. 6103	Paraty, RJ
Rhetinantha friedrichsthalii (Rchb.f.) M.A.Blanco	36	HUFABC 1165, São Paulo Institute of Botany n. 15196	Machadinho, RO	(w)	3.25	0.01	2.95	P. Martuscelli s.n., SP 251666, São Paulo Institute of Botany n. 15173	Ji-Paraná, RO

								HUFABC 1165, São Paulo Institute of Botany n. 15196	Machadinho, RO
***Scuticaria* Lindl. (nine species)**									
Scuticaria steelei (Hook.) Lindl.	40	AP. Moraes 81, São Paulo Institute of Botany n. P6287	Manaus, AM	(x)	6,12	0.17	1.84	AP. Moraes & al. 75, São Paulo Institute of Botany n. P6287	Manaus, AM
								AP. Moraes & al. 81	Manaus, AM
***Trigonidium* Lindl. (seven species)**									
Trigonidium acuminatum Bateman ex Lindl.								São Paulo Institute of Botany n. 8390	Amazonas
					1.59	0.02	2.43	MB. da Silva and P. Brólio in 07/08/1971, São Paulo Institute of Botany n. 9252	Itagimirim, BA
								HD. Bicalho in 07/11/1964, São Paulo Institute of Botany n. 4709	Faxinal, SC
Trigonidium obtusum Lindl.								HD. Bicalho in 01/10/1961, SP 340099, São Paulo Institute of Botany n. 850	Cananéia, SP
					1.72	0.12	2.50	MB. da Silva & al. in 07/04/1979, SP 340100, São Paulo Institute of Botany n.10822	Boráceia, SP
								HUFABC 1160, São Paulo Institute of Botany n.11340	No data

* Herbarium following the acronym of Thiers (2020); Living collection: Orchidarium Frederico Hoehne in the São Paulo Botanical Garden or Hannover Botanic Garden.

Table S2. GenBank accessions for DNA sequences used in the phylogenetic analyses GenBank coded starting with MZ were produced in the present study.

Species	Authority	Phylogeny		
		GenBank		
		chloroplast		nuclear
		matK	ycf1	ITS
***Anguloa* Ruiz & Pav. (two out of 11 species)**				
Anguloa uniflora	Ruiz & Pav.	KF660280	KF660364	x
Anguloa virginalis	Linden ex B.S.Williams	MZ334594	x	MZ268386
Bifrenaria Lindl. (ten out of 18 species)				
Bifrenaria aureofulva	Lindl.	MZ334595	x	MZ268387
Bifrenaria calcarata	Barb.Rodr.	MZ334596	x	x
Bifrenaria harrisoniae	(Hook.) Rchb.f.	MZ334597	x	MZ268388
Bifrenaria inodora	Lindl.	DQ210744	KF660365	DQ210217
Bifrenaria leucorrhoda	Rchb. f.	MZ334598	x	MZ268389
Bifrenaria longicornis	Lindl.	MZ334599	x	MZ268390
Bifrenaria stefanae	V.P.Castro	MZ334600	x	MZ268391
Bifrenaria tetragona	(Lindl.) Schltr.	DQ210751	KF660529	AF239335
Bifrenaria tyrianthina	(Lodd. ex Loudon) Rchb.f.	MZ334601	EU490721	MZ268392
Bifrenaria tyrianthina	(Lodd. ex Loudon) Rchb.f.	MZ334602	KF660379	MZ268393
Bifrenaria venezuelana	C.Schweinf.	MZ334603	x	MZ268394
Brasiliorchis Singer, Koehler & Carnevali (12 out of 13 species)				
Brasiliorchis barbosae	(Loefgr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	DQ210682	x	DQ210150
Brasiliorchis chrysantha	(Barb.Rodr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	DQ210644	x	DQ210113
Brasiliorchis consanguinea	(Klotzsch) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	DQ210718	x	DQ210188
Brasiliorchis gracilis	(Lodd., G.Lodd. & W.Lodd.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	DQ210686	KF660426	DQ210154
Brasiliorchis kautskyi	(Pabst) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	DQ210646	x	DQ210115
Brasiliorchis marginata	(Lindl.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	DQ210688	x	DQ210156
Brasiliorchis monantha	(Barb.Rodr.) Campacci	MZ334604	x	MZ268395
Brasiliorchis phoenicanthera	(Barb.Rodr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	DQ210703	x	DQ210173

Brasiliorchis picta	(Hook.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	DQ210637	x	DQ210190
Brasiliorchis porphyrostele	(Rchb.f.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	DQ210691	x	DQ210159
Brasiliorchis schunkeana	(Campacci & Kautsky) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	DQ210799	KF660421	DQ210300
Brasiliorchis ubatubana	(Hoehne) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	DQ210735	x	DQ210205
Camaridium Lindl. (four out of ca. 80 species)				
Camaridium carinatum	(Barb.Rodr.) Hoehne	DQ210828	KP269155	DQ210329
Camaridium densum	(Lindl.) M.A.Blanco	DQ210629	x	DQ210091
Camaridium ochroleucum	Lindl.	DQ210626	KF660312	DQ210086
Camaridium vestitum	(Sw.) Lindl.	DQ210643	KF660304	DQ210112
Christensonella Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek (nine out of 11 species)				
Christensonella echinophyta	(Barb.Rodr.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	DQ210727	x	DQ210197
Christensonella fernandiana	(Barb.Rodr.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	DQ210660	KF660353	DQ210129
Christensonella nardoides	(Kraenzl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	DQ210890	KF660452	DQ210403
Christensonella neowiedii	(Rchb.f.) S.Koehler	DQ210661	x	DQ210130
Christensonella pachyphylla	(Schltr. ex Hoehne) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	DQ210733	x	DQ210203
Christensonella paranaensis	(Barb.Rodr.) S.Koehler	DQ210651	x	DQ210120
Christensonella pumila	(Hook.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	DQ210696	x	DQ210166
Christensonella subulata	(Lindl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	DQ210693	x	DQ210161
Christensonella subulata	(Lindl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	DQ210650	x	DQ210119
Christensonella uncata	(Lindl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	DQ210654	KP269116	DQ210123
Heterotaxis Lindl. (seven out of 13 species)				
Heterotaxis brasiliensis	(Brieger & Illg) F.Barros	DQ210687	x	DQ210155
Heterotaxis discolor	(Lodd. ex Lindl.) Ojeda & Carnevali	DQ210711	x	DQ210181
Heterotaxis equitans	(Schltr.) Ojeda & Carnevali	DQ210683	KF660448	DQ210151
Heterotaxis superflua	(Rchb.f.) F.Barros	DQ210705	x	DQ210175
Heterotaxis valenzuelana	(A.Rich.) Ojeda & Carnevali	DQ210700	KF660510	DQ210170
Heterotaxis villosa	(Barb.Rodr.) F.Barros	DQ210732	KP269154	DQ210202
Heterotaxis violaceopunctata	(Rchb.f.) F.Barros	DQ210678	EU123795	DQ210146

Lycaste Lindl. (five out of ca. 30 species)				
Lycaste aromatica	(Graham) Lindl.	AF263669	KF660322	MH762937
Lycaste cruenta	(Lindl.) Lindl.	AF239438	x	AF239342
Lycaste macrobulbon	(Hook.) Lindl.	MZ334605	x	KX434448
Lycaste macrophylla	(Poepp. & Endl.) Lindl.	EU214178	MG490363	AM162259
Lycaste tricolor	Rchb.f.	EU214513	x	x
Mapinguari Carnevali & Singer (two out of four species)				
Mapinguari auyantepuiensis	(Foldats) Carnevali & R.B.Singer	DQ210834	KF660432	DQ210336
Mapinguari desvauxianus	(Rchb.f.) Carnevali & R.B.Singer	DQ210736	x	x
Mapinguari desvauxianus	(Rchb.f.) Carnevali & R.B.Singer	KJ472340	x	DQ210206
Maxillaria Ruiz & Pav. (eight out of ca. 250 species)				
Maxillaria bradei	Schltr. ex Hoehne	DQ210681	x	DQ210149
Maxillaria crocea	Lindl.	DQ210634	x	DQ210103
Maxillaria grandiflora	(Kunth) Lindl.	DQ210938	x	DQ210454
Maxillaria kegelii	Rchb.f.	MZ334606	x	MZ268396
Maxillaria leucaimata	Barb.Rodr.	DQ210638	x	DQ210107
Maxillaria ochroleuca	Lodd. ex Lindl.	DQ210844	x	DQ210346
Maxillaria parkeri	Hook.	DQ210675	x	DQ210144
Maxillaria setigera	Lindl.	DQ210674	x	DQ210143
Maxillariella Blanco & Carnevali (six out of 46 species)				
Maxillariella alba	(Hook.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210814	x	DQ210315
Maxillariella ponerantha	(Rchb.f.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210905	KF660474	DQ210418
Maxillariella procurrens	(Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210782	KF660438	DQ210272
Maxillariella robusta	(Barb.Rodr.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210679	x	DQ210147
Maxillariella tenuifolia	(Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210787	x	DQ210282
Maxillariella variabilis	(Bateman ex Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	DQ210717	KF660481	DQ210187
Mormolyca Fenzl (two out of 25 species)				
Mormolyca ringens	(Lindl.) Gentil	DQ210680	KP269158	DQ210148
Mormolyca rufescens	(Lindl.) M.A.Blanco	DQ210721	KP269145	DQ210191

***Nitidobulbon* Ojeda, Carnevali & Romero (one out of three species)**				
Nitidobulbon nasutum	(Rchb.f.) Ojeda & Carnevali	DQ210699	KF660419	DQ210169
***Ornithidium* Salisb. ex R. Br. (four out of ca. 55 species)**				
Ornithidium aureum	Poepp. & Endl.	DQ210817	x	DQ210318
Ornithidium pendens	(Pabst) Senghas	DQ210635	x	DQ210104
Ornithidium pendulum	(Poepp. & Endl.) Cogn.	DQ210892	x	DQ209690
Ornithidium semiscabrum	Lindl.	KP278300	KP898885	KP323339
Rhetinantha Blanco (four out of 15 species)				
Rhetinantha cerifera	(Barb.Rodr.) M.A.Blanco	MZ334607	KP269133	MZ268397
Rhetinantha friedrichsthalii	(Rchb.f.) M.A.Blanco	DQ209923	x	DQ210210
Rhetinantha notylioglossa	(Rchb.f.) M.A.Blanco	DQ210645	KF660351	DQ210114
Rhetinantha scorpioidea	(Kraenzl.) M.A.Blanco	DQ209905	x	DQ210058
Rudolfiella Hoehne (one out of six species)				
Rudolfiella aurantiaca	(Lindl.) Hoehne	MZ334608	x	MZ268398
Sauvetrea Szlach. (one out of 13 species)				
Sauvetrea laevilabris	(Lindl.) M.A.Blanco	DQ210832	KF660433	DQ210334
Scuticaria Lindl. (two out of nine species)				
Scuticaria hadwenii	(Lindl.) Planch.	MZ334609	KF660370	MZ268399
Scuticaria steelei	(Hook.) Lindl.	MZ334610	x	MZ268400
Trigonidium Lindl. (four out of seven species)				
Trigonidium acuminatum	Bateman ex Lindl.	DQ210731	KF660358	DQ210201
Trigonidium egertonianum	Bateman ex Lindl.	DQ210714	KF660357	DQ210184
Trigonidium obtusum	Lindl.	DQ210641	x	DQ210110
Trigonidium riopalenquense	Dodson	DQ210766	x	DQ210252
Xylobium Lindl. (three out of 30 species)				
Xylobium foveatum	(Lindl.) G.Nicholson	MZ334611	x	KX434452
Xylobium squalens	(Lindl.) Lindl.	EF079255	x	EF079427
Xylobium variegatum	(Ruiz & Pav.) Garay & Dunst.	MZ334612	x	MZ268401

Outgroup				
Dichaea panamensis	Lindl.	AY869981	EU123772	EU123586
Dichaea muricata	(Sw.) Lindl.	EU214160	x	AF239319
Eriopsis biloba	Lindl.	DQ210866	KF660441	DQ210374
Koellensteinia graminea	(Lindl.) Schltr. K.	AY870003	KF660429	AY870102
Peristeria elata	Hook.	AF239442	EU490761	AF239346
Stanhopea ecornuta	Lem.	AF239445	KF660362	AF239349
Stanhopea insigins	J.Frost ex Hook.	KM458431	x	KM458412
Vitekorchis excavata	(Lindl.) Romowicz & Szlach.	FJ563949	FJ562813	FJ565398
Zygopetalum maculatum	(Kunth) Garay	AY869998	FJ562864	AY870097
Zygopetalum maxillare	Lodd.	EF079242	EU123799	AY870095

Table S3. Habit and elevation for Maxillariinae and close related species. Species were classified according the habit type (epiphytic, litophytic and/or terrestrial). Following such classification, two variables were determined for the macroevolutive analysis. Elevation data was obtained from Global Multi-resolution Terrain Elevation Data 2010 (GMTED2010), compiled from observation points.

Species	Authority	Habit			Variables		Elevation		
		Epiphytic	Lithophytic	Terrestrial	Number of possible habits	Exclusively epiphytic	Minimum	Maximun	Mean
Anguloa **Ruiz & Pav. (11 species)**									
Anguloa uniflora	Ruiz & Pav.			x	1		110	3841	1290,1
Anguloa virginalis	Linden ex B.S.Williams			x	1		10	5240	1777,8
Bifrenaria **Lindl. (18 species)**									
Bifrenaria aureofulva	Lindl.	x	x		2		0	1757	762,4
Bifrenaria calcarata	Barb.Rodr.	x	x		2		713	1061	788,3
Bifrenaria harrisoniae	(Hook.) Rchb.f.	x	x		2		0	1552	652,9
Bifrenaria inodora	Lindl.	x	x		2		4	850	350,0
Bifrenaria leucorrhoda	Rchb. f.	x			1	x	4	1795	644,4
Bifrenaria longicornis	Lindl.	x			1	x	12	800	127,3
Bifrenaria stefanae	V.P.Castro	x	x		2		411	1592	924,5
Bifrenaria tetragona	(Lindl.) Schltr.	x	x		2		5	986	378,0
Bifrenaria tyrianthina	(Lodd. ex Loudon) Rchb.f.	x	x		2		4	1795	1032,8
Bifrenaria venezuelana	C.Schweinf.	x			1	x	35	2330	514,2
Brasiliorchis **Singer, Koehler & Carnevali (13 species)**									
Brasiliorchis barbosae	(Loefgr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	x			1	x	11	1739	1114,4
Brasiliorchis chrysantha	(Barb.Rodr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	x			1	x	8	1226	488,9
Brasiliorchis consanguinea	(Klotzsch) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	x	x		2		580	836	729,7
Brasiliorchis gracilis	(Lodd., G.Lodd. & W.Lodd.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	x			1	x	3	1658	713,6
Brasiliorchis kautskyi	(Pabst) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	x			1	x	70	913	641,9
Brasiliorchis marginata	(Lindl.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	x			1	x	0	1795	554,3
Brasiliorchis monantha	(Barb.Rodr.) Campacci	x	x		2		0	1623	753,5
Brasiliorchis phoenicanthera	(Barb.Rodr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	x	x		2		5	1291	427,4
Brasiliorchis picta	(Hook.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	x	x		2		0	1650	705,3
Brasiliorchis porphyrostele	(Rchb.f.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	x			1	x	6	1341	536,7
Brasiliorchis schunkeana	(Campacci & Kautsky) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	x			1	x	49	816	375,0
Brasiliorchis ubatubana	(Hoehne) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	x			1	x	4	1795	780,5
Camaridium **Lindl. (ca. 80 species)**									
Camaridium carinatum	(Barb.Rodr.) Hoehne	x			1	x	0	2778	441,9
Camaridium densum	(Lindl.) M.A.Blanco	x			1	x	8	2398	960,6
Camaridium ochroleucum	Lindl.	x	x		2		1	2331	263,1
Camaridium vestitum	(Sw.) Lindl.	x			1	x	0	2224	376,9
Christensonella **Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek (11 species)**									
Christensonella echinophyta	(Barb.Rodr.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	x			1	x	12	920	494,7
Christensonella fernandiana	(Barb.Rodr.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	x			1	x	4	1264	566,2
Christensonella nardoides	(Kraenzl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	x			1	x	195	1635	647,6
Christensonella neowiedii	(Rchb.f.) S.Koehler	x			1	x	6	1656	742,7
Christensonella pachyphylla	(Schltr. ex Hoehne) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	x	x		2		4	1097	543,6
Christensonella paranaensis	(Barb.Rodr.) S.Koehler	x	x		2		8	1623	734,1
Christensonella pumila	(Hook.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	x			1	x	0	1623	481,8

Christensonella subulata	(Lindl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	x	x		2		0	1795	712,2
Christensonella uncata	(Lindl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	x			1	x	0	2010	329,9
***Heterotaxis* Lindl. (13 species)**									
Heterotaxis brasiliensis	(Brieger & Illg) F.Barros	x	x		2		0	1795	401,4
Heterotaxis discolor	(Lodd. ex Lindl.) Ojeda & Carnevali	x			1	x	6	3317	593,0
Heterotaxis equitans	(Schltr.) Ojeda & Carnevali	x			1	x	17	1192	432,8
Heterotaxis superflua	(Rchb.f.) F.Barros	x			1	x	7	942	147,8
Heterotaxis valenzuelana	(A.Rich.) Ojeda & Carnevali	x			1	x	0	1867	640,7
Heterotaxis villosa	(Barb.Rodr.) F.Barros	x			1	x	10	4123	303,5
Heterotaxis violaceopunctata	(Rchb.f.) F.Barros	x			1	x	35	1617	366,7
***Lycaste* Lindl. (ca. 30 species)**									
Lycaste aromatica	(Graham) Lindl.	x			1	x	17	2499	1036,2
Lycaste cruenta	(Lindl.) Lindl.	x	x		2		408	2477	1625,0
Lycaste macrobulbon	(Hook.) Lindl.	x			1	x	9	2342	1047,5
Lycaste macrophylla	(Poepp. & Endl.) Lindl.	x			1	x	27	3737	1318,4
Lycaste tricolor	Rchb.f.	x			1	x	15	1725	1097,9
***Mapinguari* Carnevali & Singer (four species)**									
Mapinguari auyantepuiensis	(Foldats) Carnevali & R.B.Singer		x	x	2		24	2925	709,9
Mapinguari desvauxianus	(Rchb.f.) Carnevali & R.B.Singer	x	x		2		0	2378	483,3
***Maxillaria* Ruiz & Pav. (ca. 250 species)**									
Maxillaria bradei	Schltr. ex Hoehne	x			1	x	0	2583	304,6
Maxillaria crocea	Lindl.	x			1	x	6	1232	362,8
Maxillaria grandiflora	(Kunth) Lindl.	x			1	x	180	4199	2431,3
Maxillaria kegelii	Rchb.f.	x			1	x	18	2019	309,1
Maxillaria leucaimata	Barb.Rodr.	x	x		2		0	970	270,4
Maxillaria ochroleuca	Lodd. ex Lindl.	x	x		2		0	1894	415,3
Maxillaria parkeri	Hook.	x			1	x	18	2330	221,2
Maxillaria setigera	Lindl.	x			1	x	24	2744	431,2
***Maxillariella* Blanco & Carnevali (46 species)**									
Maxillariella alba	(Hook.) M.A.Blanco & Carnevali	x			1	x	0	1808	427,3
Maxillariella ponerantha	(Rchb.f.) M.A.Blanco & Carnevali	x			1	x	10	2208	626,1
Maxillariella procurrens	(Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	x			1	x	137	3438	1509,5
Maxillariella robusta	(Barb.Rodr.) M.A.Blanco & Carnevali	x			1	x	0	1226	541,7
Maxillariella tenuifolia	(Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	x			1	x	3	3833	457,8
Maxillariella variabilis	(Bateman ex Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	x	x	x	3		6	2728	1030,2
***Mormolyca* Fenzl (25 species)**									
Mormolyca ringens	(Lindl.) Gentil	x			1	x	6	2539	463,8
Mormolyca rufescens	(Lindl.) M.A.Blanco	x			1	x	0	3825	506,3
***Nitidobulbon* Ojeda, Carnevali & Romero (three species)**									
Nitidobulbon nasutum	(Rchb.f.) Ojeda & Carnevali	x			1	x	49	4331	869,0
***Ornithidium* Salisb. ex R. Br. (ca. 55 species)**									
Ornithidium aureum	Poepp. & Endl.	x		x	2		164	4331	1950,1
Ornithidium pendens	(Pabst) Senghas	x			1	x	0	1808	577,0
Ornithidium pendulum	(Poepp. & Endl.) Cogn.	x			1	x	21	2862	823,7
Ornithidium semiscabrum	Lindl.	x			1	x	584	3390	2109,0
***Rhetinantha* Blanco (15 species)**									

Rhetinantha cerifera	(Barb.Rodr.) M.A.Blanco	x			1	x	0	1808	669,2
Rhetinantha friedrichsthalii	(Rchb.f.) M.A.Blanco	x			1	x	0	2545	471,1
Rhetinantha notylioglossa	(Rchb.f.) M.A.Blanco	x			1	x	0	4529	826,5
Rhetinantha scorpioidea	(Kraenzl.) M.A.Blanco	x			1	x	35	2872	892,1
Rudolfiella **Hoehne (six species)**									
Rudolfiella aurantiaca	(Lindl.) Hoehne	x			1	x	14	925	138,3
Sauvetrea **Szlach. (13 species)**									
Sauvetrea laevilabris	(Lindl.) M.A.Blanco	x			1	x	12	3070	1035,3
Scuticaria **Lindl. (nine species)**									
Scuticaria hadwenii	(Lindl.) Planch.	x			1	x	4	1516	820,0
Scuticaria steelei	(Hook.) Lindl.	x			1	x	18	153	45,4
Trigonidium **Lindl. (seven species)**									
Trigonidium acuminatum	Bateman ex Lindl.	x			1	x	3	4008	300,8
Trigonidium egertonianum	Bateman ex Lindl.	x			1	x	0	2197	306,8
Trigonidium obtusum	Lindl.	x			1	x	0	1068	174,4
Trigonidium riopalenquense	Dodson	x			1	x	16	1925	341,3
Xylobium **Lindl. (30 species)**									
Xylobium foveatum	(Lindl.) G.Nicholson	x			1	x	0	2811	558,1
Xylobium squalens	(Lindl.) Lindl.	x			1	x	0	1873	478,6
Xylobium variegatum	(Ruiz & Pav.) Garay & Dunst.	x			1	x	0	1808	388,6
Close related species									
Dichaea panamensis	Lindl.	x			1	x	8	4123	1411,0
Dichaea muricata	(Sw.) Lindl.	x			1	x	0	1636	298,0
Eriopsis biloba	Lindl.		x	x	2		0	1813	813,9
Koellensteinia graminea	(Lindl.) Schltr. K.	x			1	x	0	4055	214,3
Peristeria elata	Hook.			x	1		4	1599	521,6
Stanhopea ecornuta	Lem.	x			1	x	29	1725	635,0
Stanhopea insigins	J.Frost ex Hook.	x			1	x	4	759	137,7
Vitekorchis excavata	(Lindl.) Romowicz & Szlach.			x	1		1512	2967	2317,0
Zygopetalum maculatum	(Kunth) Garay	x			1	x	0	2666	863,3

Table S4. MaxEnt's Species Distribution Models (SDM) results for Maxillariinae species. Number of training and testing occurrence points and parameters for the overall model evaluation for each species are presented: Regularized training gain, training AUC, Regularized test gain, test AUC.

Species	Authority	Presence sample	Training sample	Regularized training gain	Training AUC	Test sample	Test gain	Test AUC	TSS
Anguloa **Ruiz & Pav. (11 species)**									
Anguloa uniflora	Ruiz & Pav.	19.00	16.00	2.72	0.99	3.00	03,04	0.96	0.63
Anguloa virginalis	Linden ex B.S.Williams	12.00	10.00	1.88	0.99	2.00	3.39	0.99	0.74
Bifrenaria **Lindl. (18 species)**									
Bifrenaria aureofulva	Lindl.	85.00	68.00	3.63	0.99	17.00	3.60	0.99	0.92
Bifrenaria calcarata	Barb.Rodr.	8.00	7.00	2.96	0.99	1.00	5.40	1.00	0.75
Bifrenaria harrisoniae	(Hook.) Rchb.f.	77.00	62.00	3.49	0.99	15.00	3.82	0.99	0.95
Bifrenaria inodora	Lindl.	21.00	17.00	3.89	0.99	4.00	5,11	1.00	0.90
Bifrenaria leucorrhoda	Rchb. f.	9.00	8.00	2.98	1.00	1.00	5.21	1.00	0.78
Bifrenaria longicornis	Lindl.	39.00	32.00	2.33	0.98	7.00	1.53	0.94	0.84
Bifrenaria stefanae	V.P.Castro	23.00	19.00	3.80	1.00	4.00	03,09	0.99	0.90
Bifrenaria tetragona	(Lindl.) Schltr.	18.00	15.00	3.80	1.00	3.00	3.67	0.99	0.93
Bifrenaria tyrianthina	(Lodd. ex Loudon) Rchb.f. (2n=38)	34.00	28.00	3.33	0.99	6.00	4.48	1.00	0.90
Bifrenaria venezuelana	C.Schweinf.	11.00	9.00	2.21	0.99	2.00	-0.30	0.79	0.67
Brasiliorchis **Singer, Koehler & Carnevali (13 species)**									
Brasiliorchis barbosae	(Loefgr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	10.00	8.00	3.57	1.00	2.00	5,10	1.00	0.90
Brasiliorchis chrysantha	(Barb.Rodr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	43.00	35.00	2.53	0.98	8.00	2.67	0.98	0.93
Brasiliorchis consanguinea	(Klotzsch) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	6.00	5.00	2.33	0.99	1.00	0.67	0.95	0.79
Brasiliorchis gracilis	(Lodd., G.Lodd. & W.Lodd.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	37.00	30.00	3.54	0.99	7.00	4,10	0.99	0.97
Brasiliorchis kautskyi	(Pabst) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	7.00	6.00	5.18	1.00	1.00	-2.04	0.90	0.57
Brasiliorchis marginata	(Lindl.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	71.00	57.00	3.00	0.99	14.00	2.99	0.98	0.93
Brasiliorchis monantha	(Barb.Rodr.) Campacci	13.00	11.00	2.61	0.99	2.00	2.96	0.99	0.76
Brasiliorchis phoenicanthera	(Barb.Rodr.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	20.00	16.00	2.55	0.98	4.00	2.93	0.98	0.88
Brasiliorchis picta	(Hook.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	138.00	111.00	3.30	0.99	27.00	3.40	0.99	0.93
Brasiliorchis porphyrostele	(Rchb.f.) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	42.00	34.00	3.29	0.99	8.00	3.32	0.98	0.86
Brasiliorchis schunkeana	(Campacci & Kautsky) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	5.00	4.00	4.45	1.00	1.00	5.43	1.00	0.60
Brasiliorchis ubatubana	(Hoehne) R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali	33.00	27.00	3.76	1.00	6.00	3.34	0.98	0.81
Camaridium **Lindl. (ca. 80 species)**									
Camaridium carinatum	(Barb.Rodr.) Hoehne	37.00	30.00	3,10	0.99	7.00	1.69	0.95	0.88
Camaridium densum	(Lindl.) M.A.Blanco	246.00	197.00	3.35	0.99	49.00	3.60	0.97	0.96
Camaridium ochroleucum	Lindl.	140.00	112.00	1.18	0.91	28.00	0.86	0.83	0.61
Camaridium vestitum	(Sw.) Lindl.	156.00	125.00	1.79	0.94	31.00	1.43	0.90	0.74
Christensonella **Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek (11 species)**									
Christensonella echinophyta	(Barb.Rodr.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	8.00	7.00	2.19	0.98	1.00	-0.47	0.78	0.50
Christensonella fernandiana	(Barb.Rodr.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	37.00	30.00	3.16	0.99	7.00	3.39	0.98	0.87
Christensonella nardoides	(Kraenzl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	8.00	7.00	1.73	0.99	1.00	3.34	1.00	0.25
Christensonella neowiedii	(Rchb.f.) S.Koehler	74.00	60.00	3.19	0.99	14.00	2.92	0.98	0.95
Christensonella pachyphylla	(Schltr. ex Hoehne) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	12.00	10.00	3.36	1.00	2.00	0.74	0.84	0.74
Christensonella paranaensis	(Barb.Rodr.) S.Koehler	67.00	54.00	3.15	0.99	13.00	3.16	0.98	0.89
Christensonella pumila	(Hook.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	30.00	24.00	2.89	0.99	6.00	2.20	0.87	0.90

Christensonella subulata	(Lindl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek (2n=38)	111.00	89.00	3.22	0.99	22.00	3.52	0.99	0.90
Christensonella subulata	(Lindl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek (2n=76)	10.00	8.00	2.13	0.99	2.00	04,01	1.00	0.69
Christensonella uncata	(Lindl.) Szlach., Mytnik, Górniak & Smiszek	332.00	266.00	02,02	0.95	66.00	2.30	0.96	0.78
***Heterotaxis* Lindl. (13 species)**									
Heterotaxis brasiliensis	(Brieger & Illg) F.Barros	82.00	66.00	3.64	0.99	16.00	3.81	0.99	0.95
Heterotaxis discolor	(Lodd. ex Lindl.) Ojeda & Carnevali	59.00	48.00	1.88	0.97	11.00	1.83	0.94	0.79
Heterotaxis equitans	(Schltr.) Ojeda & Carnevali	27.00	22.00	2.38	0.98	5.00	2.63	0.96	0.62
Heterotaxis superflua	(Rchb.f.) F.Barros	42.00	34.00	1.96	0.97	8.00	02,05	0.94	0.72
Heterotaxis valenzuelana	(A.Rich.) Ojeda & Carnevali	47.00	38.00	2.36	0.98	9.00	2.46	0.97	0.85
Heterotaxis villosa	(Barb.Rodr.) F.Barros	65.00	52.00	1.98	0.97	13.00	2.20	0.96	0.76
Heterotaxis violaceopunctata	(Rchb.f.) F.Barros	22.00	18.00	1.95	0.97	4.00	0.34	0.82	0.74
***Lycaste* Lindl. (ca. 30 species)**									
Lycaste aromatica	(Graham) Lindl.	110.00	88.00	3.52	0.99	22.00	3.26	0.96	0.93
Lycaste cruenta	(Lindl.) Lindl.	44.00	36.00	4.78	1.00	8.00	5,10	1.00	0.91
Lycaste macrobulbon	(Hook.) Lindl.	5.00	4.00	0.68	0.99	1.00	-0.75	0.4025*	0.39
Lycaste macrophylla	(Poepp. & Endl.) Lindl.	27.00	22.00	3.22	0.99	5.00	2.33	0.97	0.93
Lycaste tricolor	Rchb.f.	14.00	12.00	3.63	1.00	2.00	4.66	1.00	0.78
***Mapinguari* Carnevali & Singer (four species)**									
Mapinguari auyantepuiensis	(Foldats) Carnevali & R.B.Singer	13.00	11.00	1.89	0.99	2.00	01,04	0.85	0.75
Mapinguari desvauxianus	(Rchb.f.) Carnevali & R.B.Singer	31.00	25.00	2.41	0.98	6.00	0.62	0.81	0.78
***Maxillaria* Ruiz & Pav. (ca. 250 species)**									
Maxillaria bradei	Schltr. ex Hoehne	34.00	28.00	3,11	0.99	6.00	3.85	0.98	0.92
Maxillaria crocea	Lindl.	33.00	27.00	3.89	1.00	6.00	05,08	1.00	0.96
Maxillaria grandiflora	(Kunth) Lindl.	36.00	29.00	4.27	1.00	7.00	3,10	0.98	0.90
Maxillaria kegelii	Rchb.f.	30.00	24.00	1.85	0.97	6.00	0.89	0.90	0.80
Maxillaria leucaimata	Barb.Rodr.	36.00	29.00	3.78	0.99	7.00	04,02	0.98	0.90
Maxillaria ochroleuca	Lodd. ex Lindl.	68.00	55.00	2.56	0.98	13.00	3.32	0.99	0.83
Maxillaria parkeri	Hook.	45.00	36.00	02,07	0.97	9.00	2,12	0.95	0.86
Maxillaria setigera	Lindl.	16.00	13.00	1.80	0.98	3.00	2.68	0.91	0.81
***Maxillariella* Blanco & Carnevali (46 species)**									
Maxillariella alba	(Hook.) M.A.Blanco & Carnevali	73.00	59.00	1.93	0.95	14.00	1.31	0.87	0.72
Maxillariella ponerantha	(Rchb.f.) M.A.Blanco & Carnevali	19.00	16.00	2.50	0.99	3.00	2.94	0.99	0.88
Maxillariella procurrens	(Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	22.00	18.00	2.96	0.99	4.00	02,04	0.92	0.80
Maxillariella robusta	(Barb.Rodr.) M.A.Blanco & Carnevali	25.00	20.00	3.94	1.00	5.00	4.50	1.00	0.98
Maxillariella tenuifolia	(Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	137.00	110.00	3.13	0.99	27.00	3.18	0.98	0.92
Maxillariella variabilis	(Bateman ex Lindl.) M.A.Blanco & Carnevali	461.00	369.00	2.82	0.98	92.00	2.96	0.98	0.95
***Mormolyca* Fenzl (25 species)**									
Mormolyca ringens	(Lindl.) Gentil	62.00	50.00	3.44	0.99	12.00	3.75	0.98	0.94
Mormolyca rufescens	(Lindl.) M.A.Blanco	94.00	76.00	1.89	0.96	18.00	2.24	0.95	0.75
***Nitidobulbon* Ojeda, Carnevali & Romero (three species)**									
Nitidobulbon nasutum	(Rchb.f.) Ojeda & Carnevali	64.00	52.00	2.32	0.97	12.00	2.92	0.95	0.83
***Ornithidium* Salisb. ex R. Br. (ca. 55 species)**									
Ornithidium aureum	Poepp. & Endl.	166.00	133.00	03,08	0.99	33.00	3.29	0.99	0.93
Ornithidium pendens	(Pabst) Senghas	54.00	44.00	2.61	0.99	10.00	1,12	0.87	0.85
Ornithidium pendulum	(Poepp. & Endl.) Cogn.	27.00	22.00	3.27	0.99	5.00	3.20	0.97	0.91
Ornithidium semiscabrum	Lindl.	9.00	8.00	03,04	1.00	1.00	3.54	1.00	0.88

***Rhetinantha* Blanco (15 species)**									
Rhetinantha cerifera	(Barb.Rodr.) M.A.Blanco	47.00	38.00	03,08	0.99	9.00	3.97	0.99	0.94
Rhetinantha friedrichsthalii	(Rchb.f.) M.A.Blanco	106.00	85.00	2.89	0.99	21.00	2.40	0.96	0.89
Rhetinantha notylioglossa	(Rchb.f.) M.A.Blanco	102.00	82.00	2.36	0.98	20.00	2.98	0.98	0.87
Rhetinantha scorpioidea	(Kraenzl.) M.A.Blanco	43.00	35.00	2.59	0.97	8.00	3.19	0.95	0.77
***Rudolfiella* Hoehne (six species)**									
Rudolfiella aurantiaca	(Lindl.) Hoehne	24.00	20.00	1.91	0.98	4.00	0.13	0.83	0.81
***Sauvetrea* Szlach. (13 species)**									
Sauvetrea laevilabris	(Lindl.) M.A.Blanco	11.00	9.00	1.28	0.99	2.00	0.31	0.87	0.87
***Scuticaria* Lindl. (nine species)**									
Scuticaria hadwenii	(Lindl.) Planch.	21.00	17.00	3.63	1.00	4.00	4.24	0.99	0.67
Scuticaria steelei	(Hook.) Lindl.	9.00	8.00	03,06	0.99	1.00	4.17	1.00	0.99
***Trigonidium* Lindl. (seven species)**									
Trigonidium acuminatum	Bateman ex Lindl.	79.00	64.00	0.87	0.88	15.00	1.46	0.89	0.57
Trigonidium egertonianum	Bateman ex Lindl.	249.00	200.00	2.80	0.99	49.00	2.82	0.96	0.93
Trigonidium obtusum	Lindl.	27.00	22.00	2.83	0.99	5.00	2.19	0.91	0.77
Trigonidium riopalenquense	Dodson	17.00	14.00	4,10	1.00	3.00	2.36	0.99	0.99
***Xylobium* Lindl. (30 species)**									
Xylobium foveatum	(Lindl.) G.Nicholson	66.00	53.00	2.25	0.98	13.00	1.99	0.90	0.78
Xylobium squalens	(Lindl.) Lindl.	21.00	17.00	2.70	0.99	4.00	2.76	0.98	0.88
Xylobium variegatum	(Ruiz & Pav.) Garay & Dunst.	80.00	64.00	2.64	0.98	16.00	1.96	0.89	0.77
Close related species									
Dichaea panamensis	Lindl.	121.00	97.00	2.89	0.98	24.00	2.75	0.98	0.89
Dichaea muricata	(Sw.) Lindl.	195.00	156.00	2.92	0.98	39.00	3.24	0.99	0.92
Eriopsis biloba	Lindl.	29.00	24.00	2.39	0.99	5.00	2.63	0.97	0.90
Koellensteinia graminea	(Lindl.) Schltr. K.	73.00	59.00	2.23	0.97	14.00	1.81	0.93	0.81
Peristeria elata	Hook.	19.00	16.00	3.97	1.00	3.00	5.18	1.00	0.99
Stanhopea ecornuta	Lem.	26.00	21.00	3.53	1.00	5.00	4.14	1.00	0.99
Stanhopea insigins	J.Frost ex Hook.	12.00	10.00	2.38	1.00	2.00	4.67	1.00	0.42
Vitekorchis excavata	(Lindl.) Romowicz & Szlach.	10.00	8.00	03,05	1.00	2.00	-1.24	0.74	0.50
Zygopetalum maculatum	(Kunth) Garay	188.00	151.00	2.99	0.99	37.00	2.82	0.98	0.88
Zygopetalum maculatum	(Kunth) Garay (2n=48)	8.00	7.00	2.23	1.00	1.00	4.38	1.00	0.86
Zygopetalum maculatum	(Kunth) Garay (2n=72)	6.00	5.00	1.93	1.00	1.00	3.31	0.99	0.66
Zygopetalum maculatum	(Kunth) Garay (2n=96)	14.00	12.00	3.56	1.00	2.00	3.42	0.99	0.78
Zygopetalum maxillare	Lodd.	88.00	71.00	2.99	0.99	17.00	2.96	0.98	0.93

* Low performance model according to Test AUC

Table S5. Evolution model test. For each trait, with and without polyploids, three evolutive models were tested, Brownian Motion (BM), Ornstein–Uhlenbeck (OU), and Early Burst (EB). The AICc value for each model is presented and the lowest value for each trait is presented in bold. Model parameters: "Pagel's Lambda"(for BM), "alpha" rate of adaptation (for OU), "a" rate change (for EB), rate of evolution (sigsq) and root state (z0)

Trait	Model	AICc	Model parameters		
			Parameters	Rate of evolution (sigsq)	Root state (z0)
Chromosome number (without polyploids)	BM	**328.8184**	lambda = 0.905051	sigsq = 156.229349	z0 = 40.877737
	OU	765.3284	alpha = 2.718282	sigsq = 3.36E+10	z0 = 40.973178
	EB	768.1426	a = -0.000003	sigsq = 3.35E+10	z0 = 40.887036
Chromosome number (with polyploids)	BM	**693.3014**	lambda = 0.218484	sigsq = 2.75E+09	z0 = 42.805172
	OU	2570.7096	alpha = 2.718149	sigsq = 6.01E+18	z0 = 41.435888
	EB	2534.3337	a = -0.000032	sigsq = 6.05E+18	z0 = 40.936697
Genome size (without polyploids)	BM	**137.479**	lambda = 0.999647	sigsq = 56.868331	z0 = 4.257916
	OU	139.346	alpha = 0.000001	sigsq = 60.812684	z0 = 4.257914
	EB	139.346	a = -0.000001	sigsq = 60.816166	z0 = 4.257914
Genome size (with polyploids)	BM	**245.541**	lambda = 0.592295	sigsq = 110.037679	z0 = 4.572707
	OU	1507.420	alpha = 2.718046	sigsq = 1.74E+17	z0 = 4.324063
	EB	1506.345	a = -0.000211	sigsq = 1.77E+17	z0 = 4.278202

Table S6. Regressions summary between the genomic traits with and without polyploids in the sample.

Branch length transformations

without polyploids		**with polyploids**	
kappa [Fix] :	1.0	kappa [Fix] :	1.0
lambda [ML] :	1.0	lambda [ML] :	0.0
Lower bound:	0.000, p = < 2.22e-16	Lower bound:	0.000, p = 1
Upper bound:	1.000, p = 1	Upper bound:	1.000, p = < 2.22e-16
95.0% CI:	0.996, NA	95.0% CI:	NA, 0.577
delta [Fix]:	1.0	delta [Fix]:	1.0

Coefficients

	Estimate Std.	**Error**	**t value**	**Pr(>|t|)**	
(Intercept)	3.867.695	91.258	423.822	<2e-16	***
Genome Size	42.255	16.629	2.5411	0.0138	*

Signif. codes:	0 ‘***’ 0.001 ‘**’ 0.01 ‘*’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘ ’ 1				
Residual standard error:	9.513 on 57 degrees of freedom				
Multiple R-squared:	0.1018				
Adjusted R-squared	0.086	p-value:	0.0138		
F-statistic:	6.457 on 1 and 57 DF				

	Estimate Std.	**Error**	**t value**	**Pr(>|t|)**	
(Intercept)	2.545.840	157.869	16.126	<2e-16	***
Genome Size	424.089	36.748	11.540	<2e-16	***

Signif. codes:	0 ‘***’ 0.001 ‘**’ 0.01 ‘*’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘ ’ 1				
Residual standard error:	33.26 on 60 degrees of freedom				
Multiple R-squared:	0.6894				
Adjusted R-squared	0.6842	p-value	<2e-16		
F-statistic:	133.2 on 1 and 60 DF				

GENERAL CONCLUSIONS

We used an integrative approach combining systematics, phylogenetics, cytogenetics and ecology to understand the putative associations of chromosome number and genome size changes with the responses to environmental factors that could determine species occurrence in Maxillariinae orchids. That was achieved through macroevolution analysis with a phylogenetic background, and allowed interesting conclusions not only on the drivers of species occurrence, but also on the evolution of the subtribe.

A Bayesian Inference for Maxillariinae species with basis in DNA sequences from nuclear and plastid markers provided a mostly well resolved phylogenetic hypothesis, revealing relationships among genera within the subtribe and supporting the splitting of the core Maxillariinae into smaller clades, ranked as genera. These gerena are highly supported by molecular data both in our results and in literature, but there is an ongoing discussion on whether to keep then divided or to lump then into a single megagenus *Maxillaria*, on the grounds of avoiding nomenclatural disruption, serving taxonomy learning and teaching, and mainly, of the lack of unambiguous morphological traits to diagnose some of these genera. Despite disagreement among taxonomists about the Maxillariinae genera classification, it is a consensus that the subtribe needs more molecular and morphologic studies to support genera circumscriptions, and our results, by revealing non monophyletic taxa and presenting minor divergences with the literature, point towards the main clades to be further investigated to achieve better resolution in the relationships within both the basal and the core Maxillariinae.

Besides contributing to the Maxillariinae taxonomy quarrel, our work has added DNA sequences for underrepresented genera of Maxillariinae, which will serve any researches aiming to better understand systematics and ecological components of the neotropical flora, and also our own ongoing projects. In fact, starting from these sequences, added to NCBI data, we could draw a second phylogeny, in which species sampling matched the available data on genomic traits of Maxillariinae species, to be used as a phylogenetic background for macroevolution analizes.

Regarding Maxillariinae macroevolution, our results provided interesting additions to the comprehension of changes in chromosome number and genome size in association with habit preferences and responses to environment. Species Distribution Models performed with MaxEnt maximum entropy algorithm revealed that the probability of environmental suitability for occurrence of Maxillariinae species increases in highly isothermic sites, with low temperature seasonality along the year and little daily temperature variations. Probability of suitability for occurrence is also increased by increasing precipitation and by an optimum mean temperature of 15-20°C in the coldest trimester. Such responses are indicative that species occurrence is probably favoured in stable, humid sites, which is in accordance with the fact that they are mostly epiphytic.

Our data suggest that chromosome number and genome size changes might be associated with these environmental preferences, given the correlations found in the phylogenetic regressions. For instance, chromosome number increased by polyploidy was correlated to the desertion of epiphytism as an obligatory habit and to dryer environments, while disregarding polyploidy, the same conditions were associated with decreasing genome sizes. That is due to the fact that once a genome gets too large, the nucleotypic effect makes unrealizable to organisms to be epiphytic, so polyploidy, which inheritably causes the genome to increase, hinders epiphytic habits in orchids, and as geophyte species can more easily access soil moisture, they can better thrive under dryer conditions. At the same time, polyploidy potentially confers species putative benefits allowing them to better upbeat disadvantageous conditions, but without the benefits of the heterogeneity provided by genome doubling, an increased genome may imply only greater coats to the development and maintenance of the organism. Hence, disregarding polyploidy the decrease, and not the increase of genome size would allow species to live in harsher scenarios.

Additionally, chromosome number and genome size relationships with environmental and ecological variables in Maxillariinae species were shown to present phylogenetic signals, hence the genomic traits variations would depend mostly of phylogeny, under Brownian Motion (i.e. relying on stochastic factors), but regression models fitting these traits against the environmental variables have outperformed models fitted against the phylogeny,

suggesting that these niche correlations, despite representing a small portion of the variation in traits, might offer a better explanation than solely the phylogeny.

In conclusion, by correlating with habit preferences and environmental variables, particularly with stressful conditions, chromosomal changes were demonstrated to be a central factor determining the occurrence of Maxillariinae.

REFERENCES

Aasamaa K, Sõber A, Rahi M. **2001**. Leaf anatomical characteristics associated with shoot hydraulic conductance, stomatal conductance and stomatal sensitivity to changes of leaf water status in temperate deciduous trees. *Functional plant biology: FPB* **28**: 765–774.

Anacker BL, Strauss SY. **2014**. The geography and ecology of plant speciation: range overlap and niche divergence in sister species. *Proceedings. Biological sciences / The Royal Society* **281**: 20132980.

Anderson RP, Gonzalez I. **2011**. Species-specific tuning increases robustness to sampling bias in models of species distributions: An implementation with Maxent. *Ecological modelling* **222**: 2796–2811.

Anghelescu NEDG, Bygrave A, Georgescu MI, Petra SA. **2020**. A history of orchids. A history of discovery, lust and wealth. *Sci. Papers Ser. B Hortic.* **64**: 519–530.

Araújo MB, Anderson RP, Márcia Barbosa A, Beale CM, Dormann CF, Early R, Garcia RA, Guisan A, Maiorano L, Naimi B, *et al.* 2019. Standards for distribution models in biodiversity assessments. *Science advances* **5**: eaat4858.

Araujo MB, Naimi B. **2020**. Spread of SARS-CoV-2 Coronavirus likely to be constrained by climate. *MedRxiv*.

Araújo MB, New M. **2007**. Ensemble forecasting of species distributions. *Trends in ecology & evolution* **22**: 42–47.

de Area Leão Pereira EJ, de Santana Ribeiro LC, da Silva Freitas LF, de Barros Pereira HB. **2020**. Brazilian policy and agribusiness damage the Amazon rainforest. *Land use policy* **92**: 104491.

de Area Leão Pereira EJ, Silveira Ferreira PJ, de Santana Ribeiro LC, Sabadini Carvalho T, de Barros Pereira HB. **2019**. Policy in Brazil (2016–2019) threaten conservation of the Amazon rainforest. *Environmental science & policy* **100**: 8–12.

Arévalo R, Cameron KM. **2013**. Molecular phylogenetics of *Mormolyca* (Orchidaceae: Maxillariinae) based on combined molecular data sets. *Lankesteriana: la revista cientifica del Jardin Botanico Lankester, Universidad de Costa Rica*.

Arévalo R, Carnevali G, Cameron KM. **2015**. Three New Species of *Mormolyca* (Orchidaceae: Maxillariinae) with an Updated Molecular Phylogenetic Analysis. *Systematic botany* **40**: 692–705.

Baetcke KP, Sparrow AH, Nauman CH, Schwemmer SS. **1967**. The relationship of DNA content to nuclear and chromosome volumes and to radiosensitivity (LD50). *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* **58**: 533–540.

Balao F, Casimiro-Soriguer R, Talavera M, Herrera J, Talavera S. **2009**. Distribution and diversity of cytotypes in *Dianthus broteri* as evidenced by genome size variations. *Annals of*

botany **104**: 965–973.

Bareth G, Waldhoff G. **2018**. GIS for Mapping Vegetation. In: Huang B, ed. Comprehensive Geographic Information Systems. Oxford: Elsevier, 1–27.

Bennett MD. **1972**. Nuclear DNA content and minimum generation time in herbaceous plants. *Proceedings of the Royal Society of London. Series B, Containing papers of a Biological character. Royal Society* **181**: 109–135.

Bennett MD, Heslop-Harrison JS, Smith JB, Ward JP. **1983**. DNA density in mitotic and meiotic metaphase chromosomes of plants and animals. *Journal of cell science* **63**: 173–179.

Bennett MD, Leitch IJ. **2005**. Genome Size Evolution in Plants. In: Gregory TR, ed. The Evolution of the Genome. Burlington: Academic Press, 89–162.

Bennett MD, Smith JB, Ward J, Jenkins G. **1981**. The relationship between nuclear DNA content and centromere volume in higher plants. *Journal of cell science* **47**: 91–115.

Bennetzen JL, Ma J, Devos KM. **2005**. Mechanisms of recent genome size variation in flowering plants. *Annals of botany* **95**: 127–132.

Benor S, Fuchs J, Blattner FR. **2011**. Genome size variation in *Corchorus olitorius* (Malvaceae s.l.) and its correlation with elevation and phenotypic traits. *Genome / National Research Council Canada = Genome / Conseil national de recherches Canada* **54**: 575–585.

Bentham G. **1881a**. Ordo CLXIX. Orchideae. In: Bentham G, Hooker JD, eds. *Genera Plantarum*. Kew Herbarium, 460–636.

Bentham G. **1881b**. Notes on Orchideae. *The journal of the Linnean Society of London* **18**: 281–360.

Bentham G, Hooker JD. **1862-1883**. *Genera plantarum*. London: Reeve & Co.

Bentham G, Hooker JD. **1883**. *Genera plantarum*. London: Reeve & Co.

Biscotti MA, Olmo E, Heslop-Harrison JSP. **2015**. Repetitive DNA in eukaryotic genomes. *Chromosome research: an international journal on the molecular, supramolecular and evolutionary aspects of chromosome biology* **23**: 415–420.

Blaine Marchant D, Soltis DE, Soltis PS. **2016**. Patterns of abiotic niche shifts in allopolyploids relative to their progenitors. *The New phytologist* **212**: 708–718.

Blanco MA, Carnevali G, Whitten WM, Singer RB, Koehler S, Williams NH, Ojeda I, Neubig KM, Endara L. **2007**. Generic realignments in Maxillariinae (Orchidaceae). *Lankesteriana International Journal on Orchidology* **7**: 514–537.

Booth TH, Nix HA, Busby JR, Hutchinson MF. **2014**. BIOCLIM: the first species distribution modelling package, its early applications and relevance to most current MAXENT studies. *Diversity and Distributions* **20**: 1–9.

Brown R. **1810**. *Prodromus florae Novae Hollandiae et Insulae Van-Diemen: exhibens*

characteres plantarum. London: J. Johnson & Co.

Brownfield L, Köhler C. **2011**. Unreduced gamete formation in plants: mechanisms and prospects. *Journal of experimental botany* **62**: 1659–1668.

Brown JH, Gillooly JF, Allen AP, Savage VM. **2004**. Toward a metabolic theory of ecology. *Ecology*.

Buckley LB, Urban MC, Angilletta MJ, Crozier LG, Rissler LJ, Sears MW. **2010**. Can mechanism inform species' distribution models? *Ecology letters* **13**: 1041–1054.

Cain SA. **1931**. Ecological Studies of the Vegetation of the Great Smoky Mountains of North Carolina and Tennessee. I. Soil Reaction and Plant Distribution. *Botanical gazette* **91**: 22–41.

Cameron KM, Chase MW, Whitten WM, Kores PJ, Jarrell DC, Albert VA, Yukawa T, Hills HG, Goldman DH. **1999**. A Phylogenetic Analysis of the Orchidaceae: Evidence from rbcL Nucleotide Sequences. *American journal of botany* **86**: 208.

Carnevali G. **1991**. The cytology and the pollinaria in the Maxillariinae (Orchidaceae).

Carnevali GFC. **1997**. Systematics, phylogeny, and twig epiphytism in *Cryptocentrum* (Orchidaceae).

Carnevali GFC. **2001**. A synoptical view of the classification of *Cryptocentrum* (Orchidaceae), new taxa, and a key to the genus. *Harvard papers in botany* **5**: 467–486.

Chase MW, Cameron KM, Barrett RL, Freudenstein JV. **2003**. DNA data and Orchidaceae systematics: a new phylogenetic classification. *Orchid conservation* **69**: 32.

Chase MW, Cameron KM, Freudenstein JV, Pridgeon AM, Salazar G, van den Berg C, Schuiteman A. **2015**. An updated classification of Orchidaceae. *Botanical journal of the Linnean Society. Linnean Society of London* **177**: 151–174.

Chase MW, Cameron KM, Hills H, Jarrell D. **1994**. DNA sequences and phylogenetics of the Orchidaceae and other lilioid monocots. In: Proceedings of the 14th world orchid conference. HMSO Edinburgh, 73.

Chase MW, Hanson L, Albert VA, Whitten WM, Williams NH. **2005**. Life history evolution and genome size in subtribe Oncidiinae (Orchidaceae). *Annals of botany* **95**: 191–199.

Chase MW, Hills HG. **1992**. Orchid Phylogeny, Flower Sexuality, and Fragrance-Seeking. *Bioscience* **42**: 43–49.

Chipperfield JD, Benito BM, O'Hara RB, Telford RJ, Carlson CJ. **2020**. On the Inadequacy of Species Distribution Models for Modelling the Spread of SARS-CoV-2: Response to Araújo and Naimi. *EcoEvoRxiv*.

Christenhusz MJM. **2020**. On species concepts, phylogenetics and the science of natural history—three current issues facing taxonomy. *Megataxa* **1**: 67–72.

Christenhusz MJM, Byng JW. **2016**. The number of known plants species in the world and its

annual increase. *Phytotaxa* **261**: 201.

Christenhusz MJM, Vorontsova MS, Fay MF, Chase MW. **2015**. Results from an online survey of family delimitation in angiosperms and ferns: recommendations to the Angiosperm Phylogeny Group for thorny problems in plant classification. *Botanical journal of the Linnean Society. Linnean Society of London* **178**: 501–528.

Christenson EA. **2002**. *Maxillaria*, an overview. In: Proceedings of the 16th World Orchid Conference. Vancouver Orchid Society Vancouver, 279–290.

Christenson EA. **2013**. *Maxillaria: an unfinished monograph*. PA Harding.

Danielson JJ, Gesch DB. **2011**. Global multi-resolution terrain elevation data 2010 (GMTED2010).

Dathe S, Dietrich H. **2006**. Comparative molecular and morphological studies in selected Maxillariinae orchids. *Willdenowia* **36**: 89–102.

Díez CM, Gaut BS, Meca E, Scheinvar E, Montes-Hernandez S, Eguiarte LE, Tenaillon MI. **2013**. Genome size variation in wild and cultivated maize along altitudinal gradients. *The New phytologist* **199**: 264–276.

Dodsworth S, Chase MW, Leitch AR. **2016**. Is post-polyploidization diploidization the key to the evolutionary success of angiosperms? *Botanical Journal of the Linnean Society* **180**: 1–5.

Doyle JJ, Coate JE. **2019**. Polyploidy, the Nucleotype, and Novelty: The Impact of Genome Doubling on the Biology of the Cell. *International journal of plant sciences* **180**: 1–52.

Dressler RL. **1979**. The subfamilies of the Orchidaceae. *Selbyana* **5**: 197–206.

Dressler RL. **1981**. *The orchids: natural history and classification*. Harvard University Press.

Dressler RL. **1993**. *Phylogeny and Classification of the Orchid Family*. Cambridge University Press.

Dressler RL, Dodson CH. **1960**. Classification and Phylogeny in the Orchidacea. *Annals of the Missouri Botanical Garden. Missouri Botanical Garden* **47**: 25–68.

Duan R-Y, Kong X-Q, Huang M-Y, Fan W-Y, Wang Z-G. **2014**. The predictive performance and stability of six species distribution models. *PloS one* **9**: e112764.

Elith J, Graham CH. **2009**. Do They? How Do They? Why Do They Differ? On Finding Reasons for Differing Performances of Species Distribution Models. *Ecography* **32**: 66–77.

Elith J, H. Graham C, P. Anderson R, Dudík M, Ferrier S, Guisan A, J. Hijmans R, Huettmann F, R. Leathwick J, Lehmann A, *et al.* 2006. Novel methods improve prediction of species' distributions from occurrence data. *Ecography* **29**: 129–151.

Elith J, Leathwick JR. **2009**. Species Distribution Models: Ecological Explanation and Prediction Across Space and Time. *Annual review of ecology, evolution, and systematics* **40**:

677–697.

Elith J, Phillips SJ, Hastie T, Dudík M, Chee YE, Yates CJ. **2011**. A statistical explanation of MaxEnt for ecologists. *Diversity and distributions* **17**: 43–57.

Escudero M, Martín-Bravo S, Mayrose I, Fernández-Mazuecos M, Fiz-Palacios O, Hipp AL, Pimentel M, Jiménez-Mejías P, Valcárcel V, Vargas P, *et al.* 2014. Karyotypic changes through dysploidy persist longer over evolutionary time than polyploid changes. *PloS one* **9**: e85266.

Félix LP, Guerra M. **2000**. Cytogenetics and cytotaxonomy of some Brazilian species of Cymbidioid orchids. *Genetics and molecular biology* **23**: 957–978.

Felix LP, Guerra M. **2010**. Variation in chromosome number and the basic number of subfamily Epidendroideae (Orchidaceae). *Botanical journal of the Linnean Society. Linnean Society of London* **163**: 234–278.

Fernández IC, Morales NS. **2019**. One-class land-cover classification using MaxEnt: the effect of modelling parameterization on classification accuracy. *PeerJ* **7**: e7016.

Fiedler PC, Redfern JV, Forney KA, Palacios DM, Sheredy C, Rasmussen K, García-Godos I, Santillán L, Tetley MJ, Félix F, *et al.* 2018. Prediction of Large Whale Distributions: A Comparison of Presence–Absence and Presence-Only Modeling Techniques. *Frontiers in Marine Science* **5**: 419.

Fois M, Cuena-Lombraña A, Fenu G, Bacchetta G. **2018**. Using species distribution models at local scale to guide the search of poorly known species: Review, methodological issues and future directions. *Ecological modelling* **385**: 124–132.

Fourcade Y, Besnard AG, Secondi J. **2018**. Paintings predict the distribution of species, or the challenge of selecting environmental predictors and evaluation statistics. *Global ecology and biogeography: a journal of macroecology* **27**: 245–256.

Garrido-Ramos MA. **2017**. Satellite DNA: An Evolving Topic. *Genes* **8**.

Gregory TR. **2005**. Synergy between sequence and size in large-scale genomics. *Nature reviews. Genetics* **6**: 699–708.

Grinnell J. **1904**. The Origin and Distribution of the Chest-Nut-Backed Chickadee. *The Auk* **21**: 364–382.

Guillera-Arroita G, Lahoz-Monfort JJ, Elith J, Gordon A, Kujala H, Lentini PE, McCarthy MA, Tingley R, Wintle BA. **2015**. Is my species distribution model fit for purpose? Matching data and models to applications. *Global ecology and biogeography: a journal of macroecology* **24**: 276–292.

Guisan A, Lehmann A, Ferrier S, Austin M, Overton JMCC, Aspinall R, Hastie T. **2006**. Making better biogeographical predictions of species' distributions. *The Journal of applied ecology* **43**: 386–392.

Guisan A, Thuiller W. **2005**. Predicting species distribution: offering more than simple

habitat models. *Ecology letters* **8**: 993–1009.

Guo C, Park Y-S, Liu Y, Lek S. **2015**. Toward a new generation of ecological modelling techniques: Review and bibliometrics. In: Park Y-S, Lek S, Baehr C, Jørgensen SE, eds. Advanced Modelling Techniques Studying Global Changes in Environmental Sciences. Elsevier, 11–44.

Halvorsen R. **2013**. A strict maximum likelihood explanation of MaxEnt, and some implications for distribution modelling. *Sommerfeltia* **36**: 1–132.

Halvorsen R, Mazzoni S, Dirksen JW, Næsset E, Gobakken T, Ohlson M. **2016**. How important are choice of model selection method and spatial autocorrelation of presence data for distribution modelling by MaxEnt? *Ecological modelling* **328**: 108–118.

Hao T, Elith J, Guillera-Arroita G, Lahoz-Monfort JJ. **2019**. A review of evidence about use and performance of species distribution modelling ensembles like BIOMOD. *Diversity & distributions* **25**: 839–852.

Hao T, Elith J, Lahoz-Monfort JJ, Guillera-Arroita G. **2020**. Testing whether ensemble modelling is advantageous for maximising predictive performance of species distribution models. *Ecography* **43**: 549–558.

Harbert RS, Cunningham SW, Tessler M. **2020**. Spatial modeling cannot currently differentiate SARS-CoV-2 coronavirus and human distributions on the basis of climate in the United States. *MedRxiv*.

Harmon ME, Bratton SP, White PS. **1984**. Disturbance and vegetation response in relation to environmental gradients in the Great Smoky Mountains. *Vegetatio* **55**: 129–139.

Hartley G, O'Neill RJ. **2019**. Centromere Repeats: Hidden Gems of the Genome. *Genes* **10**.

Hetherington AM, Woodward FI. **2003**. The role of stomata in sensing and driving environmental change. *Nature* **424**: 901–908.

Hijmans RJ, Cameron SE, Parra JL, Jones PG, Jarvis A. **2005**. Very high resolution interpolated climate surfaces for global land areas. *International Journal of Climatology* **25**: 1965–1978.

Hijmans RJ, Phillips S, Leathwick J, Elith J. **2017**. *dismo: Species distribution modeling*.

Hodgson JG, Sharafi M, Jalili A, Díaz S, Montserrat-Martí G, Palmer C, Cerabolini B, Pierce S, Hamzehee B, Asri Y, *et al.* 2010. Stomatal vs. genome size in angiosperms: the somatic tail wagging the genomic dog? *Annals of botany* **105**: 573–584.

Hopkins MJG. **2019**. Are we close to knowing the plant diversity of the Amazon? *Anais da Academia Brasileira de Ciencias* **91**.

Huang B (Ed.). **2018**. *Comprehensive Geographic Information Systems - GIS Applications for Environment and Resources*. Elsevier.

Johnson J. **2020**. The Amazon Ablaze: Are the Environmental Policies of the Bolsonaro Administration in Contravention of Brazil's Commitment to the Convention on Biological

Diversity?

de Jussieu AL. **1789**. *Genera plantarum*. Paris: Hérissant and Barrois.

Kaky E, Nolan V, Alatawi A, Gilbert F. **2020**. A comparison between Ensemble and MaxEnt species distribution modelling approaches for conservation: A case study with Egyptian medicinal plants. *Ecological informatics* **60**: 101150.

Karger DN, Conrad O, Böhner J, Kawohl T, Kreft H, Soria-Auza RW, Zimmermann NE, Linder HP, Kessler M. **2017**. Climatologies at high resolution for the earth's land surface areas. *Scientific data* **4**: 170122.

Kharouba HM, McCune JL, Thuiller W, Huntley B. **2013**. Do ecological differences between taxonomic groups influence the relationship between species' distributions and climate? A global meta-analysis using species distribution models. *Ecography* **36**: 657–664.

Khosravi R, Hemami M-R, Malekian M, Flint AL, Flint LE. **2016**. Maxent modeling for predicting potential distribution of goitered gazelle in central Iran: the effect of extent and grain size on performance of the model. *Turk zooloji dergisi = Turkish journal of zoology* **40**: 574–585.

Kiedrzyński M, Zielińska KM, Rewicz A, Kiedrzyńska E. **2017**. Habitat and spatial thinning improve the Maxent models performed with incomplete data: Spatial and Habitat Thinning in Maxent. *Journal of geophysical research. Biogeosciences* **122**: 1359–1370.

Knight CA, Ackerly DD. **2002**. Variation in nuclear DNA content across environmental gradients: a quantile regression analysis. *Ecology letters* **5**: 66–76.

Knight CA, Beaulieu JM. **2008**. Genome size scaling through phenotype space. *Annals of botany* **101**: 759–766.

Knight CA, Molinari NA, Petrov DA. **2005**. The large genome constraint hypothesis: evolution, ecology and phenotype. *Annals of botany* **95**: 177–190.

Koehler S, do Amaral M do CE. **2004**. A taxonomic study of the South American genus *Bifrenaria* Lindl. (Orchidaceae). *Brittonia* **56**: 314–345.

Koehler S, Cabral JS, Whitten WM, Williams NH, Singer RB, Neubig KM, Guerra M, Souza AP, Amaral M do CE. **2008**. Molecular phylogeny of the neotropical genus *Christensonella* (Orchidaceae, Maxillariinae): species delimitation and insights into chromosome evolution. *Annals of botany* **102**: 491–507.

Koehler S, Singer RB, Amaral MCE. **2012**. Taxonomic revision of the neotropical genus *Christensonella* (Maxillariinae, Orchidaceae). *Botanical journal of the Linnean Society. Linnean Society of London* **168**: 449–472.

Koehler S, Williams NH, Whitten WM, Amaral M do CE do. **2002**. Phylogeny of the *Bifrenaria* (Orchidaceae) complex based on morphology and sequence data from nuclear rDNA internal transcribed spacers (ITS) and chloroplast trn L-trn F region. *International journal of plant sciences* **163**: 1055–1066.

Kong WY, Li XH, Zou HF. **2019**. Optimizing MaxEnt model in the prediction of species distribution. *Ying yong sheng tai xue bao= The journal of applied ecology* **30**: 2116–2128.

Kraaijeveld K. **2010**. Genome Size and Species Diversification. *Evolutionary biology* **37**: 227–233.

Landis JB, Soltis DE, Li Z, Marx HE, Barker MS, Tank DC, Soltis PS. **2018**. Impact of whole-genome duplication events on diversification rates in angiosperms. *American journal of botany* **105**: 348–363.

Lavania UC. **2020**. Plant speciation and polyploidy: in habitat divergence and environmental perspective. *Nucleus* **63**: 1–5.

Lee S-I, Kim N-S. **2014**. Transposable elements and genome size variations in plants. *Genomics & informatics* **12**: 87–97.

Leitch IJ, Bennett MD. **2004**. Genome downsizing in polyploid plants. *Biological Journal of the Linnean Society* **82**: 651–663.

Leitch IJ, Bennett MD. **2007**. Genome size and its uses: The impact of flow cytometry. In: Dolezel J, Greilhuber J, Suda J, eds. Flow Cytometry with Plant Cells: analysis of genes, chromosomes and genomes. Wiley, 153–176.

Leitch IJ, Kahandawala I, Suda J, Hanson L, Ingrouille MJ, Chase MW, Fay MF. **2009**. Genome size diversity in orchids: consequences and evolution. *Annals of botany* **104**: 469–481.

Levin DA. **2002**. *The Role of Chromosomal Change in Plant Evolution*. Oxford University Press.

Linder HP, Barker NP. **2014**. Does polyploidy facilitate long-distance dispersal? *Annals of botany* **113**: 1175–1183.

Lindley J. **1830-1840**. *The Genera and Species of Orchidaceous Plants*. Ridgways.

Lindley J. **1826**. *Orchidearum Sceletos*. London: R. Taylor.

Lindley J (Ed.). **1843**. *Edwards's botanical register*. London: James Ridgway.

Linnaeus C. **1737**. *Genera plantarum*. Leiden.

Linnaeus C. **1753**. *Species plantarum*. Stockholm: Laurentius Salvius.

Liu C, White M, Newell G. **2011**. Measuring and comparing the accuracy of species distribution models with presence-absence data. *Ecography* **34**: 232–243.

Liu C, Wolter C, Xian W, Jeschke JM. **2020**. Species distribution models have limited spatial transferability for invasive species. *Ecology letters* **23**: 1682–1692.

Li X, Wang Y. **2013**. Applying various algorithms for species distribution modelling. *Integrative zoology* **8**: 124–135.

López-Jurado J, Mateos-Naranjo E, Balao F. **2019**. Niche divergence and limits to expansion

in the high polyploid *Dianthus broteri* complex. *The New phytologist* **222**: 1076–1087.

López-Uribe MM, Zamudio KR, Cardoso CF, Danforth BN. **2014**. Climate, physiological tolerance and sex-biased dispersal shape genetic structure of Neotropical orchid bees. *Molecular ecology* **23**: 1874–1890.

Madlung A. **2013**. Polyploidy and its effect on evolutionary success: old questions revisited with new tools. *Heredity* **110**: 99–104.

Malanson GP, Peet RK. **2020**. Foundational biogeography: Vegetation of the Great Smoky Mountains (Ecological Monographs, 26: 1–80, 1956), by Robert H. Whittaker. *Progress in Physical Geography: Earth and Environment* **44**: 137–143.

Mandáková T, Lysak MA. **2018**. Post-polyploid diploidization and diversification through dysploid changes. *Current opinion in plant biology* **42**: 55–65.

Manzaneda AJ, Rey PJ, Bastida JM, Weiss-Lehman C, Raskin E, Mitchell-Olds T. **2012**. Environmental aridity is associated with cytotype segregation and polyploidy occurrence in *Brachypodium distachyon* (Poaceae). *The New phytologist* **193**: 797–805.

Marmion M, Parviainen M, Luoto M, Heikkinen RK, Thuiller W. **2009**. Evaluation of consensus methods in predictive species distribution modelling. *Diversity & distributions* **15**: 59–69.

Martin SL, Husband BC. **2009**. Influence of phylogeny and ploidy on species ranges of North American angiosperms. *The Journal of ecology* **97**: 913–922.

Mas de Xaxars G, Garnatje T, Pellicer J, Siljak-Yakovlev S, Vallès J, Garcia S. **2016**. Impact of dysploidy and polyploidy on the diversification of high mountain *Artemisia* (Asteraceae) and allies. *Alpine Botany* **126**: 35–48.

Masterson J. **1994**. Stomatal size in fossil plants: evidence for polyploidy in majority of angiosperms. *Science* **264**: 421–424.

Mateo RG, Gastón A, Aroca-Fernández MJ, Broennimann O, Guisan A, Saura S, García-Viñas JI. **2019**. Hierarchical species distribution models in support of vegetation conservation at the landscape scale. *Journal of vegetation science: official organ of the International Association for Vegetation Science* **30**: 386–396.

Mayrose I, Lysak MA. **2020**. The evolution of chromosome numbers: mechanistic models and experimental approaches. *Genome biology and evolution*.

Mayrose I, Zhan SH, Rothfels CJ, Magnuson-Ford K, Barker MS, Rieseberg LH, Otto SP. **2011**. Recently Formed Polyploid Plants Diversify at Lower Rates. *Science* **333**: 1257–1257.

Mehrotra S, Goyal V. **2014**. Repetitive sequences in plant nuclear DNA: types, distribution, evolution and function. *Genomics, proteomics & bioinformatics* **12**: 164–171.

Merckx B, Steyaert M, Vanreusel A, Vincx M, Vanaverbeke J. **2011**. Null models reveal preferential sampling, spatial autocorrelation and overfitting in habitat suitability modelling.

Ecological modelling **222**: 588–597.

Merow C, Silander JA Jr. **2014**. A comparison of Maxlike and Maxent for modelling species distributions. *Methods in ecology and evolution / British Ecological Society* **5**: 215–225.

Merow C, Smith MJ, Silander JA Jr. **2013**. A practical guide to MaxEnt for modeling species' distributions: what it does, and why inputs and settings matter. *Ecography* **36**: 1058–1069.

Michael TP. **2014**. Plant genome size variation: bloating and purging DNA. *Briefings in functional genomics* **13**: 308–317.

Miotto M, Monacelli L. **2020**. Genome heterogeneity drives the evolution of species. *Physical Review Research* **2**: 043026.

Moraes AP, Koehler S, Cabral JS, Gomes SSL, Viccini LF, Barros F, Felix LP, Guerra M, Forni-Martins ER. **2017**. Karyotype diversity and genome size variation in Neotropical Maxillariinae orchids. *Plant biology* **19**: 298–308.

Moraes AP, Leitch IJ, Leitch AR. **2012**. Chromosome studies in Orchidaceae: karyotype divergence in Neotropical genera in subtribe Maxillariinae. *Botanical journal of the Linnean Society. Linnean Society of London*.

Moraes AP, Olmos Simões A, Ojeda Alayon DI, de Barros F, Forni-Martins ER. **2016**. Detecting Mechanisms of Karyotype Evolution in *Heterotaxis* (Orchidaceae). *PloS one* **11**: e0165960.

Morales NS, Fernández IC, Baca-González V. **2017**. MaxEnt's parameter configuration and small samples: are we paying attention to recommendations? A systematic review. *PeerJ* **5**: e3093.

Murray A. **1866**. *The geographical distribution of mammals*. Рипол Классик.

Naimi B, Araújo MB. **2016**. sdm: a reproducible and extensible R platform for species distribution modelling. *Ecography* **39**: 368–375.

Neyland MR. **1995**. The molecular and morphological systematics of subfamily Epidendroideae (Orchidaceae) (LE Urbatsch, Ed.).

Neyland R, Urbatsch LE. **1996**. Phylogeny of subfamily Epidendroideae (Orchidaceae) inferred from ndh F chloroplast gene sequences. *American journal of botany* **83**: 1195–1206.

Norberg A, Abrego N, Blanchet FG, Adler FR, Anderson BJ, Anttila J, Araújo MB, Dallas T, Dunson D, Elith J, *et al.* 2019. A comprehensive evaluation of predictive performance of 33 species distribution models at species and community levels. *Ecological monographs* **89**: e01370.

Novello M. **2015**. Filogenia molecular e delimitação de espécies no gênero *Brasiliorchis* (Maxillariinae, Orchidacecae).

Ogutcen E, Vamosi JC. **2016**. A phylogenetic study of the tribe Antirrhineae: Genome duplications and long-distance dispersals from the Old World to the New World. *American*

journal of botany **103**: 1071–1081.

Ojeda I, Carnevali G, Williams NH, Whitten WM. **2003**. Phylogeny of the *Heterotaxis* Lindley complex (Maxillariinae): evolution of the vegetative architecture and pollination syndromes. *Lankesteriana* **7**: 45–47.

Ojeda I, Fernández-Concha GC, Romero-González GA. **2005**. New Species and Combinations in *Heterotaxis* Lindley (Orchidaceae: Maxillariinae). *Novon: a journal for botanical nomenclature / Missouri Botanical Garden* **15**: 572–582.

Ojeda I, Fernández-Concha GC, Romero-González GA. **2009**. *Nitidobulbon*, a New Genus of Maxillariinae (orchidaceae). *Novon: A Journal for Botanical Nomenclature* **19**: 96–101.

Olson DM, Dinerstein E. **1998**. The global 200: A representation approach to conserving the earth's most biologically valuable ecoregions. *Conservation biology: the journal of the Society for Conservation Biology* **12**: 502–515.

Olson DM, Dinerstein E, Wikramanayake ED, Burgess ND, Powell GVN, Underwood EC, D'amico JA, Itoua I, Strand HE, Morrison JC, *et al.* 2001. Terrestrial Ecoregions of the World: A New Map of Life on Earth: A new global map of terrestrial ecoregions provides an innovative tool for conserving biodiversity. *Bioscience* **51**: 933–938.

Pandit MK, Pocock MJO, Kunin WE. **2011**. Ploidy influences rarity and invasiveness in plants: Ploidy rarity and invasiveness. *The Journal of ecology* **99**: 1108–1115.

Pandit MK, White SM, Pocock MJO. **2014**. The contrasting effects of genome size, chromosome number and ploidy level on plant invasiveness: a global analysis. *The New phytologist* **203**: 697–703.

Parisod C, Holderegger R, Brochmann C. **2010**. Evolutionary consequences of autopolyploidy. *The New phytologist* **186**: 5–17.

Park YS, Lek S, Baehr C, Jørgensen SE. **2015**. *Advanced Modelling Techniques Studying Global Changes in Environmental Sciences*. Elsevier.

Paule J, Heller S, Maciel JR, Monteiro RF, Leme EMC, Zizka G. **2020**. Early Diverging and Core Bromelioideae (Bromeliaceae) Reveal Contrasting Patterns of Genome Size Evolution and Polyploidy. *Frontiers in plant science* **11**: 1295.

Pavon JA, Ruiz H. **1794**. *Prodromus et Flora Pernviana et Chilensis. Reprint 1965*. Cramer.

Pelé A, Rousseau-Gueutin M, Chèvre A-M. **2018**. Speciation Success of Polyploid Plants Closely Relates to the Regulation of Meiotic Recombination. *Frontiers in plant science* **9**: 907.

Perkins-Taylor IE, Frey JK. **2020**. Predicting the distribution of a rare chipmunk (Neotamias quadrivittatus oscuraensis): comparing MaxEnt and occupancy models. *Journal of mammalogy* **101**: 1035–1048.

Pezer Z, Brajković J, Feliciello I, Ugarković D. **2012**. Satellite DNA-mediated effects on genome regulation. *Genome dynamics* **7**: 153–169.

Pfennig KS, Kelly AL, Pierce AA. **2016**. Hybridization as a facilitator of species range expansion. *Proceedings. Biological sciences / The Royal Society* **283**.

Pfitzer EHH. **1887**. *Entwurf einer natürlichen Anordnung der Orchideen*. C. Winter's Universitätsbuchhandlung.

Pfitzer E. **1889**. Orchidaceae. In: Engler A, Prantl K, eds. Die natürlichen Pflanzenfamilien. Ed, 52–122.

Phillips SJ. **2017**. *A brief tutorial on Maxent*. AT&T Research.

Phillips SJ, Anderson RP, Dudík M, Schapire RE, Blair ME. **2017**. Opening the black box: an open-source release of Maxent. *Ecography* **40**: 887–893.

Phillips SJ, Anderson RP, Schapire RE. **2006**. Maximum entropy modeling of species geographic distributions. *Ecological modelling* **190**: 231–259.

Phillips SJ, Dudík M. **2008**. Modeling of species distributions with Maxent: new extensions and a comprehensive evaluation. *Ecography* **31**: 161–175.

Phillips SJ, Dudík M, Schapire RE. **2004**. A maximum entropy approach to species distribution modeling. In: ICML '04. Proceedings of the twenty-first international conference on Machine learning. New York, NY, USA: Association for Computing Machinery, 83.

Pimentel M, Escudero M, Sahuquillo E, Minaya MÁ, Catalán P. **2017**. Are diversification rates and chromosome evolution in the temperate grasses (Pooideae) associated with major environmental changes in the Oligocene-Miocene? *PeerJ* **5**: e3815.

Pridgeon AM, Cribb PJ, Chase MW, Rasmussen FN (Eds.). **2009**. *Genera Orchidacearum, vol. 5: Epidendroideae, part 2*. Oxford University Press.

Pustahija F, Brown SC, Bogunić F, Bašić N, Muratović E, Ollier S, Hidalgo O, Bourge M, Stevanović V, Siljak-Yakovlev S. **2013**. Small genomes dominate in plants growing on serpentine soils in West Balkans, an exhaustive study of 8 habitats covering 308 taxa. *Plant and soil* **373**: 427–453.

Puttick MN, Clark J, Donoghue PCJ. **2015**. Size is not everything: rates of genome size evolution, not C-value, correlate with speciation in angiosperms. *Proceedings. Biological sciences / The Royal Society* **282**: 20152289.

Qiao X, Li Q, Yin H, Qi K, Li L, Wang R, Zhang S, Paterson AH. **2019**. Gene duplication and evolution in recurring polyploidization–diploidization cycles in plants. *Genome Biology* **20**.

Radosavljevic A, Anderson RP. **2014**. Making better Maxent models of species distributions: complexity, overfitting and evaluation. *Journal of biogeography* **41**: 629–643.

Ramsey J, Ramsey TS. **2014**. Ecological studies of polyploidy in the 100 years following its discovery. *Philosophical transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological sciences* **369**.

Ramsey J, Schemske DW. **1998**. Pathways, mechanisms, and rates of polyploid formation in

flowering plants. *Annual review of ecology and systematics* **29**: 467–501.

Rastogi S, Liberles DA. **2005**. Subfunctionalization of duplicated genes as a transition state to neofunctionalization. *BMC evolutionary biology* **5**: 28.

Razafinarivo NJ, Rakotomalala J-J, Brown SC, Bourge M, Hamon S, de Kochko A, Poncet V, Dubreuil-Tranchant C, Couturon E, Guyot R, *et al.* 2012. Geographical gradients in the genome size variation of wild coffee trees (*Coffea*) native to Africa and Indian Ocean islands. *Tree genetics & genomes* **8**: 1345–1358.

Ren L, Huang W, Cannon EKS, Bertioli DJ, Cannon SB. **2018a**. A Mechanism for Genome Size Reduction Following Genomic Rearrangements. *Frontiers in genetics* **9**: 454.

Ren R, Wang H, Guo C, Zhang N, Zeng L, Chen Y, Ma H, Qi J. **2018b**. Widespread Whole Genome Duplications Contribute to Genome Complexity and Species Diversity in Angiosperms. *Molecular plant* **11**: 414–428.

Rezende L, Suzigan J, Amorim FW, Moraes AP. **2020**. Can plant hybridization and polyploidy lead to pollinator shift? *Acta botanica Brasilica* **34**: 229–242.

Richard LC. **1818**. De orchideis Europeis annatationes. *Mém. Mus. Hist. Nat.* **4**: 23–61.

Roalson E, McCubbin A, Whitkus R. **2007**. Chromosome Evolution in Cyperales. *Aliso* **23**: 62–71.

Ryan A. **2001**. A phylogenetic assessment of *Lycaste* and *Anguloa* (Orchidaceae).

Sanei A, Zakaria M, Mohamadi H, Masoud MR, Jafaari B, Delshab H, Gordmardi E, Jamadi M, Darvishi K, Poursalem S. **2020**. Ground Validation of the Persian Leopard MaxEnt Potential Distribution Models: An Evaluation to Three Threshold Rules. In: Sanei A, ed. Research and Management Practices for Conservation of the Persian Leopard in Iran. Cham: Springer International Publishing, 109–129.

dos Santos JG, Malhado ACM, Ladle RJ, Correia RA, Costa MH. **2015**. Geographic trends and information deficits in Amazonian conservation research. *Biodiversity and conservation* **24**: 2853–2863.

Savage VM, Gilloly JF, Brown JH, Charnov EL. **2004**. Effects of body size and temperature on population growth. *The American naturalist* **163**: 429–441.

Schimper AFW. **1902**. *Plant-geography upon a physiological basis*. Clarendon Press.

Schuiteman A, Chase M. **2015**. A reappraisal of *Maxillaria* (Orchidaceae). *Phytotaxa* **225**: 1–78.

Senghas K. **1993**. Subtribus Maxillariinae. *Rudolf Schlechter, Die Orchideen* **1**: 1727–1776.

Senghas K. **2000**. *Maxillaria*, un genre chaotique. *Richardiana* **2**: 29–38.

Shabani F, Kumar L, Ahmadi M. **2018**. Assessing accuracy methods of species distribution

models: AUC, specificity, sensitivity and the true skill statistic. *Glob. J. Hum. Soc. Sci* **18**.

Silva LD, Costa H, de Azevedo EB, Medeiros V, Alves M, Elias RB, Silva L. **2014**. Modelling native and invasive woody species: A comparison of ENFA and MaxEnt applied to the Azorean forest. In: Pinto AA, Zilberman D, eds. Springer proceedings in mathematics & statistics. Modeling, Dynamics, Optimization and Bioeconomics. Berkeley: Springer International Publishing, 415–444.

Silveira RM, Machado RM, Forni-Martins ER, Verola CF, Costa IR. **2016**. Environmental variations drive polyploid evolution in neotropical *Eugenia* species (Myrtaceae). *Genetics and molecular research: GMR* **15**.

Simonin KA, Roddy AB. **2018**. Genome downsizing, physiological novelty, and the global dominance of flowering plants. *PLoS biology* **16**: e2003706.

Sinclair SJ, White MD, Newell GR. **2010**. How Useful Are Species Distribution Models for Managing Biodiversity under Future Climates? *Ecology and Society* **15**.

Singer RB, Koehler S, Carnevali G. **2007**. *Brasiliorchis* A New Genus for the *Maxillaria picta* Alliance (Orchidaceae, Maxillariinae). *Novon: A Journal for Botanical Nomenclature* **17**: 91–99.

Soberón JM. **2010**. Niche and area of distribution modeling: a population ecology perspective. *Ecography* **33**: 159–167.

Soltis DE, Albert VA, Leebens-Mack J, Bell CD, Paterson AH, Zheng C, Sankoff D, Depamphilis CW, Wall PK, Soltis PS. **2009**. Polyploidy and angiosperm diversification. *American journal of botany* **96**: 336–348.

Soltis PS, Marchant DB, Van de Peer Y, Soltis DE. **2015**. Polyploidy and genome evolution in plants. *Current opinion in genetics & development* **35**: 119–125.

Soltis DE, Soltis PS, Schemske DW, Hancock JF, Thompson JN, Husband BC, Judd WS. **2007**. Autopolyploidy in angiosperms: have we grossly underestimated the number of species? *Taxon* **56**: 13–30.

Souza G, Costa L, Guignard MS, Van-Lume B, Pellicer J, Gagnon E, Leitch IJ, Lewis GP. **2019**. Do tropical plants have smaller genomes? Correlation between genome size and climatic variables in the Caesalpinia Group (Caesalpinioideae, Leguminosae). *Perspectives in plant ecology, evolution and systematics* **38**: 13–23.

Sparrow AH, Miksche JP. **1961**. Correlation of Nuclear Volume and DNA Content with Higher Plant Tolerance to Chronic Radiation. *Science* **134**: 282–283.

Srivastava V, Lafond V, Griess VC, Others. **2019**. Species distribution models (SDM): applications, benefits and challenges in invasive species management. *CAB Rev* **14**: 1–13.

Stewart P, Garvey B, Torres M, Borges de Farias T. **2020**. Amazonian destruction, Bolsonaro and COVID-19: Neoliberalism unchained. *Capital & Class*: 0309816820971131.

Štívková Z, Kosánová K, Romportl D, Kindlmann P. **2018**. Determinants of orchid

occurrence: a Czech example. *Selected Studies in Biodiversity*: 133–155.

Svenning J-C, Fløjgaard C, Marske KA, Nógues-Bravo D, Normand S. **2011**. Applications of species distribution modeling to paleobiology. *Quaternary science reviews* **30**: 2930–2947.

Swartz O. **1800**. Orchidernes Slagter och Arter Upstallde. *Kongl. Vetensk. Acad. Nya Hand.* **21**.

Szlachetko DL, Mytnik-Ejsmont J, Górniak M, Smiszek M. **2006**. Genera et species orchidalium. 15. Maxillarieae. *Polish botanical journal* **51**: 57–59.

Szlachetko DL, Sitko M, Tukałło P, Mytnik-Ejsmont J. **2012**. Taxonomy of the subtribe Maxillariinae (Orchidaceae, Vandoideae) revised. *Biodiversity research and conservation* **25**: 13–38.

Temsch EM, Temsch W, Ehrendorfer-Schratt L, Greilhuber J. **2010**. Heavy metal pollution, selection, and genome size: The species of the Žerjav study revisited with flow cytometry. *Journal of botany* **2010**: 1–11.

Thompson KA, Husband BC, Maherali H. **2014**. Climatic niche differences between diploid and tetraploid cytotypes of *Chamerion angustifolium* (Onagraceae). *American journal of botany* **101**: 1868–1875.

Trávníček P, Čertner M, Ponert J, Chumová Z, Jersáková J, Suda J. **2019**. Diversity in genome size and GC content shows adaptive potential in orchids and is closely linked to partial endoreplication, plant life-history traits and climatic conditions. *The New phytologist* **224**: 1642–1656.

Van Echelpoel W, Boets P, Landuyt D, Gobeyn S, Everaert G, Bennetsen E, Mouton A, Goethals PLM. **2015**. Species distribution models for sustainable ecosystem management. In: Park Y-S, Lek S, Baehr C, Jørgensen SE, eds. Advanced Modelling Techniques Studying Global Changes in Environmental Sciences. Elsevier, 115–134.

Veselý P, Bures P, Smarda P, Pavlícek T. **2012**. Genome size and DNA base composition of geophytes: the mirror of phenology and ecology? *Annals of botany* **109**: 65–75.

Vinogradov AE. **2003**. Selfish DNA is maladaptive: evidence from the plant Red List. *Trends in genetics: TIG* **19**: 609–614.

Visger CJ, Germain-Aubrey CC, Patel M, Sessa EB, Soltis PS, Soltis DE. **2016**. Niche divergence between diploid and autotetraploid *Tolmiea*. *American journal of botany* **103**: 1396–1406.

Warren DL, Glor RE, Turelli M. **2010**. ENMTools: a toolbox for comparative studies of environmental niche models. *Ecography*.

Warren DL, Seifert SN. **2011**. Ecological niche modeling in Maxent: the importance of model complexity and the performance of model selection criteria. *Ecological applications: a publication of the Ecological Society of America* **21**: 335–342.

Whittaker RH. **1956**. Vegetation of the great smoky mountains. *Ecological monographs* **26**:

1–80.

Whitten MW, Blanco MA, Williams NH. **2006**. Recircumscription of *Pityphyllum* (Orchidaceae: Maxillariinae). *Orchids* **75**: 452–456.

Whitten WM, Blanco MA, Williams NH, Koehler S, Carnevali G, Singer RB, Endara L, Neubig KM. **2007**. Molecular phylogenetics of *Maxillaria* and related genera (Orchidaceae: Cymbidieae) based on combined molecular data sets. *American journal of botany* **94**: 1860–1889.

Whitten WM, Neubig KM, Williams NH. **2014**. Generic and subtribal relationships in Neotropical Cymbidieae (Orchidaceae) based on matK/ycf1 plastid data. *Lankesteriana International Journal on Orchidology* **13**: 375–392.

Whitten WM, Williams NH, Chase MW. **2000**. Subtribal and generic relationships of Maxillarieae (Orchidaceae) with emphasis on Stanhopeinae: combined molecular evidence. *American journal of botany* **87**: 1842–1856.

Williams NH, Mark Whitten W. **2003**. Molecular phylogenetics and generic concepts in the Maxillarieae (Orchidaceae). *Lankesteriana*.

Winterfeld G, Paule J, Hoffmann MH, Ley A, Röser M. **2020**. Antagonistic effects of whole-genome duplications and dysploidy on genome sizes in the pantropical monocot family Marantaceae: Consequences in the light of a new molecular phylogeny. *Current Plant Biology* **24**: 100181.

Wisz MS, Hijmans RJ, Li J, Peterson AT, Graham CH, Guisan A, NCEAS Predicting Species Distributions Working Group†. **2008**. Effects of sample size on the performance of species distribution models. *Diversity & distributions* **14**: 763–773.

Wood TE, Takebayashi N, Barker MS, Mayrose I, Greenspoon PB, Rieseberg LH. **2009**. The frequency of polyploid speciation in vascular plants. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* **106**: 13875–13879.

Yackulic CB, Chandler R, Zipkin EF, Royle JA, Nichols JD, Campbell Grant EH, Veran S. **2013**. Presence-only modelling using MAXENT: when can we trust the inferences? *Methods in ecology and evolution / British Ecological Society* **4**: 236–243.

Yamagishi-Costa J, Forni-Martins ER. **2009**. Hybridization and polyploidy: cytogenetic indications for Hoffmannseggella (Orchidaceae) species evolution. *International journal of botany: IJB*.

Zurell D, Franklin J, König C, Bouchet PJ, Dormann CF, Elith J, Fandos G, Feng X, Guillera-Arroita G, Guisan A, *et al.* 2020. A standard protocol for reporting species distribution models. *Ecography* **43**: 1261–1277.

Anexo I – Declaração referente à Bioética e Biossegurança

COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE BIOLOGIA
Universidade Estadual de Campinas
Caixa Postal 6109. 13083-970, Campinas, SP, Brasil
Fone (19) 3521-6378. email: cpgib@unicamp.br

DECLARAÇÃO

Em observância ao **§5º do Artigo 1º da Informação CCPG-UNICAMP/001/15**, referente a Bioética e Biossegurança, declaro que o conteúdo de minha Tese de Doutorado, intitulada "***Macroevolutionary studies in Maxillariinae (Orchidaceae)***", desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal do Instituto de Biologia da Unicamp, não versa sobre pesquisa envolvendo seres humanos, animais ou temas afetos a Biossegurança.

Assinatura: _____
Nome do(a) aluno(a): Thaíssa Brogliato Junqueira Engel

Assinatura: _____
Nome do(a) orientador(a): Eliana Regina Forni Martins

Data: 25/06/2021

Anexo II – Declaração referente aos direitos autorais

Declaração

As cópias de artigos de minha autoria ou de minha co-autoria, já publicados ou submetidos para publicação em revistas científicas ou anais de congressos sujeitos a arbitragem, que constam da minha Dissertação/Tese de Mestrado/Doutorado, intitulada **Macroevolutionary studies in Maxillariinae (Orchidaceae)**, não infringem os dispositivos da Lei n.° 9.610/98, nem o direito autoral de qualquer editora.

Campinas, 25 de junho de 2021

Assinatura : _____
Nome do(a) autor(a): **Thaissa Brogliato Junqueira Engel**
RG n.° 321.503.178-77

Assinatura : _____
Nome do(a) orientador(a): **Eliana Regina Forni Martins**
RG n.° 8.580.582-8